

LÍLIAN DE FREITAS MIRANDA

**A MEMÓRIA DO MUNICÍPIO DE VIÇOSA NO JORNAL *FOLHA DA MATA*
(1970/2019)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Luiz Lima Vailati

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

M385m
2022

Miranda, Lílian de Freitas, 1980-

"A memória do município de Viçosa no jornal Folha da
Mata (1970/2019)" / Lílian de Freitas Miranda. – Viçosa, MG,
2022.

1 dissertação eletrônica (166 f.): il.

Inclui anexo.

Orientador: Luiz Lima Vailati.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de História, 2022.

Inclui bibliografia.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2022.626>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Memória coletiva - Viçosa (MG) - 1970-2019.
2. Congadas - Viçosa (MG) - História. 3. Folha da Mata (Jornal)
- 1970-2019. I. Vailati, Luiz Lima, 1975-. II. Universidade
Federal de Viçosa. Departamento de História. Programa de
Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania.
- III. Título.

CDD 22. ed. 306

Bibliotecário(a) responsável: Alice Regina Pinto Pires CRB-6/2523

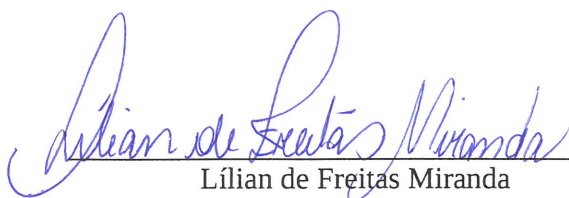
LÍLIAN DE FREITAS MIRANDA

**A MEMÓRIA DO MUNICÍPIO DE VIÇOSA NO JORNAL FOLHA DA MATA
(1970/2019)**

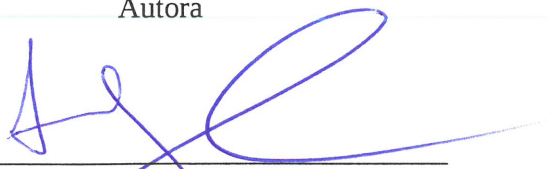
Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 21 de julho de 2022.

Assentimento:



Lílian de Freitas Miranda
Autora



Luiz Lima Vailati
Orientador

Viviane

*É, a gente quer sempre uma janela
que dê para rua
que dê para um jardim
que dê para ver e sentir a vida fora de si.*

*A gente procura sempre uma janela
que dê para flores
que dê para aferir o tempo,
as nuvens, o sol ou a chuva.*

*É, a gente encontra sempre uma janela
que nos retire de uma conversa enfadonha ou do cotidiano
que dê para um quintal ou para o mundo.*

*É, a vida tem sempre uma janela,
quadrada ou redonda, de vidro ou madeira
palavra, verbo ou soneto.*

Lílian F. Miranda

AGRADECIMENTOS

Agradeço à vida pela oportunidade de tentar. À minha mãe, Maurília, e ao meu pai, Zé Preto (*in memoriam*), pela coragem e força de sempre acolher. Foram nos tanques de roupas sujas dos estudantes dessa Universidade que eles tiraram meu sustento. Com eles aprendi que, para ser bom, basta ser honesto e ter coragem. Muito obrigada, papai e mamãe, vocês nunca soltaram a minha mão, mesmo quando estava perdida, sempre estiveram ao meu lado.

À Viviane, agradeço por me ensinar a amar as crianças, pela criança que um dia ela foi. Eu aprendi e aprendo muito sobre o amor com você! À minha filha, Adriana Maria, por me ensinar o caminho do perdão e da entrega. À minha família, por me aceitar e aprender a me amar. À tia Lica e à tia Izabel (*in memoriam*), por estarem conosco todas as vezes que o chão teimava em abrir-se embaixo dos nossos pés, gratidão!

Ao meu orientador, o professor Luiz Lima Vailati, externo a minha profunda gratidão. Sem a sua ajuda, esse trabalho não seria possível! Agradeço pela paciência e pelos inúmeros ensinamentos. Lembro-me de um dia, lá na graduação, quando você aceitou essa orientação... De lá para cá o mundo balançou tanto e você não soltou a minha mão. Obrigada!

Aos professores do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da UFV, agradeço pelos ensinamentos. Um agradecimento especial às professoras Priscila Dorella e Carolina Capanema pelas leituras e contribuições durante o seminário do mestrado.

Deixo minha gratidão à Maria Eunice, do jornal Folha da Mata, por abrir as portas do Arquivo Folha da Mata.

Agradeço aos inúmeros amigos que cruzaram meu caminho durante essa travessia. Em nome das lutas que travamos (representando vocês), agradeço ao Yuri.

De modo geral, agradeço a todos os funcionários da UFV, desde os professores aos faxineiros, por abrirem o caminho para que pessoas como eu pudessem passar e chegar até aqui. Muito obrigada!

Vozes-mulheres

*(...)A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.*

*A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.*

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.*

*Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.*

Conceição Evaristo

RESUMO

MIRANDA, LÍlian de Freitas, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, julho de 2022. **A memória do município de Viçosa no jornal *Folha da Mata* (1970 -2019).** Orientador: Luiz Lima Vailati.

Essa pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. O estudo versa sobre a história da memória do município de Viçosa – MG, entre os anos de 1970 e 2019. Nesse período, intensificam-se os trabalhos de organização do fenômeno, em virtude da comemoração dos 100 anos do município, e encerra-se um pouco antes da celebração do seu aniversário de 150 anos. Foi examinada a constituição do trabalho de enquadramento da memória oficial sobre a cidade de Viçosa-MG, a partir de seus atores profissionalizados e da produção de narrativas organizadas, destacando disputas entre memórias concorrentes, de famílias e partidos políticos, que exerciam funções de legitimação de pessoas e coletivos. As formas das narrativas foram tratadas como ferramentas para atualização da memória, inclusão de novos quadros de lembranças e na manifestação dos limites da versão oficializada sobre a cidade vocacionada à educação em relação a outras memórias. Na discussão, foram utilizados conceitos como “trabalho de enquadramento da memória”, “lugares de memória”, “testemunho” e “memória cultural” para compreender as nuances do fenômeno oficial e confrontá-lo com a memória dos silenciados, representados no grupo de congadeiros local. As fontes analisadas foram obras de memorialistas locais, série de edições do jornal *Folha da Mata* e um documentário sobre a tradição do congado de São José do Triunfo. O exame teórico soma-se à produção de uma cartilha, com propostas de práticas para colaborar para a inserção do conteúdo referente à história local nas escolas, a partir de atividades de fácil e baixo custo de execução que visam ouvir e reconhecer os “outros” a partir de suas histórias, e a perceber o município através de outras representações do passado.

Palavras-chave: Memória. Narrativas. Silenciados.

ABSTRACT

MIRANDA, LÍlian de Freitas, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, July, 2022. **The memory of the municipality of Viçosa in the Folha da Mata newspaper (1970 -2019).** Adviser: Luiz Lima Vailati.

This research was developed within the scope of the Professional Master in Cultural Heritage Landscapes and Citizenship. It deals with the history of the memory of the municipality of Viçosa - MG, between 1970 and 2019. In the period, the work of organizing the phenomenon intensified due to the commemoration of the 100th anniversary of the municipality and it ends a little before the celebration of its 150th anniversary. The constitution of the work of framing the official memory about the city of Viçosa-MG was examined, from its professionalized actors and the production of organized narratives, highlighting disputes between competing memories of families and political parties, which exercised functions of legitimation of people and collectives. The forms of the narratives were treated as tools for updating the memory, including new frames of memories and in the manifestation of the limits of the official version of the city dedicated to education, in relation to other memories. Concepts such as "memory framing work", "memory places", "testimony", "cultural memory" were used in the discussion to understand the nuances of the official phenomenon and confront it with the memory of the silenced, represented in the group of local congadeiros. The sources analyzed were works by local memoirists, a series of editions of the Folha da Mata newspaper and a documentary about the tradition of the São José do Triunfos's congado. The theoretical exam is added to the production of a booklet, with proposals for practices to collaborate for the insertion of content related to local history in schools, from easy and low-cost activities that aim to listen to and recognize the "others", from their stories and to perceive the municipality through other representations of the past.

Keywords: Memory. Narratives. Silenced.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Recorte de jornal com manchete sobre a CPI da Barrinha.....	164
Figura 2 - Recorte de jornal contendo propaganda eleitoral do vereador Euter Paniago ao lado de sua coluna semanal.....	165
Figura 3 - Recorte de jornal contendo propaganda da candidatura de Pélmio S. Carvalho para vereador.....	166

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASAV	Associação dos Servidores Administrativos da UFV.
ARENA	Aliança Renovadora Nacional.
BNCC	Base Nacional Comum Curricular.
ESAV	Escola Superior de Agrícola e Veterinária.
ESUV	Escola de Estudos Superiores de Viçosa.
CARMO	Colégio Nossa Senhora do Carmo.
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito.
FDV	Faculdade de Viçosa.
MDB	Movimento Democrático Brasileiro.
MG	Minas Gerais
PIBEX	Programa Institucional de Bolsa de Extensão
PLAMUNHV	Fundação Plamhuv.
PDS	Partido Democrático Social.
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro.
PMV	Prefeitura Municipal de Viçosa.
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro.
PR	Partido Republicano.
PRM	Partido Republicano Mineiro.
PSC	Partido Social Cristão.
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira.
SAAE	Serviço Autônomo de Água e Esgoto.
UFV	Universidade Federal de Viçosa.
UNIMED	Confederação Nacional das Cooperativas Médicas.
UniViçosa	Centro Universitário de Viçosa.
UREMG	Universidade Rural do Estado de Minas Gerais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
PARTE I	
CAPÍTULO I: A HISTÓRIA DA MEMÓRIA: AS BASES DE UMA VERSÃO OFICIOSA	22
1.1. As rupturas são traços da história	22
1.2. As fragmentações territoriais	33
CAPÍTULO 2 – A HISTÓRIA DA MEMÓRIA DO MUNICÍPIO DE VIÇOSA NA REPRESENTAÇÕES DO JORNAL <i>FOLHA DA MATA</i>	37
2.1.As matrizes de memória: usos e continuidades.....	38
2.2. O jornal <i>Folha da Mata</i> : “um lugar de memória.....	47
2.3. Os “historiadores da casa” e as gerações de propagandistas da memória oficial.....	54
2.4. Reflexões sobre o uso da memória na promoção de campanhas eleitorais locais.....	72
2.5. A concorrência entre memórias realça a celebração artificial do aniversário da cidade.....	80
2.6 . O trabalho de enquadramento a partir das biografias e outras representações.....	87
2.7. A tradição do congado de São José do Triunfo como parte importante da história da memória do município de Viçosa.....	98
3. CONCLUSÃO.....	112
PARTE II	
1. EDUCANDO PARA MEMÓRIA, APRENDENDO COM NOSSAS HISTÓRIAS.....	117
1.1. O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO PRODUTO.....	117
1.2. EXPERIÊNCIA NO AMBIENTE DE “DESIGNER GRÁFICO.....	130
2. CONCLUSÃO.....	131
3. A CARTILHA.....	131
FONTES.....	159
BIBLIOGRAFIA.....	160
ANEXOS.....	164

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objeto a memória que versa sobre o município de Viçosa, presente em duas séries documentais, compostas por literatura e periódico. A primeira série trata-se de obras de memorialistas, os primeiros a manifestar interesse na produção de algum conhecimento sobre o tema, colaborando, a sua maneira, para a [re]organização da memória. Já a segunda série refere-se às publicações do jornal citadino que circula desde 1964, o *Folha da Mata*. O período de estudos está concentrado entre 1970 e 2019, com foco nas publicações circunscritas à ocasião do aniversário do município, 30 de setembro. Essas datas são aquelas em que, preferencialmente, intensificam-se os esforços de organização da memória sobre a cidade. Esse recorte de média duração permitirá, assim, observar não apenas os elementos e sentidos que a produção dessa memória sedimentou ao longo desse período, mas também as transformações que nesse campo ocorreram. Assim, as balizas desse recorte temporal se iniciam com as publicações relativas às comemorações dos 100 anos da cidade, que aconteceram em 1971, e fecham-se com aquelas referentes aos festejos dos 150 anos, em 2019. Em outras palavras, busca-se entender como o município tece sua autoimagem em termos de sua história.

A pesquisa serial e qualitativa analisou como fontes primárias obras de memorialistas, edições do periódico *Folha da Mata* e o documentário *Congado*. Para esse trabalho, buscamos embasamento teórico e metodológico no campo das Ciências Humanas, com destaque para o campo da História, e também utilizamos autores de outras áreas, como, Filosofia, Sociologia e Antropologia. Sendo assim, os estudos sobre a questão da memória, da imprensa, das mídias e da historiografia sobre Minas Gerais foram de extrema relevância.

Muito utilizada desde 1970 por historiadores da abordagem chamada *história das mentalidades*¹, o método serial, um tipo de abordagem associada a tratamentos metodológicos como de eleição de lugar de projeção de reações de grupos pode vir a colaborar com as análises de fenômenos sociais, como o da memória, a partir de periódicos.

Para José D. Barros, a História Serial visa a construção de séries de fontes em abordagem prezando por técnicas inéditas, um campo histórico definido pelo modo de fazer a História, em outras palavras, ela refere-se ao tipo de fontes e ao modo de tratamento dessas.

1 A História serial surgiu na primeira metade do século XX, segundo José D. Barros, porém veio a ser utilizada com mais intensidade a partir de 1970 por historiadores das mentalidades. Dessa maneira, ela é marcada pela própria história dos Annales, encontrando apogeu na terceira geração desses historiadores.

Nesse sentido, as fontes, necessariamente, devem ter algum nível de homogeneidade que possibilitem a serialização das informações, para identificar regularidades, variações, mudanças, tendências e discrepâncias que podem ser reveladoras,² sob essas perspectivas nossas fontes foram abordadas.

O interesse pelas fontes do periódico surgiu após manifestarmos o desejo em fazer um estudo sobre o município de Viçosa. A partir de orientação, foi feita uma visita ao arquivo *Folha da Mata*, para conhecermos o material disponível naquele espaço. Durante os contatos iniciais e leitura, fomos indagados pelas fontes, havia a reincidência de uma narrativa sobre Viçosa nas publicações evidenciando a organização de uma memória, essa que se tornou nosso objeto de pesquisa. Ao longo da produção da dissertação tornou-se inevitável examinar obras de memorialistas locais e durante a banca de qualificação recebemos questionamentos sobre ausência de outras memórias sobre o município nesta reflexão. Dessa maneira, em virtude do pouco tempo restante para conclusão deste trabalho, muito prejudicado pela pandemia de COVID-19, optamos por incluir o documentário sobre o congado da comunidade de São José do Triunfo às fontes examinadas, para somar a discussão outras memórias e coletivos locais.

Nos últimos anos, o Brasil demonstrou uma atenção especial às amnésias de nossa sociedade, em especial àquelas que tocam às memórias dos grupos minoritários. Na busca de soluções para essas questões, foram promovidos incentivos e aberturas para garantir o direito de todos à memória. Nesse sentido, podemos assinalar a condição estável no sistema democrático como um dos fatores importantes à criação da Comissão Nacional da Verdade.³ Esta visou “efetivar o direito à memória e à verdade histórica e promover a reconciliação nacional.”⁴ Na ocasião, pretendia-se preencher lacunas entre passado e presente deixadas pelo regime militar instaurado no país em 1964.

A iniciativa contou com o apoio e a colaboração de diversos setores da sociedade num processo inédito no qual os relatos tiveram papel fundamental para recompor as ausências nas histórias de civis e dar vozes aos silenciados. Em sincronia, a memória nacional foi (re)organizada, cedendo espaço a outras versões dos fatos.

2 BARROS, José D.'Assunção. A história serial e história quantitativa no movimento dos Annales. **História Revista**, v. 17, n. 1, 2012.p. 206.

3 BRASIL. Lei n. 12.528, 18 de novembro de 2011.Cria a Comissão Nacional da Verdade no âmbito da Casa Civil da Presidência da República.
disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12528.htm > acesso em: 25 de março de 2020.

4 *Ibidem*.

Embora tardia, a iniciativa pode ser considerada uma conquista e podemos pensar em ganhos, mas não conseguiu elucidar os problemas relacionados, principalmente as questões de conciliação, pois não cerziu a narrativa nacional. Tal fator, somado a tantos outros, conduziu ao cenário de crise na política, tendo por desdobramento do Golpe de 2016.⁵ Sem dúvida, a memória nacional é também o grande modelo da organização da memória social e da sua cristalização no patrimônio, questão que envolve múltiplas discussões e se estendem às pequenas comunidades.

Entretanto, é necessário compreender que parte de um processo de patrimonialização corresponde ao preenchimento de valores e significados, aqueles ícones com os quais julga-se representar a nação, o estado, o município, a comunidade etc. Assim, ajudam a compor narrativas que, ao se pretenderem oficiais e, compartilhadas por todos, não deixam de evocar seu caráter uniformizante e autoritário, o que não indica ausência de lutas ou disputas. Para uma reflexão num escopo menor dessas, dentre outras questões da memória, o âmbito dos municípios torna-se muito profícuo, exercício proposto neste projeto.

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie, ao levantar os problemas de uma única representação acerca do passado, ressalta: “a única história cria estereótipos. E o problema com os estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que sejam incompletos. Eles fazem uma história se tornar a única história.”⁶ Em outras palavras, a autora marca o caráter totalitário de uma única memória.

Adichie exercita a empatia, suscitando a questão da humanização do outro ao relatar sua surpresa durante uma viagem ao México e perceber que as pessoas eram bem diferentes do que a mídia representava. E assim, mesmo que as repetições façam parte da própria pedagogia da imprensa, o excesso pode evidenciar algo mais, como um enquadramento de memória.

Experimentamos esses reducionismos na infância, nos bancos escolares, que podem ser exemplificados no estudo da versão dos europeus sobre a colonização de nosso país, na leitura de memorialista locais ou numa visita a um conjunto de bens patrimonializados, sem os devidos questionamentos. Além disso, colaboramos com a atualização dessa única memória em nossas interações coletivas quando replicamos essas leituras. Ao analisarmos as

5 Para saber mais: MATTOS, Hebe; BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G. **Historiadores pela democracia: o golpe de 2016 e a força do passado**. Alameda Casa Editorial, 2016.

6 ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma única história**. Tradução de Erica Barbosa. Original disponível em: http://www.ted.com/tal_s/lang/pt-br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html. s/d. Tradução disponível em: <http://www.google.pt/url>, 2009. p. 4.

matrizes da narrativa oficiosa sobre Viçosa, bem como a reprodução de seus conteúdos pelo periódico citadino, visamos compreender esse processo de naturalização, no qual foi assentada a “Cidade educadora”, pois os autores que produziram tais fontes têm em comum, para além da amarração de uma reminiscência, o lugar social de fala, a cátedra, posição de autonomia e autoridade que pode vir a criar tabus.

Cruz e Peixoto, ao abordarem a imprensa como fonte de pesquisa, discutem e propõem um repertório teórico-metodológico que visa seu tratamento a partir da compreensão da sua historicidade no campo de lutas sociais às quais estão inseridas e atuam. Segundo as autoras, depende das escolhas do historiador transformar um jornal em fonte. Para tanto, é necessário entendê-la como portadora de historicidade, seu caráter social, suas próprias peculiaridades, para compreender e explicar a relação imprensa/sociedade.⁷

Assim, visamos a compreensão da imprensa como força social que é, produtora de hegemonia, lugar de afirmação de memórias e sujeitos⁸. Nascida no século XV, quando também surge o capitalismo, reinventada ao longo dos tempos, alcançando o século XXI, com presença dinâmica no meio digital. Dessa maneira, seus domínios são alargados por meio do acesso cada vez mais rápido e fácil, reformulando uma atmosfera capaz de comportar articulação de interesses e projetos oriundos de diversas forças sociais, o que não significa perder de vista seus próprios interesses e projetos.⁹

Todavia, é importante pontuar que, devido à pandemia de COVID-19 e às políticas de distanciamento social, as visitas ao Arquivo Folha da Mata, onde se encontram as fontes relativas a imprensa, tornaram-se inviáveis por mais de um ano, comprometendo nosso cronograma de atividades.

Ademais, memórias como a “história” do município de Viçosa/MG configuram mais uma ferramenta de exclusão social, ao ser usada como suporte para a criação de leis e políticas públicas, por contribuir para a ignorância de outros grupos na construção da cultura local. Diante disso, é importante lembrar que o município conta com uma população formada, majoritariamente, por trabalhadores que atuam em segmentos relacionados à prestação de serviços à UFV. Mesmo antes da construção da linha férrea, perpassando pelo(s) advento(s) da ESAV, UREMG e UFV, essas pessoas vêm migrando para a cidade em busca de melhores

7 CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35. 2007. p. 258.

8 *Ibidem*. p. 259.

9 *Ibidem*. p. 259.

condições de vida. Estas foram atraídas pela abertura de postos de trabalho que aumentaram significativamente com a federalização da antiga UREMG. Essa população migratória veio não apenas da zona rural local, mas de toda microrregião. Essa movimentação, em pouco mais de 30 anos, praticamente triplicou a população da cidade, como demonstra o instituto CENSUS¹⁰. Desse contingente, quase 60 % são portadores de um grau de escolaridade que varia entre sem instrução e primeiro grau incompleto ou completo, portanto, só adentram às grandes instituições de ensino da “Cidade Educadora” para o trabalho, sendo este, majoritariamente, braçal. Em contraposição, uma minoria de 9,4% possui grau de instrução relacionado ao superior completo¹¹, o que reforça o caráter opressor dessa memória, quando manifesta-se plena e solitária nos espaços públicos que deveriam ser de todos, desde sua materialidade ao plano simbólico.

As representações do passado presentes nesse exame versam sobre um município cuja origem está ligada ao povoado de Santa Rita do Turvo, o qual se desdobra em cidade em 30 de setembro de 1871, tendo seu desenvolvimento impulsionado, em 1926, com a inauguração da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV). Implantada pelo então Presidente da República Arthur da Silva Bernardes, a instituição buscava o desenvolvimento da agricultura e da pecuária, otimizando o campo através da introdução de máquinas e treinamento técnico, formação que tinha, de início, os filhos dos fazendeiros como público-alvo. Em 1948, visando seu desenvolvimento, o governo do estado a transformou na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), que veio a ser federalizada em 1969, tornando-se Universidade Federal de Viçosa¹².

Essa proposta de análise da memória do município de Viçosa não é a primeira. O trabalho pioneiro nesse sentido é o de Walkíria Martins.¹³ A autora, em sua dissertação de mestrado intitulada *A pena e compasso: políticas públicas patrimoniais e a produção da paisagem urbana*, defendida em 2016, no âmbito do programa de Mestrado Profissional em Patrimônio Cultura, Paisagens e Cidadania, da UFV, analisou os discursos relacionados à história da cidade e às ações de patrimonialização que exploraram dessas representações e

10 Centro de Promoção do Desenvolvimento Sustentável (CENSUS), é uma organização civil sem fins lucrativos. Fundado em 2000, na cidade de Viçosa, promove estudos e assessoria em áreas social, urbanísticas, ambientais etc.

11 CRUZ, Tancredo A. et al. **Retrato Social de Viçosa III**. Viçosa, MG: CENSUS, 2007.

12 UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. História. Disponível em: < <https://www.ufv.br/historia/> > acesso em: 25 de março de 2020.

13 MARTINS, Walkíria M. F. **A pena e o compasso: políticas públicas patrimoniais e a produção da paisagem urbana**. 2016. 275 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Viçosa. P. 9.

discursos, ou seja, aquilo que a autora definia como “versão oficial da história” de Viçosa. Neste trabalho, a autora salienta que os interesses de grupos sociais heterogêneos, propagadores dessa representação do município, foram levados em consideração na modelagem da paisagem local entre 1980 e 2010. Nele, é apresentada a formação de um consenso no processo acelerado de mudanças culturais e paisagísticas e sua ligação estreita com a federalização da antiga UREMG. Para Martins, essas narrativas amarram a história da cidade à Universidade Federal de Viçosa, tratando ambas como uma coisa só, silenciando “outras Viçosas”. E ainda são levantadas como pano de fundo no momento de elaborar e executar políticas públicas como as patrimonializações e o Plano Direto local, colaborando para a respectiva legitimação.¹⁴

Em sua análise foi trabalhada a memória oficializada e seus atores a partir da produção dos memorialistas Maria do Carmo Tafuri Paniago, José Mário Rangel, publicações da prefeitura de Viçosa e do *Folha da Mata*, para apontar como a narrativa sobre a origem local, entre os séculos XVIII, XIX, tomada por história e ideias envolvendo modernização, progresso, colaboraram para definir uma identidade. A formação de um consenso a respeito do crescimento desordenado do município na década de 1970 foi objeto de crítica a trabalhos acadêmicos que também foram examinados por atribuírem os problemas do município à federalização da antiga UREMG.

Este projeto de pesquisa propõe a análise de obras de três memorialistas, do jornal *Folha da Mata*, e de um documentário sobre o congado local, a partir do recorte temporal de 1970 a 2019, recuando um pouco ao período de estudos empreendido por Martins¹⁵, além de cobri-lo. O aporte teórico e metodológico também abarca as diferenças, pois nestes buscamos compreender a fisiologia dessa memória a partir do conceito de “enquadramento de memória”, privilegiando uma abordagem serial das fontes, sem perder de vista as reflexões sobre a questão relativas à imprensa. Ressaltamos outro diferencial dessa pesquisa em relação ao estudo de Martins, que foi o de apostar em uma análise serial das fontes como recurso para melhor observar as mudanças e permanências porventura existentes nessa narrativa oficial, trazendo a representação dos silenciados, contraponto a partir do documentário sobre o congado em São José do Triunfo.

Conforme nos mostra a já citada dissertação de Walkíria Martins, a memória hegemônica sobre esse processo de implantação e desenvolvimento da universidade, retrata-o

14 *Ibidem*, p.271.

15 *Ibidem*.

como problemático pelos impactos provocados à cidade principalmente após o processo de federalização supostamente reverberando em traumas à cultura local. O exemplo máximo dessa leitura pode ser conferido na obra *Viçosa – mudanças sócio-culturais; evolução histórica e tendências* de Maria do Carmo Tafuri Paniago.

Não é novidade o reconhecimento das implicações sociais que o uso da memória pode trazer.¹⁶ Neste caso, inclui-se o respaldo ao discurso que legitima a elaboração e a execução de políticas públicas, como as patrimonializações, que tornam invisíveis as “outras Viçosas”,¹⁷ ao desconsiderar outras memórias, grupos, espaços, tornando-os alvos de esquecimento na elaboração de tais políticas, como se estes não existissem.

Dessa maneira, este projeto de pesquisa visa, sobretudo, contribuir na desconstrução dessas versões, tecendo a história dessa memória utilizando repertório teórico e metodológico com algumas singularidades em relação ao trabalho de Martins, que se fazem presentes numa abordagem seriada, incluindo o exame da obra *Fatos e Vultos de Viçosa*, na efeméride do jornal *Folha da Mata* e no documentário *Congado*. Dessa forma, buscaremos assinalar outras nuances desses discursos que têm gênero, cor e não somente classe social, como bem pontuou a pioneira do assunto.

Ressaltamos, objetivo geral é o fenômeno social da memória a partir das representações do município que foram tecidas por matrizes literárias do tema e no jornal *Folha da Mata*, materializados no patrimônio de pedra e cal local. Para atender às exigências do mestrado profissional, de um produto de caráter intervencionista, produzimos uma cartilha para professores dos anos finais do Ensino Básico. Ela visa contribuir para uma educação e para o uso mais consciente da memória, a partir da interação e problematização coletiva, conhecer e respeitar o outro, como também a nós mesmos. Num exercício de trocas e aprendizado, podendo envolver toda comunidade escolar, ou, pelo menos, parte dela. Frisamos que a proposta apresentada no início do desenvolvimento do projeto mudou, devido às políticas de distanciamento social, pois anteriormente iríamos promover uma oficina que se tornou inviável.

16 TODOROV, Tzvetan. **Abusos da memória**. Espanha: Ariela, 1995. p. 9 – 10.

17 MARTINS, Walkiria M. F. Op. Cit. p. 271.

Para analisar as funções da memória¹⁸, podemos pensar em coletivos de tamanhos variados: Igreja, partidos, sindicatos etc. - grupo sociais que buscam sobretudo marcar fronteiras sociais, reforçar sentimentos de pertencimento, coesão ou marcar “oposições irreduzíveis”.¹⁹ Nesse ínterim, podemos compreender nosso objeto de estudo, uma memória social, presente nos vestígios dos jornais locais e sua organização por grupos sociais hegemônicos da localidade, em busca de uma reflexão sobre suas funções, para além da coesão do grupo através da afetividade, como aponta Halbwachs²⁰.

Dessa forma, o conceito de trabalho de enquadramento da memória nos será útil. Segundo Pollak, “esse trabalho de enquadramento da memória tem seus atores profissionalizados, profissionais da história das diferentes organizações de que são membros, clubes e células de reflexão”²¹, em suma, pessoas autorizadas a falar, escrever, detentores da verdade e da tutela da memória. Com isso, exercem o controle da memória, limitando acesso a arquivos e ao mesmo tempo deixando rastros desse trabalho.

Para o autor, “além de uma produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas etc.”²² Esse discurso rebuscado surge associado a objetos, lugares, e/ou embebido no patrimônio de pedra e cal local.

Portanto, estamos diante da constituição de uma memória coletiva, de algum modo, bastante patronizada e com temas muito recorrentes, o que denuncia um trabalho de enquadramento da memória por parte dos poderes constituídos e dos grupos sociais hegemônicos na cidade. Outra hipótese é que essas representações do passado da cidade são organizadas em narrativas que estão muito bem amarradas ao conjunto de bens patrimonializados pelo município. Essa mesma memória que esmera reforçar a imagem de uma cidade de vocação educadora desde suas primícias.

18 Convém ressaltar que entendemos por memória um fenômeno constituído coletivamente e individualmente, abarcando relações de afetividade conforme apresentou Maurice Halbwachs ou ligações conflituosas como assinalou Michel Pollak e, também concordamos com a definição feita por Aleida Assmann, de que a memória é cultural, pois sua constituição envolve o processo de emancipação da história em relação a memória.

19 POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, no 3. 1989. P. 9. Disponível em: < <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278> > acesso em 12/10/2016.

20 HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva e a memória individual. In: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

21 POLLAK, Michel. *Op. Cit.* p. 10.

22 POLLAK, Michel. *Op. Cit.* p. 10.

As fontes foram levantadas no arquivo do jornal *Folha da Mata* e os esforços direcionados à seleção e leitura das edições do jornal que circunscreverem a data de aniversário do município, referente a 30 de setembro, a fim de compor séries temporais homogêneas. Por fim, a essa série, também daremos o tratamento que foi empreendido às obras de historiadores locais e ao documentário, para serem submetidos à análise exaustiva à luz da bibliografia sobre o tema e contextos históricos em tela.

No primeiro capítulo, apresentamos a discussão historiográfica sobre a história econômica de Minas, da Zona da Mata (microrregião de Viçosa) e de Santa Rita do Turvo (primeiro povoado na região onde é Viçosa), numa discussão que objetivou fornecer subsídios para a análise da narrativa de memorialistas locais.

No segundo capítulo, analisamos as matrizes narrativas da memória de Viçosa: Alexandre de Alencar, Maria do Carmo Tafuri Paniago e Geraldo Browne Ribeiro Filho. Aqui, entre outras coisas, procurou-se compreender a tendência que essas apropriações do passado têm de silenciamento dos conflitos e das rupturas contribuindo para a melhor explicação do município, reconhecendo sua pluralidade. Neste capítulo, examinamos também as reapresentações do jornal *Folha da Mata* visando tratar da memória que é acolhida como história e da sua fisiologia, assinalando [des]continuidades e as transformações sofridas no correr dos anos, como algumas funções agregadas. Problematicamos as formas de narrativas, condutora dessa “única memória” a partir da imprensa, conforme representa o jornal. Assinalamos as relações de concorrência que despontaram ao longo dos anos estudados, em disputa das famílias dos supostos fundadores da cidade e na comemoração dos 200 anos da comunidade do Paraíso. Identificamos três gerações de propagandistas da memória e seus expoentes foram apontados conforme permitiu a metodologia adotada. A organização do fenômeno foi pontuada a partir dos “Historiadores da casa” que escrevem a versão divulgada pelos propagandistas. A produção de biografias como parte do trabalho de enquadramento da memória nos momentos de retração do fenômeno e a condição da letargia possibilitaram a vinculação de outras representações do município no folhetim. No jornal, emergiram notícias sobre a luta dos servidores da UFV em busca de melhores condições de trabalho e também da tradição do Congado, no distrito de São José do Triunfo.

Na parte II dessa dissertação, discorreremos sobre o processo de elaboração de uma cartilha, e a apresentaremos em e-Book, visando o exercício consciente das memórias coletivas e individuais para a promoção da autoestima e da identidade de alunos dos anos

finais Ensino Fundamental e Médio. Tendo por público-alvo, não só professores de história, mas todos educadores de modo geral que se interessem por aprofundar os conhecimentos sobre seus educandos. O projeto propõe ouvir os alunos para conhecer, promovendo a escrita e a interação com a comunidade escolar, valorizando relatos de vida, memórias pessoais, a afetividade a paisagem dentre outros.

PARTE I

CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DA MEMÓRIA DE VIÇOSA: AS BASES DE UMA VERSÃO OFICIOSA

Para compreender e explicar nosso objeto de pesquisa, a memória oficial da cidade de Viçosa – MG, faz-se necessário um recuo temporal colocando em foco a história do município a partir da historiografia disponível. Vamos buscar entender a história local por meio de alguns estudos existentes sobre Minas Gerais e a Zona da Mata Mineira.

Com ajuda da historiografia, visamos a problematização do mito fundador presente na versão de que a bandeira de Arzão deu o primeiro passo para o desbravamento das terras, hoje referentes à Zona da Mata, local onde posteriormente seria criado o povoado de Santa Rita do Turvo, sem conflitos ou resistência. Essa que abarca os desdobramentos da freguesia de Santa Rita do Turvo até Viçosa, aglutinando uma pluralidade de territórios e temporalidades, no reducionismo chamado de “história”.

As incongruências dessa parte da narrativa oficial serão expostas a partir das rupturas apresentadas pela historiografia, assim como a ausência de conflitos serão confrontadas com os inúmeros conflitos existentes no processo de povoamento e de desenvolvimento da Zona da Mata mineira.

1.1. As rupturas são traços da história²³

A história de Minas Gerais foi marcada pela descoberta do ouro no século XVII. O episódio gerou oportunidades e riquezas, mas também desencadeou conflitos, seja pela posse de terras pertencentes aos indígenas ou pela exploração das jazidas de ouro²⁴. A crise econômica viria um pouco mais tarde no século XVIII. A historiografia, por algum tempo, considerou o esgotamento do ouro como alavanca de uma crise generalizada, afetando toda a região da Capitania de Minas, dependente da mineração como atividade econômica. Para

23 Conforme tratamos no primeiro capítulo, no pensamento de Aleida Assmann, necessariamente não é preciso que haja ruptura, mas sim emancipação entre o que entendemos como domínios da história em relação à memória. Esse processo é cultural e, nele, a diferenciação entre essas formas de saber corrobora com a proposta do exercício a seguir. Assim, quando separamos em campos distintos cada forma de memória, temos por objetivo contribuir para essa emancipação, com a quebra da naturalização da memória por história.

24 Guerra dos Emboabas foi desencadeada em virtude da disputa pela exploração do ouro entre os desbravadores (bandeirantes) e os forasteiros.

nosso primeiro conjunto de fontes, as matrizes de memória, a exaustão do ouro criou oportunidade para implementação da agricultura na freguesia de Santa Rita do Turvo.

Para Carla Maria, tal problema historiográfico ajudou na construção de dois mitos sobre a Minas Colonial: o da agricultura inexistente ou insignificante e o da decadência generalizada. Um bom exemplo da tendência está em obras de Prado Júnior e Celso Furtado,²⁵ pois consideraram apenas as inclinações externas, presentes na exportação, para tratar da realidade colonial. As transformações sofridas pela historiografia ajudam na explicação das mudanças nas percepções sobre o tema, no enriquecimento das discussões e na desconstrução dos mitos.

Ângelo Carrara contesta a ideia de crise generalizada e prolongada, inicialmente, apontando para historiografia tradicional²⁶ e sua dependência das fontes “oficiais”²⁷ como elementos que se somam para essa conclusão. Em um segundo momento, assinalou o ofuscamento da agricultura e da pecuária pelas pesquisas, em virtude do grande volume documental produzido para fins de fiscalização e pelo controle regional exercido pela coroa.²⁸ O problema é enfrentado pelo autor ao apresentar estudo a partir da Coleção Casa dos Contos de Ouro Preto, no qual lança luzes ao desenvolvimento simultâneo entre agropecuária e a mineração.

desde os primeiros tempos da ocupação territorial, Minas Gerais constituiu-se como um conjunto de regiões economicamente heterogêneas, que foram fixando determinados padrões de agricultura e pecuária, e uma estrutura de propriedade rústica segundo os movimentos regionais da produtividade das lavras ou das demandas dos mercados de fora da Capitania (reses, porcos e fumo do Sul de Minas e algodão de Minas Novas, por exemplo). A decadência prolongada deve ser assim lida como uma queda do nível do comércio interno da Capitania decorrente da menor disponibilidade de moeda, isto é, de ouro em pó.²⁹

Para o autor, a economia da Capitania contava com certo dinamismo desde o início de sua formação, pois a produção de alimentos para subsistência atendia a uma demanda interna, mas também externa à região mineradora.

25 ALMEIDA, Carla Maria Carvalho. **Ricos e Pobres em Minas Gerais: produção e hierarquização social no mundo colonial, 1750 – 1822**. Belo Horizonte: Arqvmntvm, 2010.

26 Para o autor, Historiografia tradicional trata-se daqueles estudos que dissertavam sobre grandes temas, com autores autorizados a falar sobre o assunto.

27 Ângelo Carrara chama de oficiais as fontes que manifestavam iniciativas governamentais: legislações, correspondências, entre outras.

28 CARRARA, Ângelo Alves. **Minas e Currais: produção rural e mercado interno de Minas Gerais, 1674 – 1807**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006. p. 67.

29 *Ibidem*. p. 65.

Com isso, agricultura e a pecuária se desenvolveram como elementos preponderantes na economia desde muito cedo e, mais tarde, contariam com rotas que facilitariam o escoamento e a comercialização para além do território das minas. “E, de fato, as primeiras luzes do século XIX encontraram em Minas Gerais uma pecuária já secular e para a qual o rio São Francisco havia se consolidado como rota de comércio entre os diferentes sertões brasileiros.”³⁰ Portanto, no início dos oitocentos, a estrutura e dinâmica dessas atividades denunciavam consolidação das mesmas.

Já a mão de obra, ao contrário do que se pensava nos trabalhos anteriores aos anos 70, não esteve totalmente ligada, empenhada na extração do metal e, além dos escravos, havia a mão de obra campesina. Com isso, toda articulação de práticas ligadas à agropecuária gestou tendências de algumas regiões de Minas. Já no início do século XX, cidades como Paracatu e Uberaba se consolidaram no mercado nacional pela posse de rebanhos significativos.³¹

Douglas Libby observa a economia nas minas oitocentistas em processo de transformação, através da reorganização econômica, pela manutenção e crescimento da população. As origens do “grande plantel” estariam no tráfico interprovincial, após a proibição do tráfico internacional e da reprodução natural. Com isso, a cafeicultura e seu rápido desenvolvimento estavam assentadas na concentração de braços cativos na região da Zona da Mata.³² Dessa forma, vem ajudar a preencher a lacuna entre o início da crise do ouro e o auge da cafeicultura.

Para Libby, a Capitania não teria passado por decadência, mas por relativa prosperidade.³³ O apontamento é sustentado por dados que indicam o crescimento populacional sustentável. Em outras palavras, o cenário não poderia ser de crise mediante aos índices de crescimento demográfico. No início dos oitocentos, a população escravizada aumentou, mesmo em meio às restrições para posse de novas peças, indicativo de comercialização interna e de reprodução natural. Para Almeida, a venda de escravizados a pequenos proprietários foi uma forma de dinamizar os negócios e aumentar os lucros dos

30 CARRARA., Am gelo Alves. A pecuária: rebanhos e distribuição geográfica. In REZENDE, Maria Efigênia Lage de Resende e VILLATA, Luiz Carlo (orgs). **História de Minas Gerais: a província de Minas**. Volume 1. p. 317.

31 *Ibidem*. p. 326.

32 LIBBY, Douglas Cole. O grande plantel mineiro do século XIX: origens e posses. In: RESENDE, Maria Efigênia de Resende; VILLATA, Luiz Carlos (orgs.). **História de Minas Gerais: a província de Minas**. Volume 1. Belo Horizonte: Autêntica |Editora; Companhia di Tempo, 2013.

33 *Ibidem*. P. 171

grandes proprietários.³⁴ O crescimento sustentável é assinalado na dinâmica de produção de alimentos e na comercialização de bens.

O contexto propiciou aberturas e oportunidades para que a Zona da Mata viesse a ser ocupada e colonizada pelos portugueses, uma vez que já era reduto de índios e quilombolas, como veremos mais adiante. A relativa prosperidade, a contínua expansão das atividades agrícolas e pastoris, somadas à chegada e instalação de parte da corte portuguesa no Brasil em 1807, reverteram-se em incentivos a novas povoações, a expansão de arraiais, a freguesias e vilas, como no caso da Freguesia de Santa Rita do Turvo. Um desses grandes incentivos foi a forma de aquisição das sesmarias. A esse respeito, cabe lembrar, a doação era feita ao sesmeiro, que, em troca, deveria ocupar e tornar produtivo o local pelo menos por determinado período de tempo.

Com a passagem do tempo, ocorrem transformações e os holofotes, antes voltados às atividades mineradoras, sofrem uma inversão, favorecendo as atividades que coexistiam à sua sombra. A diminuição da extração do ouro contribuiu para a visibilidade da produção de alimentos para subsistência, pois chama a atenção a possibilidade de sua utilização para a reestruturação econômica da Capitania de Minas. Essas rupturas foram e são caras à historiografia e é objeto de discussões por trabalhos renomados, como o de Douglas Libby e sua análise das continuidades, preenchendo lacunas da historiografia que oscila entre a constatação da redução das riquezas geradas pelo ouro e a ênfase nas fortunas acumuladas pela produção em larga escala do café.

Com a instalação da corte no Rio de Janeiro e a proximidade desta com a Zona da Mata Mineira, incentivos foram fornecidos para o povoamento e o cultivo dos sertões, com a área de fronteira passando a receber grande corrente migratória em busca da posse de terras facilitada pela coroa. O destino tornou-se atraente a muitos homens, pois um projeto criado para aumentar arrecadação, reestruturando a economia mineira a partir da produção de alimentos e viveres, promovendo o abastecimento da capital, foi colocado em prática.

A paisagem padeceria com grandes modificações. Antes, desenhada pela densidade da Mata Atlântica, viria a sofrer com os constantes desmatamentos para o plantio das roças.³⁵ O até então reduto de tribos indígenas e negros aquilombados passaria por reformulação do espaço e por controle social, com os novos habitantes que visavam, sobretudo, a exploração.

34 ALMEIDA, Carla Maria Carvalho. *Op. Cit.*

35 ALVES, Romilda Oliveira. A conquista e a expansão da fronteira: Zona da Mata (1808-50). In: SOUSA, Jorge P; ANDRADE, Rômulo G. (Org.). **Zona da Mata: fronteira, escravismo e riqueza**. Rio de Janeiro: apicuri, 2014.

Romilda O. Alves³⁶ buscou compreender a expansão da população ao leste de Minas, nos arredores dos rios Pomba e Doce, em um recorte temporal situado entre 1808 e 1850. Neste estudo, a autora vem elucidar como se deu a apropriação do solo em cidades como Rio Pomba, Ubá, Viçosa (antiga Santa Rita do Turvo), dentre outras, para implementação de um projeto de civilização. Dentre os passos a serem dados para alcançar o sucesso da empreitada, seria preciso expandir as fronteiras, transpondo obstáculos, derrubando a Mata para o plantio, “civilizar” índios quando possível ou aniquilar os resistentes. Para o sucesso dos povoados, também seria necessário destruir quilombolas e exercer controle sobre aqueles que não serviam à coroa, mas habitavam as terras. Tendo em vista a dominação, foram organizadas e enviadas muitas expedições punitivas e investimentos na construção de presídios e abertura de estradas.³⁷

A coroa contou com ajuda fundamental da Igreja para a “civilizar” e inserir indígenas em aldeamentos. Além da catequização, ela também forneceu apoio na organização e no controle da vida social dos povoados.

A instalação do Poder Régio, nessa região, iniciou-se em 1767, quando o padre Manuel de Jesus Maria lançou as bases de um grande aldeamento de índios e de um povoado que constitui, hoje, a cidade de Rio Pomba, pacificando indígenas e estabelecendo um ambiente para fundação de núcleos populacionais.³⁸

A apropriação da paisagem física não se deu sem conflitos, haja vista que muitos indígenas resistiram queimando plantações e matando pessoas em defesa de suas terras. A luta foi compreendida por muito tempo como sinal da condição selvagem irreversível, traço daqueles incapazes de aceitar a civilização ou de serem civilizados, por um discurso que ajudou na sustentação e na legitimação do massacre dessas populações. Os sobreviventes sofreram com o processo que vilipendiou sua cultura e o controle de mentalidade exercido pela religião, tudo sob a égide de ideias como progresso e desenvolvimento.

Segundo Romilda³⁹, a migração para a Zona da Mata foi impulsionada pela doação de sesmarias, um facilitador na aquisição de terras que atraiu muitas famílias para localidades como a de Santa Rita do Turvo. Por outro lado, toda uma política de comunicação e escoamento de produção foi implementada a partir da reutilização e da reestruturação de antigas trilhas, caminhos abertos por indígenas das etnias Coropós, Coroados, Puris e

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ *Ibidem*. p. 14-15.

³⁸ *Ibidem*. p. 14.

³⁹ *Ibidem*.

Botocudos, que tiveram suas terras usurpadas e que foram massacrados em maior parte. É importante ressaltar, no entendimento da versão oficial sobre a “história” de Viçosa, que o sistema de sesmarias foi relevante para a formação do embrião de cidade e a existência de conflitos com as populações que habitavam o lugar quase não é levantada; quando é, essas pessoas surgem apáticas e não oferecem resistência.

Ricardo Zimbrão A. de Paula trata do conceito de região a partir de debates de autores renomados sobre a questão. Como ponto de partida, assinala as assertivas do geógrafo Orlando Valverde, em 1958, levantando aspectos como a fisiografia e a demografia como elementos indispensáveis para se pensar o conceito. Nessa vertente, seria inviável tratar de Zona da Mata antes de 1830, pois quesitos como a forma de ocupação e a atividade econômica que contribuiriam de maneira decisiva na delimitação de uma regional ainda não poderiam ser observáveis.⁴⁰

A partir de uma leitura marxista, explica-se a formação da região e como a cafeicultura foi essencial para a delimitação. Fatores como a alta de preços no início do XIX, a geração de demanda para exportação, a mudança da corte portuguesa para o Rio de Janeiro em 1807, terras férteis e aproveitamento de recursos antes utilizados pelas atividades mineradoras, favoreceram o plantio, a produção e a comercialização em escala significativa entre XIX e XX.⁴¹

Ao recuperar o processo histórico da formação regional, o autor evidenciou o anacronismo na percepção do território da Zona da Mata mineira com o termo “região”. De acordo com o autor, uma região é caracterizada pela sua formação econômica e social, que compreendem suportes materiais, sua organização e articulação a aspectos culturais, políticos e sociais.⁴² Assim, o conceito de região não se enquadraria aos traços da área em um período anterior a 1870. Embora não desqualifique os trabalhos que o façam, chama à reflexão, a nosso ver, necessária e pertinente, pois como bem assinalou Romilda Alves, essas terras devem ser entendidas como área de mobilidade, de trânsito, de paradas, como uma faixa territorial fluída. Em uma explicação através do conceito de região, deve-se presumir uma gama de elementos que a mata ainda não possuía.

40 PAULA, Ricardo Zimbrão A. História da formação regional da Zona da Mata mineira. In: SOUSA, Jorge P; ANDRADE, Rômulo G. (Org.). **Zona da Mata: fronteira, escravismo e riqueza**. Rio de Janeiro: apicuri, 2014. História da formação regional da Zona da Mata mineira. p. 52.

41 *Ibidem*. 69-70.

42 *Ibidem*. p. 76.

Dessa rede de cidades e das unidades produtivas, surge uma elite econômica, com posições políticas bem diferenciadas *vis-à-vis* a tradicional elite política da região central de Minas Gerais, que também era econômica, não obstante escravocrata até 13 de maio de 1888, e que soube inverter seu excedente no setor urbano, o que fortaleceu ainda mais seu papel econômico no estado, contribuindo para o desenvolvimento do setor industrial em diversas cidades da Zona da Mata, articulando laços familiares e capitais, consolidando assim aquela região como um espaço social específico no quadro mineiro.

Assim, afirmamos que o café configurou a Zona da Mata e não o contrário.⁴³

Em outras palavras, essa estrutura econômica, política, social e suas conexões não foram geradas *a priori* à produção e à comercialização do café: muito pelo contrário, elas surgem em função da cultura do café. Antes disso, podemos entender o território como uma área de fronteira erguida pela mata e pelas resistências, um lugar de pouso e de conflitos constantes, formado por áreas soltas a partir de pequenas ocupações sem relevância ao estado. Nesse sentido podemos refletir sobre a situação de Santa Rita do Turvo, evocada pela memória oficializada sobre Viçosa, que, no mesmo período, muito provavelmente, encontrava-se em condição similar às áreas de fronteiras.

Ao discorrer sobre a questão da indústria mineira no século XIX, Otávio Soares Dulci levantou a situação da economia da região, pontuando a importância dos estímulos governamentais na sua promoção.

Na segunda metade do século XIX, a economia mineira ganhou maior dinamismo em virtude de certos fatores que lhe deram impulso e contribuíram para a arrancada industrial da região. Entre tais fatores, devem ser destacadas as políticas governamentais, a melhoria da rede de transporte e a expansão da cafeicultura.

No tocante ao estímulo estatal, devem-se considerar tanto as ações do governo central quanto as da administração provincial.⁴⁴

Visando tornar a economia mais dinâmica, tanto no âmbito central como regional, impulsionando a industrialização e, conseqüentemente, o desenvolvimento, o ramo dos transportes contou com a abertura de rodovias e a implementação de linhas ferroviárias; no setor de comunicações, a chegada do telégrafo e do telefone urbano e, por fim, bancos também foram abertos. Juiz de Fora surge como grande destaque na industrialização mineira, com destaque no setor têxtil.

Saindo do ensaio de implementação de políticas de industrialização na localidade, passamos a outra política, não menos importante: a de imigração. Durante o Império, a

⁴³ *Ibidem.* p. 75.

⁴⁴ DULCI, Otávio Soares. A indústria mineira no século XIX. In REZENDE, Maria Efigênia Lage de Resende e VILLATA, Luiz Carlos (orgs). **História de Minas Gerais** – A Província de Minas. Volume 1. Belo Horizonte: Autentica Editora; Companhia do Tempo, 2013. p. 355.

província contava com a maior população cativa e, desses, a maioria era de afrodescendentes. Porém, a insistência na superioridade da mão de obra imigrante pesou neste impasse. Embora com certa timidez, elas foram implementadas e novamente o destaque foi para Juiz de Fora, principal representante da elite nessas ações na Zona da Mata.⁴⁵

Conforme assinalou o autor, a transição ao trabalho livre na região é complexa, porque não havia uma demanda interna real pelos braços de imigrantes, mas os interesses políticos nessa questão eram latentes. Inicialmente, as ações políticas da elite não cruzavam com o proveito da cafeicultura. “As elites dirigentes, com apoio da imprensa, investiram em uma política de introdução de braços, afastada dos reais interesses econômicos.”⁴⁶

Todavia, no finalzinho do século XIX, em meio à preocupação com a modernização, o imigrante aparece como portador do progresso, como parte do caminho a ser percorrido para deixar para trás o passado colonial na construção da nação civilizada e branca.⁴⁷ Sobretudo, essa solução na transição ao trabalho livre acompanha uma tendência formulada pelos paulistas.

Portanto, a opção por uma política imigratória na província mineira, longe de ter sido uma das respostas a uma grave crise de mão de obra, deve ser vista dentro de uma perspectiva mais ampla, como influxo de políticas nacionais voltadas, especialmente, para o atendimento aos interesses dos cafeicultores paulistas. Por outro lado, estaria também relacionada à ideologia de valorização do trabalho livre branco europeu, como alternativa ao atraso como parte de um projeto de modernização. Por último, a imigração em Minas, deve ser entendida como mais um componente do diversificado processo de transição ao trabalho livre vivenciado pela província.⁴⁸

Parte desse projeto ocupava-se da modernização do espaço urbano e a questão racial foi motivo de muitas inquietações, por entender a cor negra e sua respectiva cultura como parte do atraso do Brasil, portanto, deveriam ser abandonados como o Brasil colonial, a partir de políticas como as de migração que tinham o objetivo, dentre outros, de acelerar um processo de embranquecimento da população.

Em um segundo momento, durante a Primeira República, entre 1889 e 1930, essas políticas alcançaram Viçosa de Santa Rita, localizada na Zona da Mata, e se desdobraram posteriormente na Viçosa de 1911. No período, a cafeicultura era forte no município e parte desse plano nacional pode ser identificado na chegada de elementos da modernização como

45 *Ibidem*.

46 *Ibidem*. p. 228.

47 *Ibidem*. p. 229.

48 *Ibidem*. p. 230.

ferrovia, luz elétrica e instituições bancárias, também perceptíveis nos melhoramentos do centro urbano no início do século XX. Convém ressaltar que o período em questão é objeto de saudosismo pelo enquadramento de memória estudado, ficando claro no enaltecimento à figura do presidente Arthur da Silva Bernardes, político de maior expressão na localidade, tido como exemplo a ser seguido por aqueles que escrevem tal narrativa. Por esta razão, torna-se importante problematizar o assunto à luz da historiografia, pois ela trata o assunto sob a ótica um pouco diferenciada e contribui para [des]legitimar a memória.

Cláudia Viscardi propôs revisão historiográfica das relações políticas entre Minas Gerais e São Paulo no período da Primeira República (1889 - 1930). Sua abordagem versa sobre os conflitos, rupturas e conciliações desses grupos, as elites, na defesa dos interesses dos cafeicultores nos âmbitos nacional e estadual, disputas entre a região oeste – elites ligadas a mineração e Zona da Mata – e as elites do café, observando a inserção das elites mineiras no cenário nacional.⁴⁹

Portanto, a primeira crise do café associada à Abolição da escravatura não teve o impacto avassalador sobre a produção mineira. O trabalho escravo foi substituído por relações de trabalho de caráter transitório que incluíam o assalariamento, ampliando o grau de monetização da economia. O trabalho imigrante foi utilizado, em sua maioria nas atividades urbana, cabendo ao trabalhador livre as atividades no campo.

Na Zona da Mata mineira, de forma singular, a produção do café manifestou certa constância e crescimento. O fim da escravidão e o contexto nacional de crise não implicaram em grandes problemas para essa atividade na Zona da Mata. Assim como Dulci, Viscardi aponta para a abundante mão de obra local e o emprego desses braços nas roças, enquanto os imigrantes tendiam às ocupações em áreas urbanas. Muito provavelmente, este cenário teve reflexos em municípios do porte de Viçosa de Santa Rita.

Para a região, o café, bem como toda estrutura forjada em volta deste, foram fontes de enriquecimento e poder, objeto de disputas entre os chamados Republicanos Históricos e os conhecidos monarquista/adesistas⁵⁰. Na Viçosa de Santa Rita, as políticas, principalmente do Movimento Republicano em Minas, ganharam nuances no jornal citadino de nome *A Cidade*, que circulou sob vários arranjos e direções, aproximadamente entre 1892 e 1939, tendo, na

49 VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Elites Políticas em Minas Gerais na Primeira República. **Revista Estudos Históricos**, v. 8, n. 15, 1995.

50 Para saber mais sobre esses representantes da política que teve seu início marcado em 1870 ler Ângela Alonso, *Ideias em Movimento*.

figura do seu Fundador Carlos Vaz de Melo⁵¹, representante de influência e das ações dos republicanos no município e que, muito possivelmente, contribuiu com a primeira geração do PRM. Para o folhetim, também escreveu seu genro e sucessor na política local, o presidente Arthur da Silva Bernardes (1922-1926). No jornal Folha da Mata, a família Vaz de Melo fez parte de quadros de lembranças, conforme podemos conferir no próximo capítulo no itens sobre o trabalho de enquadramento a partir das biografias.

Trataremos mais adiante da organização territorial do município de Viçosa de Santa Rita e parte da, então, Viçosa, no início do século XX, versando sobre como, em uma localidade de base econômica agrícola, voltada para a produção de café, a posse de médios e grandes lavouras poderia significar poder, mobilizado em articulações políticas. Sobre isso, vejamos o que Viscardi aponta sobre a autonomia municipal:

A questão da autonomia municipal assumia dupla importância no período: a primeira, de caráter econômico, na medida em que significava a possibilidade de retenção dos recursos excedentes da agroexportação cafeeira nos municípios produtores. A segunda, de caráter político, implicava o fortalecimento do poder dos coronéis locais (...)⁵²

O estabelecimento da autonomia municipal no início da Primeira República reflete as disputas dentro do estado mineiro e o peso das elites políticas da Zona da Mata, defensora e vitoriosa nessa pauta. O fragmento ainda reforça a importância da conquista para a economia das localidades produtoras do café e para o coronelismo, pois suas bases assentavam-se nos municípios, como o de Viçosa.

Embora os cargos políticos, na maioria das vezes, não tenham sido ocupados por cafeicultores, suas pautas não foram deixadas à margem, muito pelo contrário, foram levantadas, a exemplo do caso da autonomia municipal e, durante a tentativa de transferência da capital de Ouro Preto para Juiz de Fora, do anseio frustrado na realocação dela para Belo Horizonte⁵³. Isto revela a tendência dessa elite a eleger representantes que eram formados no ensino superior – bacharéis em direito, professores, jornalistas, empresários e médicos⁵⁴ – e alçados a cargos políticos por relação de parentesco ou aproximação dos coronéis. O herói da

51 Carlos Vaz de Melo teve um currículo interessante que convém fazer nota: advogado de formação, atuou na articulação do jornal e nele se autodenomina Coronel. Depois, ao ser eleito Senador, muda a nomenclatura para tal.

52 VISCARDI, Cláudia M. Ribeiro. *Op. Cit.* p. 44.

53 *Ibidem.* p. 44.

54 Ver a relação das profissões, participação partidária no artigo: VISCARDI, Cláudia M. R. **Elites política mineiras na Primeira República Brasileira: um levantamento prosopográfico**. Disponível em: < <http://cdn.fee.tche.br/jornadas/1/s11a2.pdf> > acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

narrativa sobre a “história de Viçosa”, o Bacharel em direito e presidente Arthur Bernardes, não escapa a esse arranjo, uma vez que foi genro do Coronel Carlos Vaz de Melo, ponto que ajuda a entender o início de seu engajamento político, representando a cidade na Câmara Municipal de Viçosa.⁵⁵

No âmbito externo, de acordo com autora, no período entre 1914 e 1930, ocorreu a reconstrução da aliança entre Minas e São Paulo com as políticas de Venceslau Brás, enquanto internamente ocorreu o fortalecimento das elites políticas que adquiriram o controle do PRM em 1918, com a eleição de Arthur Bernardes para a presidência do estado. Porém, os anos de estabilidade foram encerrados com a Revolução de 1930, dentre outros fatores de igual relevância.

O estabelecimento de uma política permanente de defesa do café já não unificava os interesses mineiros, uma vez que desde a segunda metade da década de 20 a produção mineira decaía bastante. Acrescido a este fato, a introdução do voto secreto em Minas Gerais soou como um desafio ao governo federal.⁵⁶

O momento em tela atraiu os holofotes para o município de Viçosa, no qual residiu e julga-se ter nascido Bernardes. Com efeito, Cláudia Viscardi observou que os representantes da elite econômica da Zona da Mata, em especial os deputados, usavam a tática de atrair recursos para os municípios de origem e transferir o capital agrário excedente para outras áreas dos setores imobiliário, financeiro e industrial.⁵⁷ Dito isso, a Escola Superior de Agricultura e Veterinária pode ser entendida como tal, parte de um projeto político de dinamização econômica, contribuindo com a formação de mão de obra especializada, criando melhores condições para gestar novos talentos para a política.

Ademais, o enraizamento das ideias e práticas do Movimento Republicano no município nos chama atenção para as ferramentas e práticas utilizadas na contestação e manutenção do poder, em especial a imprensa propagandista. Nela, ocorria defesa dos interesses das elites e seus representantes eram alçados à vida pública. E, ainda, nesta, a memória dessas elites é evocada e seu legado torna-se objeto de apropriações, conforme acontece no jornal *Folha da Mata*.

Concluindo, dos anos de 1930 à década de 60, o município sofre um esvaziamento de poder, qual não podemos aferir em profundidade neste projeto. Nos anos seguintes, a

⁵⁵ Disponível em: <http://www.personagens.ufv.br/?area=arthurBernardes> acesso em: 30/08/2022.

⁵⁶ VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *Op. Cit.* p. 51.

⁵⁷ *Ibidem.* p. 42

tendência à centralização do governo Getúlio Vargas e no âmbito dos municípios e os constantes desmembramentos do território a partir dos anos 1940 sugerem agravamento da crise econômica e política, que teve início com a diminuição da produção do café e a introdução do voto secreto, em um cenário de descontinuidades e de poucos ou quase nenhum estudo, uma vez que preferencialmente os pesquisadores do tema Viçosa se debruçam sob o período posterior à federalização da UREMG.

Assim, aceitamos que uma gama de atividades econômicas não só corrobora com a formação do Estado de Minas Gerais, como também estimula o surgimento de novos povoados, freguesias e vilas em áreas periféricas à da extração do ouro, como no caso do território que hoje corresponde à Zona da Mata. Ademais, ressaltamos a capacidade dos exploradores, em vários momentos, no enfrentamento dos desafios e aproveitamento de oportunidades, presentes nos incentivos da coroa e na reutilização da mão de obra escravizada no plantio, na manutenção e na colheita do café, ainda no século XIX. Todavia, todas essas práticas foram executadas sempre de maneira nociva, em relação ao outro, e esforços não foram medidos para alcançar objetivos, mesmo que para transpor obstáculos fosse necessário aniquilar coletividades.

O contexto influenciou novos desenhos do território para dar as primeiras pinceladas na formação de vários municípios mineiros. A principal atividade econômica do território da Mata viria ser a cafeicultura, que gerou a estrutura econômica, política e social local. Dela, sugeriram também mecanismos de organização social bem conhecidos na análise histórico-social, como as chamadas relações de compadrio e o familismo, bem como o *coronelismo* – estrutura de poder oriunda da influência de grandes fazendeiros na política local e nacional.

1.2. As fragmentações territoriais

Ao estudar Santa Rita do Turvo, Fernando Alves Costa optou por um território marginal em relação aos circuitos econômicos do século XIX, inserindo-se em um debate a respeito da economia de Minas Gerais no pós-ouro. A localidade escolhida para sua análise não foi marcada por elevada concentração urbana e nem por ser importante centro político ou administrativo, porém seu exercício corrobora com as reflexões acerca das realidades periféricas.⁵⁸

58 COSTA, Fernando Antônio Alves da. **Em distantes paragens: demografia, riqueza, escravidão e mercado em Santa Rita do Turvo na segunda metade do Oitocentos**. 2014. 371f.. Tese (Doutorado em

A análise é pautada em inventários *post-mortem*, listas nominativas e recenseamento geral de 1873. Nesse ínterim, ressaltou a importância dessas fontes para tecer a História e para o preenchimento de lacunas. O estudo é pormenorizado ao tratar da economia do local, abarcando também levantamentos quanto à demografia e recompondo parte da paisagem campesina da localidade, na segunda metade do século XIX. Essa, que contava com mercado fundiário ativo, sendo marcada por pequenas propriedades adquiridas por meio de herança ou compra. Em um povoado incipiente, de modo geral, 62% da população era parda e/ou crioula e 30% do total populacional referia-se a mão de obra escravizada.⁵⁹

O autor assinala as dificuldades em se fazer uma pesquisa em história de tais áreas no período, observando os obstáculos presentes nas instabilidades territoriais e administrativas.

Ao estudar o Brasil Imperial ou a América Portuguesa anterior a 1822, um dos primeiros obstáculos do historiador, certamente um dos mais difíceis de serem transpostos, refere-se ao recorte espacial a ser tomado como referência para suas análises. Isto porque no passado brasileiro, qualquer que seja a região em foco, foram constantes as (re)definições político-administrativas dos territórios. Não obstante este inconveniente, o historiador, seja do período Colonial ou Imperial, não pode se furtar de definir, mesmo que de forma um tanto quanto imprecisa, a região tratada. Ainda que pese a dificuldade mencionada, entendemos ser imperativa a adoção pelo pesquisador de uma referência espacial que seja capaz de balizar o estudo desenvolvido, que seja ao menos razoavelmente coerente com o tempo em análise, evitando assim o anacronismo.⁶⁰

Em outras palavras, ao ressaltar as inconsistências de áreas como a de Santa Rita do Turvo, assinala armadilha que pode induzir ao anacronismo, no qual a memória oficial de Viçosa transita.

Essa ausência de estruturas reflete a complexidade e a dificuldade em se delimitar um recorte espacial e temporal nos estudos que versam sobre o período colonial ou imperial. Ao estudo sobre a memória da cidade de Viçosa, reforça a impossibilidade em se pensar Viçosa nesse período e descortina: a freguesia de Santa Rita do Turvo foi algo completamente diferente do atual município de Viçosa, não podendo assim serem comparadas, algo que pode ser aferido com certa constância nas representações do Folha da Mata.

Durante o século XIX, dos constantes (re)arranjos sofridos por Santa Rita do Turvo, momentos com certa estabilidade territorial podem ser notados no período entre 1873 ao início do século XX, quando contou com formação composta de 6 a 8 distritos. A situação

História Econômica) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

59 *Ibidem.* p. 78

60 *Ibidem.* p. 69.

perdurou até por volta de 1940, quando se inicia uma série de fragmentações, as quais desconfiguraram a área. O processo só teria fim na década de 1960, quando veio a perder a última faixa de terras, fragmento que corresponde ao atual município de Cajuri, dando ao município de Viçosa os contornos geográficos dos dias de hoje.

o território englobado pela Vila de Santa Rita do Turvo no ano de 1873, base para a definição espacial aqui proposta, calculado pela dimensão das áreas ocupadas pelas cidades que se originaram de suas freguesias, era de aproximadamente 1568,282km². Para se ter uma ideia mais clara da vastidão da região considerada, a área do território da atual cidade de São Paulo/SP é de 1521,101 km².⁶¹

O exercício proposto pelo pesquisador, embora precário, contribui para se ter uma ideia do tamanho do território que correspondia a Santa Rita do Turvo no século XIX. Já na década de 1960, parte dessa fração, correspondente a Viçosa do final do século XIX, passou a representar menos de ¼ de área inicial.

Continuando, no recorte do mapa de Viçosa, figura 1, supostamente da segunda década do século XX, podemos observar o município e seus 8 distritos: Teixeiras, Pedra do Anta, São Vicente do Grama (distrito de Jequiri), Araponga, São Miguel do Anta, Herval (Ervália), Coimbra e Cajuri. A faixa territorial que sobrou após os constantes desmembramentos, por volta de 1938, tendo o último desmembramento na década de 1960, refere-se ao distrito-sede, Viçosa.

Na figura 1, podemos constatar o município e todos seus 8 distritos no entorno da sede Viçosa, no início do século XX. Na segunda ilustração, figura 2, é observável a atual configuração do território, desde a década de 1960, de maneira parcial, com alguns dos antigos distritos que já estão à margem de sua área. Uma simples e rápida comparação entre as figuras já dá a noção das discrepâncias entre os dois territórios, que não podem ser tratados como a mesmo município, pois isso induz ao reducionismo e anacronismo.

Dessa maneira, buscamos realçar a mudança dos limites municipais, oriundas das recorrentes divisões de terras para pensar junto com Fernando A. Costa, refletir e apontar: de Santa Rita do Turvo a Viçosa, onde houve, na década de 1960, a última reestruturação de terra até a atualidade, há apenas a estrutura física da antiga capela situada na Rua dos Passos.⁶² Bem sabemos como as zonas de convergência, ponto onde ocorrem os conflitos, são caras ao pesquisador, pois é a partir destas que formulamos perguntas e analisamos os fenômenos com

61 *Ibidem.* p. 90 - 91

62 COSTA, Fernando A. Alves. *Op. Cit.*

mais sensibilidade e propriedade, já que, nesses momentos, eles se apresentam com maior dinamismo. Com isso, apontar as rupturas, provenientes do esfacelamento territorial, colabora para uma melhor compreensão da história do município de Viçosa.

Em síntese, inicialmente, um movimento acanhado marcou a formação da Freguesia de Santa Rita do Turvo, bem como de muitas outras localidades da Capitania. Nesse sentido à apropriação de terras, exploração para implementação e, posteriormente, a expansão de atividades ligadas à agricultura e pecuária, somam-se traços nocivos na construção dessa sociedade, associados à escravidão.

A fim de contribuir na desconstrução da sobreposição memória-história nos trabalhos acadêmicos que replicam a narrativa com nuances de história, versando sobre o desdobramento de Santa Rita do Turvo em Viçosa, refletimos sobre rupturas apresentadas pela historiografia sobre Minas Gerais e do território desse município. Essa sobreposição é apresentada com certa constância nas representações do jornal Folha da Mata, tanto em publicações de responsabilidade do próprio periódico como nas matérias assinadas por colunistas. As fragmentações do território citadino surgem como uma continuidade a ser questionada pela história, no trabalho de enquadramento da memória, construída, principalmente, na obra de Alencar e nas edições do Folha, conforme tentamos assinalar neste capítulo.

Dessa maneira, passamos a falar, no próximo capítulo, sobre as principais obras literárias que dão suporte às reminiscências do folhetim. Esse último será o foco de nossa análise e ainda faremos reflexões sobre outra memória relacionada a Viçosa, presente na tradição do congadeiros de São José do Triunfo, a partir do documentário de nome *Congado*. Lembramos que os quadros de memória se apoiam uns nos outros para compor um enquadramento. Assim, a literatura e as representações jornalísticas dão suporte uma à outra na constituição da versão.

CAPÍTULO 2 – A HISTÓRIA DA MEMÓRIA DO MUNICÍPIO DE VIÇOSA NAS REPRESENTAÇÕES DO JORNAL FOLHA DA MATA

Começamos essa análise pelo que optamos por chamar de matrizes de memória, representadas em três obras de historiadores/memorialistas locais, que, em comum, têm o protagonismo na escrita da versão oficial sobre a “história” de Viçosa. Nos principais trabalhos desses autores sobre o tema, as representações contidas nas efemérides do jornal *Folha da Mata* encontraram as bases para continuar o trabalho de enquadramento da narrativa, formando uma camada mais profunda da memória, tal como a pele é composta de epiderme e derme. As reminiscências são compostas de camadas que se sobrepõem, apoiando-se umas sobre as outras, sustentando e organizando um enquadramento. As matrizes de memória colaboram para o exame do jornal por trazerem elementos que compõem parte da estrutura fixa da memória, pontos da narração considerados inegociáveis, durante o processo de atualização evidente no folhetim.

Num segundo momento, passamos à análise do periódico e de suas respectivas representações, visando colaborar com a história da memória local. Examinamos 49 anos de publicações a partir da produção de uma série de 196 edições. A seleção foi feita a partir dos exemplares que circunscreveram o aniversário do município – a data de 30 setembro – por consideramos essa marca como um ponto de projeção da organização da memória. Nesse ínterim, observamos a manifestação da narrativa em três condições, as quais no referiremos como estado de letargia, retração e latência⁶³. Assim sendo, esse estudo compreende como estado de latência aqueles momentos em que a memória surge nas publicações do jornal em mais de um artigo/reportagem ou coluna, dedicados exclusivamente à versão da narrativa, ou a vinculação desses textos em edições consecutivas, num movimento indicativo da continuidade da organização do fenômeno. Por estado de retração, entendemos as edições contendo partes da memória oficial, ou artigos diminutos sobre a questão, momento de estabilidade. Já por estado de letargia, aqueles anos em que a versão não aparece, uma espécie de sono profundo, como se estivesse no aguardo de nova oportunidade para sair da condição subterrânea⁶⁴ e preencher novamente a cena pública, apontando ruptura. Vale frisar,

63 No dicionário Michaelis o termo latência pode significar: “Período entre o momento em que se inicia um estímulo e o começo da resposta por ele provocada.

64 POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2 no 3, 1989, p. POLLAK, Michel.

consideramos como publicações que circunscrevem o aniversário da cidade aquelas que surgem no periódico duas semanas antes, ou depois, do aniversário da cidade.

Durante todo o trabalho, os silêncios das fontes nos chamaram atenção, até a entrada dos anos 2000, quando o fenômeno se apresentou, em alguns momentos, em letargia. É nessas rupturas significativas que as vozes de outras coletividades surgem e colaboram para a compreensão de relações de memórias concorrentes nas disputas pelo poder local. Refletir acerca dos movimentos da memória ajuda entender o lado sensível e contínuo dos quadros de lembranças que desenham no tempo relações, pessoas e coletivos distintos.

O fenômeno flutua em contextos distintos, perpassa e sobrevive ao Regime Militar, durante a década de 1970, alcançando o processo de redemocratização nos anos 1980. Nos decênios de 1990, 2000 e 2010 enfrenta rupturas, que abrem espaço para que memórias concorrentes e silenciadas alcancem o cenário público, conforme trataremos adiante.

Esse capítulo está dividido em sete itens, que organizam a pesquisa, na abordagem da História da memória local por meio das matrizes de memória, do periódico *Folha da Mata* e do documentário *Congado*, e ajudam no desenho de parte da fisiologia do fenômeno. Tratamos do jornal como lugar de memória, dos “historiadores da casa”, das gerações de propagandistas da memória, do uso eleitoral da questão, da sua necessidade de celebrações artificiais, das biografias como mecanismo de controle do enquadramento de memória e de outras representações como a tradição dos congadeiros de São José do Triunfo como parte da história da memória local.

2.1. As matrizes de memória: usos e continuidades

Entre os poucos estudos que abordam a origem histórica do município de Viçosa, convém fazer nota de três autores mais citados e, por conseguinte, mais importantes: Alexandre de Alencar, Maria do Carmo Tafuri Paniago e Geraldo Browne Ribeiro Filho. Não faz parte de nossos objetivos realizar uma análise pormenorizadas destes trabalhos – pois isso já foi feito no trabalho de Walkiria de Freitas Martins –, mas sim assinalar como eles colaboraram para a construção do alicerce da memória oficializada sobre o município.

A obra *Fatos e Vultos de Viçosa*, de Alexandre de Alencar contribuiu com o mito fundador sobre o município, a partir de uma ideia de formação econômica, política e social que se fez sem (ou quase sem) conflitos. Nestas versões, a exaustão do ouro empurrou os

homens para a localidade em busca de terras férteis para se dedicarem à agricultura e, ainda, abarca as relações passivas entre índios, negros e brancos, nas quais o dominador não encontra praticamente nenhuma resistência para exercer a dominação. Em um processo ininterrupto, o povoado tornou-se freguesia, desdobrou-se em Vila e, de Vila, passou a município sem cisões. Ao longo do capítulo 1, buscamos assinalar as rupturas e conflitos inexistentes nesta narrativa por meio da historiografia sobre Minas Gerais.

Apontar o autor Alencar de Alencar⁶⁵ e seu *Fatos e Vultos de Viçosa* como parte da organização dessas representações se faz necessário, pois foi o primeiro a interessar-se pelo tema e, ainda, continua a ser lido e citado como produção historiográfica por memorialistas do município, por trabalhos acadêmicos e pelo *Folha da Mata*⁶⁶. Sendo assim, podemos entender sua figura como do “historiador da casa”, descrito por Michel Pollak⁶⁷.

Ao tratar pormenorizadamente do funcionamento de parte do fenômeno através do trabalho de enquadramento, Pollak abarca questões muito importantes como a intencionalidade, elementos de controle como o emprego do “historiador da casa” e sua cristalização em objetos, isto é, nos suportes materiais da memória e da História:

Se o controle da memória se estende aqui à escolha de testemunhas autorizadas, ele é efetuado nas organizações mais formais pelo acesso dos pesquisadores aos arquivos e pelo emprego de “historiadores da casa”.

Além de uma produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas etc. A memória é assim guardada e solidificada nas pedras: as pirâmides, os vestígios arqueológicos, as catedrais da Idade Média, os grandes teatros, as óperas da época burguesa do século XIX e, atualmente, os edifícios dos grandes brancos.⁶⁸

Essa chave de leitura torna-se de extrema importância para a compressão das funções da representação do passado, que são dominantes, acerca do município de Viçosa, por meio das matrizes de memória e do jornal local *Folha da Mata*. O trabalho de enquadramento em questão é o que tem maior incidência nas páginas desse noticiário e isso não significa que outras memórias não apareçam em poucos momentos, de maneira diminuta.

65 Ao longo de sua vida, Alencar acumulou funções de político e escritor, sendo interventor da cidade de Ervália e nomeações às prefeituras de Alvinópolis - MG e Resplendor – MG. Disponível em: < https://www.recantodasletras.com.br/acrosticos/72337?bclid=IwAR2eRZ4_XVVL0Nm5KXDyNImmo4lR6RwobXk-bjc5J3xKuENTbk5Ukld0D4g > acesso em: 07/09/2022.

66 O autor escreveu ao *Folha da Mata*, uma série de levantamentos sobre as origens do município, de nome: Os fundadores de Viçosa, durante o ano 1971, nos quais deixa claro estar desenvolvendo uma espécie de “pesquisa” sobre o tema.

67 *Ibidem*. p. 10.

68 POLLAK, Michel. *Op.Cit*

Voltando à obra de Alencar, publicada no final da década de 1959, o autor deixa claro seu objetivo de preencher lacunas sobre a história local. Apesar de não ser historiador de formação, vale ressaltar a importância de seu esforço na tentativa de recompor a lacuna sobre a história local. A versão escrita pelo autor caracteriza-se por sequência cronológica própria, tendência nacionalista, mito fundador, heróis locais e o uso de documentos oficiais – aqueles produzidos pela igreja. Da utilização das fontes, chama atenção a leitura factual e a falta de amparo crítico.

Outro traço que também deve ser observado é ausência de critérios teóricos e metodológicos bem definidos. A interpretação tem características apenas informativas, com semelhanças a um levantamento, que lista coisas e fatos. Os testemunhos utilizados se misturam com a opinião e a vida do autor; a falta de método é latente, há pouca fundamentação teórica; e a investida frustrada à história oral fica clara. Entende-se, entretanto, que o problema maior não está em sua obra, porém no uso que é feito desta. Outros trabalhos vieram e versaram sobre o assunto, todavia a insistência em sua leitura sem críticas mais incisivas persiste. Não estamos dizendo que esse tipo de trabalho não pode ou não deve ser usado, mas sim que sua respectiva utilização deve deixar transparente os critérios de escolha e, o principal, pontuar de maneira bem simples seu caráter memorialista.

No fragmento abaixo, leia-se “território viçosense” por “território de Santa Rita do Turvo”.

O povoamento do território viçosense se fez, como é fácil constatar, desde os seus primeiros tempos, com homens de espírito plasmado dentro dos princípios do cristianismo. Aqui vieram ter, provenientes das já exaustas paragens auríferas da Capitania, com o objetivo de se entregarem à agricultura, atraídos pela fertilidade do solo e pela salubridade do clima.⁶⁹

Durante a escrita do livro, Alencar se confunde tanto, ao ponto de, ao se falar da criação do antigo povoado de Santa Rita do Turvo, chamá-lo de Viçosa. O exercício denuncia a [re]organização do enquadramento de memória, ao tratar da história da formação de Minas Gerais de maneira contínua. O memorialista assinou, na década de 1970, uma coluna do *Folha da Mata*, de nome “Fundadores de Viçosa”. Nela, apresentou as leis que regulamentaram a posse de terras daquelas pessoas inclinadas à agricultura, que vieram a povoar o local. Neste, podemos verificar pontos fixos da memória – aquelas partes da

69 ALENCAR, Alexandre. **Fatos e Vultos de Viçosa: da primeira bandeira ao ano de 1892**. Belo Horizonte: Estabelecimentos Gráficos Santa Maria S.A., 1959. p. 38.

narrativa que não mudam com atualizações –, assim como a mesma continuidade entre territórios distintos.

“Constituiu esse fato estímulo **àqueles que se sentiam inclinados à agricultura, para que penetrassem as matas, as desbravassem e lançassem os fundamentos das fazendas, cuja origem em sua maior parte, se encontra na posse, estabelecida pelos pioneiros**, durante o período que vai de 1822 a 1850, sem legislação referente a terras devolutas. Prevalece, naquele lapso de tempo, pois o regime da posse ou ocupação que, com o volver do tempo, passaria a constituir modo de aquisição do domínio. Com a inexistência, portanto de legislação que dispusesse sobre aquisição de terras devolutas, a colonização tomou, então, grande impulso, até que se promulgou a Lei 601, de 18 de setembro de 1850, a primeira que no Brasil, disciplinou a matéria.”⁷⁰

Nas duas citações acima, a primeira retirada do livro *Fatos e Vultos* e a segunda do *Folha da Mata*, os homens que vêm povoar Santa Rita do Turvo o fazem por falta de opção, a partir de um retorno natural à agricultura com interesse singelo na fertilidade das terras. Bem sabemos da complexidade desse processo e de que pureza nele não há, mas sim muito oportunismo. A migração ocorre, conforme sustentamos no capítulo I, pela diminuição da extração nas lavras e por oportunidades geradas a partir de incentivos da coroa, sendo o sistema de sesmaria um deles. É grande o anacronismo do autor ao tratar o município de Viçosa como continuidade do povoado de Santa Rita do Turvo, pois ambos são bem distintos e a instabilidade territorial do povoado é um ponto que deve ser considerado ao se fazer tal relação.

Na sua formação, não houve como fugir Viçosa das normas seguidas pela maioria das cidades mineiras, que teve a sua origem nas casas que os fazendeiros, das suas adjacências, nelas construíam e das quais faziam pouso quase só nos dias de festas religiosas.⁷¹

Na citação, novamente Santa Rita do Turvo é nomeada de Viçosa, período em que Viçosa ainda não existia. Porém, em artigo do jornal, os dois territórios são apresentados como um desdobramento do outro. Outro aspecto nos chama a atenção: a legitimação do poder de fazendeiros⁷² e da igreja por essa memória, e, também, de seus respectivos herdeiros, colaborando com a manutenção do poder dessas elites, como se desse a esses grupos um “direito” maior à cidade em relação a outros habitantes. Buscamos argumentar com

70 ALEXANDRE, Alencar. Fundadores de Viçosa. **Folha da Mata**. Viçosa - MG, 24 set. 1972. p. 3. [sic] erro no original. Grifos nossos.

71 ALENCAR, Alexandre. *Op. Cit.* p. 42.

72 Lembramos que os primeiros fazendeiros da região tinham ligação íntima com a igreja.

Chimamanda⁷³ que essa representação se posiciona como uma “única história”. O título da matéria também ajuda com alto teor de sugestividade: *Registros de nossas histórias*.

As informações mais remotas de que se dispõe sobre o aparecimento dos primeiros núcleos de povoamento que formariam depois a Freguesia de Santa Rita. Hoje Cidade de Viçosa, remontam ao ano de 1800.

Você sabia que a 8 de março de 1800, um dos moradores do povoado, Pe. Francisco José da Silva obtinha do Frei Cipriano, então Bispo de Mariana, autorização para erigir a primeira capela do povoado?⁷⁴

Agora passamos ao trabalho de Paniago como exemplo de obras de memorialistas locais. Embora tenha sido produzida sob a égide acadêmica, a pesquisa demonstra traços de atualização da versão oficial sobre Viçosa. Ainda, chama atenção para o lugar de fala, pois o livro *Mudanças Socioculturais* é derivado de uma dissertação de mestrado. A autora demonstrou preocupação com critérios teóricos e metodológicos, porém não foram bem aplicados, limitando-se, em muitos momentos, à descrição de datas e fatos, obedecendo à ordem cronológica dos documentos oficiais, em uma interpretação restrita à descrição dos conteúdos, sem maiores problematizações. De certo modo, a autora inaugura uma tendência em acolher a versão de uma memória de Viçosa, produzida pelo memorialista Alencar, por historiografia. Assim, agrega a chancela acadêmica a essa reminiscência e, a partir dela, uma série de trabalhos vão reincidir nos seus equívocos⁷⁵. Porém, a autora vai além, abarcando novos elementos da narração, como as instituições de ensino e seus respectivos históricos, tudo com a marca carimbada da memória: a continuidade.

Essa representação do passado tem valor afetivo para uma parcela da população de Viçosa: a elite representada nessa narrativa. Contudo, convém ressaltar que Paniago incluiu elementos bastante generalizantes a essa memória, os quais aumentaram exponencialmente sua capacidade de adesão, como quadros de lembranças referentes as instituições de ensino locais.

Dessa forma, vamos agora a alguns trechos dessa rememoração, que refletem o problema da continuidade:

Nos primórdios da colonização, Viçosa e outras cidades da região tinham por objetivo principal abastecer os centros mineradores de Ouro Preto e Mariana com produtos necessários à sobrevivência, em falta nas lavras: arroz, feijão, milho, mandioca e outros. O retalhamento das fazendas em pequenas propriedades

⁷³ ADICHIE, Chimamanda. *Op. Cit.*

⁷⁴ “Registros da nossa história” **Folha da Mata**, nº 170, 30 de setembro de 1971. Viçosa – MG. p. 4.

⁷⁵ A pesquisadora Walkiria M. Martins levantou uma série desses trabalhos com intuito de tratar do caráter memorialista da autora e apontar a confusão entre memória e história.

agrícolas concorreu, em parte, para a continuação dessas lavouras no município, agora dentro de uma agricultura de subsistência, em sua maior parte.⁷⁶

Novamente, Santa Rita do Turvo é denominada Viçosa. Com isso, cabe mencionar alguns erros pontuais: como essa cidade poderia colaborar para prover os centros mineradores com a produção de alimentos para subsistência se, segundo essa memória, o povoamento se inicia com a decadência das lavras? Como puderam instalar grandes latifúndios no território da mata perante as restrições da coroa a povoamentos na área? Lembremos: Zimbrão pontuou a existência de áreas soltas e de pequenas propriedades no início do século XIX, no território da mata mineira e não latifúndios.

A historiografia apresentada no capítulo 1, sobre a história econômica da Capitania de Minas, aborda alguns mitos sobre a atividade mineradora na região de Ouro Preto e Mariana. Dentre eles, está a ideia de decadência da mineração do ouro. Nesses aspectos, os trabalhos apresentados são unânimes: o que ocorre é a diminuição na extração do metal. Há também a questão da agricultura de subsistência, outro equívoco que a interpretação de Ângelo Carraca visou desconstruir, pautando o surgimento da agricultura e da pecuária paralelamente à extração, destacando a importância que as pequenas propriedades tiveram no desenvolvimento dessas atividades. Ainda, sobre a questão das pequenas propriedades, Fernando A. Costa, apontou essa tendência nas terras que compunham Santa Rita do Turvo, aspecto que inviabiliza a formação de grandes latifúndios para posterior fragmentação em pequenas propriedades.

Alves⁷⁷ destacou essas paragens como área de fronteira com fluidez de movimentação e como pequenas propriedades sem articulação ou relevância significativa, que começam a surgir a partir de um projeto de civilização aplicado quando ocorre a mudança da corte para o Rio de Janeiro, tendo como finalidade a (re)estruturação da economia da região e abastecimento da capital.

O próximo fragmento assinala a tentativa de amarrar a memória à história geral, apontando como heróis a figura dos bandeirantes.

Com o esgotamento das minas, a população iniciou um movimento migratório à procura de melhores terras para a lavoura e, ao que tudo indica, Viçosa teve seu povoamento oriundo dessas migrações das regiões auríferas de Ouro Preto e Mariana. Sua história está, de certa forma, ligada à história do ouro das Minas

76 PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa: mudanças Socioculturais. Evolução Histórica e tendências.** Viçosa: Editora UFV, 1990. p. 28-29.

77 ALVES, Romilda Oliveira. *Op. Cit.*

Gerais. Foi procurando ouro que os primeiros bandeirantes pisaram o solo viçosense e seu povoamento se deve ao esgotamento das minas. Contudo, Viçosa iria se firmar como região agrícola e seu desenvolvimento estaria sempre, direta ou indiretamente, ligado à agricultura.⁷⁸

O problema também se dá pelo fato de essas representações do passado tentarem reforçar uma “única história”, isto é, a narrativa do colonizador, do “vencedor”, silenciando outros agentes de grande importância e que também colaboraram para formação dessa sociedade. Dizemos isso porque desconstruir esse discurso ajuda a problematizar a narrativa da contribuição dos bandeirantes para o Brasil, visto que essa memória, como muitas outras, pode ser entendida como uma pequena célula que forma o grande tecido epitelial da memória nacional. Isso porque preparam as bases, no âmbito local, para o acolhimento não só da sobreposição memória-história, mas da aceitação e acolhimento da história dos “grandes homens”, das elites, como a única. Tratar os bandeirantes como heróis é enaltecer o regime escravagista, a tortura, o massacre indígena. É justificar as atrocidades cometidas em nome de uma suposta civilização. É, sobretudo, silenciar as demais participações ou lhes dar um lugar diminuto: o papel de coadjuvante na construção do tecido social ao tratá-las como apáticas. E, por fim, é deixar à margem a diversidade e tornar legítima a desigualdade.

Na busca pela aproximação da memória nacional, foram cerzidos os precursores da bandeira de Arzão – perpassando por padres, militares e políticos – moldando uma identidade para os viçosenses. Em Alencar, a sobreposição entre esses homens, cada qual com respectivas qualidades, encerra-se em disputas políticas e na vitória dos viçosenses mais destemidos – aqueles que defenderiam melhor as pautas políticas.⁷⁹ Já em Paniago, a política é produto de uma construção cultural.

Paniago repete o reducionismo, ao levar para seu livro a narrativa do memorialista, e se afasta da ciência ao não questionar suas fontes, conforme a citação a seguir “Nessas andanças, o sertanista Arzão teria pisado no solo do município de Viçosa, em seu trajeto de Piranga em direção aos Arrepiados (...), seguindo Salomão de Vasconcelos, traçou-lhe o roteiro pela região de Viçosa (...)”⁸⁰. A inexistência de problematizações acaba gerando um tabu.

⁷⁸ *Ibidem*. p. 51.

⁷⁹ ALENCAR, Alexandre. *Op. Cit.*

⁸⁰ PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. *Op. Cit.* p. 29.

O último modelo de utilização dessa memória está no estudo de Geraldo Browne Ribeiro Filho⁸¹. Na sua tentativa de inteirar o leitor sobre a história do município, recai na velha sobreposição memória-história, exercício que naturaliza a memória como história. A narrativa é embebida com a memória, assinalando o povoamento de Santa Rita do Turvo entre o final do século XVIII e o começo do século XIX, quando as migrações para a região começaram. O esgotamento da atividade mineradora em Ouro Preto e Mariana tornou o destino atrativo para a agricultura de subsistência e o incentivo da igreja, por meio da doação de terras, efetivado pelo Pároco Manoel Inácio de Castro, latifundiário local.⁸² Nesse sentido, a área urbana começa a ser desenhada e se desenvolve com a chegada de elementos de modernização, como a chegada de um ramal da ferrovia à cidade.

Há fortes indícios de que a história da formação do espaço urbano de Viçosa encontra-se vinculada à história da descoberta, exploração do ouro e da decadência dos núcleos urbanos onde se encontravam essas jazidas minerais, em Minas Gerais. Primeiramente, por volta de 1693, quando foi palco da passagem dos Bandeirantes provindos de Taubaté, São Paulo, em direção à região de Ouro Preto, Mariana e Piranga, objetivando a descoberta de reservas minerais preciosos; posteriormente, por volta de 1780, quando as jazidas auríferas daquela região começaram a se esgotar. Nesta época, grande parte da população de garimpeiros, escravos e ex-escravos intensificou um processo de migração em busca de novas oportunidades, principalmente na agricultura, por influência da Igreja, que tinha a preocupação de manter a população fixa em determinada área, para facilitar seu domínio político-religioso.⁸³

Assim, o autor começa a escrever sobre a história da cidade incidindo nos problemas do anacronismo e das continuidades – já ressaltamos que não podemos comparar os territórios de Santa Rita do Turvo e Viçosa –, além de retomar os mitos do esgotamento do ouro e dos bandeirantes, descritos por Alencar. Embora reconheça ausência de estudos que versem sobre o início do povoamento, continua tratando as terras como se fossem as mesmas: “Em Viçosa, o processo de registro de terras se iniciou a partir do dia 18 de julho de 1854, no livro denominado Livro de Registro de Terras, também conhecido por Registro Paroquial de Santa Rita do Turvo.”⁸⁴

81 Professor do departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFV. Disponível em: < <https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?jsessionid=D9807FF957FF2D5C268B6D94C83306BA> > acesso em: 08/09/22.

82 RIBEIRO FILHO, Geraldo Browne. **A formação do espaço construído: cidade e legislação urbanística em Viçosa**, MG. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 1997. 244 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997. p. 92.

83 *Ibidem*. p. 90-91

84 *Ibidem*. p. 98.

O autor faz assertivas quanto às políticas de segregação social implementadas no período, assinalando como a política municipal veio a somar com as de cunho nacional e regional, de maneira a impor a renovação do espaço central em intervenções físicas que podem ser lidas como manifestação do desejo de esquecer o passado colonial, pois “A cidade colonial, caracterizada pelas ruas estreitas e sinuosas, não atendia mais aos anseios de modernidade da elite local.”. Em outras palavras, os melhoramentos – alguns, carregados de políticas higienistas – executados no início do século também estavam cheios de práticas que promoveram e sustentaram a discriminação racial, vindo a contribuir para a desqualificação do oprimido e para o seu alijamento social e espacial no momento de planejar novos bairros.

A carência de estudos sobre o tema ajuda a compreender a recuperação, principalmente, de obras de Alencar. Porém, a insistência no endosso sem crítica incomoda, porque ocorre em várias páginas da sua dissertação. Em seu texto, a cidade vai desenvolvendo-se em um processo fluído com relativa constância, até a federalização da UREMG, promover ruptura num processo acelerado de urbanização desordenada. “Até a década de 70, constatou-se a existência de três cidades, que foram se superpondo ao longo dos anos, devido a três obras ou intervenções urbanísticas, que contribuíram para transformações importantes no espaço urbano da cidade.”⁸⁵. A quarta cidade, que surgiu após esse período, é um desafio, pois foi superposta as outras a partir do peso negativo dos problemas trazidos pela UFV.

Importante frisar que não estamos questionando o resultado desta pesquisa, mas a reprodução de uma determinada narrativa sem maiores problematizações, em uma ação aparentemente inofensiva, porém que alimenta a repetição dos mesmos equívocos, propaga, atualiza e naturaliza essa única versão. Em outras palavras, esses autores, ainda, são citados de forma recorrente e, não podemos afirmar, mas sim levantar que esse tipo de uso, feito pelas matrizes de narração, funciona como um dos mecanismos mais rebuscados do trabalho de enquadramento da memória de Viçosa e possivelmente de outros municípios.

A memória é tecida, por predileção, nas veredas da continuidade⁸⁶, como afirmamos outras vezes. Na constância desse tipo de exercício, ela propaga a ideia falsa de sociedade homogênea, silenciando os conflitos políticos, econômicos e sociais presentes na formação do município. Esse processo doloroso, promovido pelas elites econômicas e pelo Estado, contou sempre com a contribuição importantíssima da Igreja. A ausência de rupturas só contribui para

85 *Ibidem*. 140.

86 ASSMANN, Aleida. *Op. Cit.*

que os vencidos, os mais fracos, os aliados do sistema econômico capitalista, continuem invisíveis, jogando para debaixo do tapete problemas que começaram lá atrás, como o de inclusão social dos indígenas e dos negros, dificultando ou até mesmo tornando inviáveis as soluções. É preciso dizer, como bem fez Fernando Alves Costa, que de Santa Rita do Turvo a atual Viçosa só tem a estrutura física da antiga capela situada na rua dos Passos.

Walkiria Martins apresentou vários estudos que fizeram uso dessa memória similar ao de Geraldo B. Ribeiro Filho, utilizando a narrativa como pontapé inicial em suas pesquisas sobre a história do município⁸⁷. Não cabe aqui refazer o percurso da autora, pois nosso foco está nas representações do *Jornal Folha da Mata* e no exame da estrutura dessa memória com ajuda das matrizes de memória.

Dos três modelos de uso dessa versão do passado do município, apresentados nas obras *Fatos e Vultos de Viçosa*, *Mudanças, Socioculturais* e *A formação do espaço construído: cidade e legislação urbanística em Viçosa*, podemos compreender que no primeiro está a base da organização dos quadros de lembranças e, nos outros dois últimos, tentamos marcar o exercício de renovação do fôlego, ou seja, de atualização e de naturalização do fenômeno. Já na obra de Ribeiro Filho, temos um uso mais corriqueiro de pesquisas amparadas pela aplicação de métodos teóricos e metodológicos, mas que transitam pelos domínios da memória, visando recompor a ausência de estudos sobre o tema, como pontou Walkíria Martins, ou até mesmo por não saber a diferença entre esses campos que envolvem saberes e fazeres distintos.

2.2. O jornal *Folha da Mata*: um “lugar de memória”⁸⁸

O jornal *Folha da Mata* circula em Viçosa e microrregião desde 1963, fundado pelo padre Antônio Mendes, permanecendo sob seu comando até meados da década de 1970, quando é passado a Pélmio Simões de Carvalho e, assim, permanecendo até o ano de 2003, transferido à responsabilidade de seu filho, Pélmio Simões de Carvalho Filho. Nos primeiros anos, era publicado quinzenalmente, contendo, em média, quatro páginas, passando posteriormente a circular semanalmente com exemplares estruturados, com aproximadamente 24 páginas.

⁸⁷ MARTINS, Walkíria M. F. *Op. Cit.*

⁸⁸ NORA, Pierre. *Op. Cit.*

Sobre a égide do padre, o folhetim publicava assuntos variados com destaque às críticas a assuntos da política local, revelando uma tendência política, conservadora e um viés progressista no apoio às transformações econômicas que o município vinha sofrendo. Já sob as mãos e direção de Carvalho, vai passando por várias mudanças ao longo do período estudado, incluindo trocas de nomenclatura de *Folha Viçosa* até se consolidar em *Folha da Mata*, porém permanecendo como propriedade da empresa Gráfica Folha de Viçosa Ltda até 2004, quando Pélmio Simões de Carvalho Filho assume o comando do jornal.

O Jornal *Folha da Mata*, de Viçosa, foi fundado em outubro de 1963 pelo professor de história Pélmio Simões de Carvalho e seu sócio, o Cônego Antônio Mendes. A ideia de fundar um veículo de comunicação se deu em um ano de campanha política municipal. Na época, Pélmio Simões trabalhava em uma gráfica que adquiriu as máquinas de impressão de tipografia especificamente para aquele evento. Com o término da campanha, as máquinas da gráfica ficaram sem utilidade e, a partir daí, veio a ideia de se criar o *Folha da Mata*. Pélmio Simões sempre esteve ligado à comunicação. Antes de fundar o jornal, ele já tinha colaborado com outros, participado de boletins de grêmios estudantis e sempre gostou da escrita.⁸⁹

A citação é da monografia de Endrica Christie Fernandes, defendida no âmbito do curso de jornalismo da UFOP, analisando a mídia impressa no interior de Minas Gerais a partir de três jornais, entre eles o *Folha da Mata*. As informações desta foram retiradas de uma entrevista com Pélmio S. C. Filho. O periódico nasce por meio de uma gráfica de posse de Pélmio que, após uma campanha política local, resolve, com um amigo, fundar a folha. Esta experimenta vários títulos e com eles melhora a forma de fazer o jornal, até alcança o melhor formato, consolidando, com Pélmio S. Carvalho, o título *Folha da Mata*. Após sua aposentadoria, o órgão fica nas mãos do filho, marcando a maneira histórica da mídia nacional de manter a imprensa nas mãos de famílias.

Cabe notar que o terremoto provocado pela entrada da mídia na era eletrônica no Brasil, se por um lado a globalizou, por outro manteve sua estrutura concentrada, na mão de poucos grandes grupos empresariais e familiares.⁹⁰

Para Cláudio Camargo, ao contrário de países como os Estados Unidos, o Brasil não criou leis no sentido de restringir a propriedade da mídia, facilitando sua concentração nas

89 FERNANDES, Endrica C. **Mídia impressa e cobertura política do interior de Minas Gerais: Jornal da Praça, Ponto Final e Folha da Mata**. p. 24.

90 CAMARGO, Cláudio. O meio é a mensagem: a globalização da mídia. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 269-284, 2012. p.271.

mãos de poucos, de famílias. Obviamente, o caso aqui estudado tem suas peculiaridades e não se trata de um grande conglomerado de mídia, mas adquire algumas nuances, no “fazer” em família e no viés político e progressista. Podemos dizer que a imprensa local se esmera nos grandes órgãos de imprensa.

Embora, no relato, Pélmio S. Carvalho seja apontado como fundador, nas edições analisadas por esse estudo, ele surge como colaborador. No ano de 1971, no espaço destinado a informações do expediente, encontrava-se na direção Gilberto Valério Pinheiro e, por fundador, Pe. Antônio Mendes. Pélmio S. de Carvalho figura como um dos redatores.⁹¹

Desde 1977, o jornal busca integração com cidades vizinhas como Ponte Nova e Teixeiras, trazendo artigos e reportagens sobre esses locais e, em 1980, passa a ser chamado de jornal *Integração*, mais atento às notícias e aos interesses do entorno de Viçosa, uma estratégia que pode ser indício de luta pela própria sobrevivência da empresa, visando maior vendagem, e atraindo mais anunciantes. Durante esse período, o foco não é apenas Viçosa, mas principalmente Ponte Nova, que ocupa várias páginas de conteúdo.

Parte significativa dos períodos analisados permanece sob a direção de Pélmio Simões de Carvalho. No ano de 1984, recebe o nome de *Folha da Mata*, recebendo a contribuição do redator, o jornalista Womer Wellareo de Oliveira, como permanece até atualidade. Mesmo passando por modificações, a tendência de um jornalismo conservador permanece, mas, com o passar dos anos, vai recebendo cada vez mais diversificação de conteúdos, com destaque para a sessão cultural.

Como o próprio nome sugere, a mudança de nomenclatura para *Folha da Mata* esteve ligada à busca pela expansão do alcance de suas publicações para além das cercanias de Viçosa, e, assim, vem sobrevivendo ao longo dos anos, tornando-se uma marca reconhecida e confiável no município.

O *Folha da Mata* possui cerca de 7 mil leitores, mas não possui assinantes fixos. O jornal custa para o leitor R\$2,50 (dois reais e cinquenta centavos). Existe uma comercialização aleatória na cidade, feita por vendedores do periódico que já possuem certa rota, com potenciais compradores. Apesar de não ter assinantes, Pélmio afirma que o jornal possui leitores fiéis e variados, que compram o produto independentemente das notícias da edição. Já outros leitores compram jornal pelas notícias de polícia. Esses leitores são fiéis, segundo ele. Compram o jornal para saber sobre o fato por completo, de forma diferente, visto que, em cidades do interior, as notícias se espalham com facilidade no boca a boca ou por meio da internet.⁹²

91 CAMARGO, Cláudio. O meio é a mensagem: a globalização da mídia. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 269-284, 2012. p.271.

92 FENARNDES. Endrica. P. 25.

O jornal conta com número expressivo de leitores, chegando às ruas todas as quintas-feiras, com o custo atual R\$ 3,00 (três reais). Política é o assunto preferido do leitor fiel: segundo o editor-chefe, isso ajuda a destacar a credibilidade do jornal, pois, entre o “disse me disse”, a informação que o jornal repassa tem peso maior nas interpretações do leitor.

Ele também conta com página própria na internet⁹³, que disponibiliza o conteúdo do jornal impresso e conteúdos adicionais, como vídeos. Está presente no Instagram, Facebook, Twitter e conta com Whatsapp para contato.

Durante nossa pesquisa no arquivo do Folha da Mata, conseguimos acompanhar a preocupação do jornal com o *feedback* do leitor. Há espaço para ouvir o público, que pode levar sua reclamação pessoalmente ou por telefone, sendo bem atendido, recebendo sempre esclarecimentos. Em caso de não concordância com alguma matéria, são explicados os passos para a solicitação de retificação do conteúdo, demonstrando preocupação com a opinião do público sobre aquilo que é vinculado ao jornal.

Sobre a tendência jornalística convém ressaltar, os conteúdos ali dispostos têm sempre uma razão para ocupar aquele espaço, mesmo aqueles que aparentam menor importância, com o falso indício de não ter razão para ali estar, indica uma lógica da estruturação e relação interna. A imprensa tem tudo, menos inocência ao determinar a composição e organização do jornal de amanhã, e o folhetim citadino não foge a essa regra. As assertivas de Darnton acerca da estrutura interna de uma redação de jornal ajudam a compreender melhor essa lógica interna de funcionamento.

O jornal de cada dia mostra quem ficou com as melhores tarefas. É um mapa, que os jornalistas aprendem a ler e a comparar com seus mapas mentais da seção de Cidades, num esforço de saberem onde se situam e para onde estão indo.⁹⁴

Na linguagem dos jornalistas, a posição de uma matéria revela a importância do profissional e do conteúdo. Portanto, podemos aferir o trabalho de enquadramento da memória oficial sobre viçosa como conteúdo de primeira ordem, pois, ao longo da análise, o leitor poderá observar, na maioria das publicações, que elas se encontram em locais de destaque. São artigos publicados nas primeiras páginas e, quando não na primeira, quase sempre estão na primeira metade de página, exceto algumas publicações de Dionísio Ladeira.

93 Disponível em: < <https://www.folhadamata.com.br/> > acesso em: 02 de abril de 2022.

94 DARNTON, Roberth. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica. 1990. P. 71.

No âmbito das trajetórias jornalísticas, podemos apontar o nome de Tony Mello. Na edição de nº 229, de 29 de setembro de 1973, ele é mencionado no quadro de expediente como integrante do departamento fotográfico. Já na nº 922, de 27 de setembro 1986, escreve coluna de notas sociais publicadas na segunda página. No ano de 1990, nº 1128, perde espaço para a coluna do Paniago, para em 1991, na nº 1180, voltar mais combativo, ainda escrevendo notas sociais, mas também publicando textos de opinião – na página 11.

Artigos de primeira página, nas edições analisadas, são de autoria do próprio jornal ou assinados por Pélmio S. Carvalho. Acreditamos que, em virtude de sua aposentadoria, ele passa a ocupar a segunda página do jornal, no lugar anteriormente reservado à Coluna do Paniago, que vai assumir a página 4. Darnton relata sua experiência no jornal *The Times*, para colaborar na compreensão da dinâmica de uma redação vista por dentro. Em alguns aspectos de funcionamento, como nas mudanças de colunas para outras páginas, na aquisição de maior espaço, de acordo com o caso de Tony Mello, manifestam-se similitudes às assertivas do autor, o que demonstra aquisição de prestígio do colunista.

Assim, as designações, os cortes e a distribuição ou —jogo das matérias fazem parte de um sistema de reforço positivo e negativo. Ao contrário do que acontece em muitos jornais, é freqüente que o *The Times* dê os créditos de quem fez a matéria, de modo que os repórteres ficam satisfeitos que suas matérias passem pelo copidesque sem sofrerem alterações, e saiam num bom lugar do jornal, isto é, perto do começo do caderno e na metade superior da página. Todos os dias, cada correspondente no exterior ganha seu reforço sob a forma de “primeira página”, e é avisado por cabo sobre as matérias que foram para a frente e as que “ficaram dentro”.⁹⁵

Todo jornalista escreve para ser lido (principalmente entre seus pares) e para ter sua matéria publicada em um bom espaço de um impresso, haja vista que isso é sinônimo de importância.

Por outro lado, é preciso entender, também, como o leitor recebe essa mensagem.

Ao vermos uma notícia na televisão, ao escutarmos o rádio, ao lermos o jornal jamais pensamos que o fato narrado não poderia ter se dado ou que poderia ser uma invenção do seu produtor. O relato jornalístico é revestido da característica de crível antes de qualquer outra presunção. Assim, quando se descobre que um relato foi inventado, a notícia assume a proporção de um verdadeiro escândalo. Não existe a possibilidade de invenção da realidade no mundo do jornalismo, em função de ser atribuída aos produtores desse discurso à outorga de poder realizar somente um discurso tido como verdadeiro.

E é a partir desse revestimento, como aborda Barbosa, que devemos buscar entender a imprensa. Ela sempre se posiciona como portadora do crível, ocupando posição parecida com

95 DARNTON, Roberth. 1990. p.73.

a de uma testemunha. No entanto, como bem destaca Sarlo⁹⁶, a testemunha também tem subjetividades: “o sujeito que fala é uma máscara ou uma assinatura”⁹⁷. Antes de qualquer coisa, a versão oficial sobre a “história” de Viçosa foi naturalizada por um trabalho de enquadramento de memória desempenhado pelo jornal, passando pelo revestimento do crível. A desconstrução desse tabu – ler tudo que se publica na imprensa como verdade –, deve ser envolvida em um trabalho constante de questionamento. Nos últimos anos, a mundialização promovida pela internet tem fortalecido significativamente o combate desse tipo de narrativa, acendendo a dúvida em relação à imprensa consolidada, por meio da pluralidade do acesso à informação, problematizando a produção das narrativas no âmbito da imprensa.

Ademais, um jornal precisa de recursos financeiros para sobreviver e os anunciantes têm papel importante nas finanças. O comércio local tem papel importante nesse sentido, porém há anúncios variados ao longo de todos os anos estudados. Alguns aparecem poucas vezes, ou uma única vez, mas há aqueles que podemos considerar fiéis na compra desse espaço para propaganda local. Entre eles, convém ressaltar: Prefeitura Municipal de Viçosa, Câmara Municipal de Viçosa, UFV (através da FUNARBE e AGROS), SAAE, instituições de ensino como colégio CARMO, Sistema Equipe de Ensino, ESUV, UNIVIÇOSA, FDV, Casa do Empresário, CDL, UNIMED, Plamhuv, Saint Charbel, Grupo Mundial, lojas Sant’anna, além da propaganda política em anos eleitorais. Dentre todos os anunciantes, a PMV consta com divulgação em todas as publicações, sendo o principal anunciante, revelando sua relevância – pela frequência de vinculação e por se tratar de anúncios grandes e em posições de destaque que são mais valorizados, ou seja, também são mais caros. Em outras palavras, podemos compreender que aqueles que anunciam também leem e, de alguma maneira também influenciam o jornal. Portanto publicações direcionadas à prefeitura, por exemplo, passam pela certeza de que a mensagem chega ao remetente.

Os meios de comunicação dependem substancialmente da propaganda, portanto é compreensível seu posicionamento ao lado dos chamados núcleos de poder, consoante ao que defende Marialva Barbosa, pois há uma relação de dependência entre eles.

Os meios de comunicação estruturam sua cobertura no sentido de legitimar os núcleos de poder. O noticiário rege-se pela atuação das instituições hegemônicas e marginaliza os núcleos não hegemônicos. Tais grupos, mais próximos da vivência dos leitores, ficam excluídos, passando a figurar como notícia apenas quando surgem problemas de grandes repercussões (greves, acidentes, catástrofes, etc.).

96 SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

97 *Ibidem*. p. 33.

Predominando uma cobertura dessa natureza, o jornalismo brasileiro assume um caráter elitista.⁹⁸

Essa relação de apoio não se limita apenas ao fato financeiro, mas também político e ideológico e é carregada de subjetividades, adquiridas também durante a sua gestação no seio do capitalismo. Portanto, tudo que não é hegemônico tende a ficar de fora, aparecendo apenas em situações de excepcionalidade.

Consideramos o periódico como “lugar de memória”: onde o residual da memória repousa sobre os lugares, apoiando-se em estruturas sólidas, porém muito sensíveis. O uso desses espaços, a partir do sentido que atribuímos a ele, é o que lhe credita a condição. De acordo com a concepção de Pierre Nora⁹⁹, esses lugares devem agregar funções.

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança.¹⁰⁰

Ao investir a imaginação, o lugar, vai adquirindo simbologias num processo que envolve subjetividades, temporalidades e usos distintos, transformando algo simples em construções extremamente complexas.

A mudança ocorre quando objetos ou espaços de memória agregam, simultaneamente, três características: material, simbólico e funcional; em outras palavras, precisam de estrutura fixa, de atrair sensibilidade e de ter outra utilidade. Esse conjunto de funções, sentidos e valores são encontrados nas relações que se estabelecem com um, ou uma série de suportes – espaços como arquivos, museus, cartas, documentos, objetos variados ou mesmo um jornal impresso, que nesse caso, tem em sua redação a função de suporte da memória, de arquivo privado, encontrando, no coletivo que o produz, relações de afetividade e concorrência, relacionado ao que apresentamos acima nas disputas por melhores espaços para publicação de reportagens e outros.

98 BARBOSA, Marialva. **Senhores da memória**. p. 3 – 4. Disponível em: < <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5281189434155472217413491799349447635.pdf> > acesso: 21 de junho de 2021.

99 NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. In: **Projeto História**, no 10, p. 7-28. São Paulo: PUC/SP, dez.1993

100 *Ibidem*. p. 21-22.

Dentre suas funções, a organização da memória quase nunca é inconsciente, porque as comemorações têm objetivos bem definidos. Marialva Barbosa elucida a questão em seu texto intitulado “Jornalistas: senhores da memória?”:

Presentificando o passado, a retórica jornalística da comemoração estabelece em relação ao acontecimento, difundido como informação e como espetáculo, a materialização de uma dada memória através da montagem de uma verdadeira indústria da comemoração.

Para isso mistura-se o presente e o passado, razão pela qual tornam-se os meios de comunicação verdadeiros guardiões das comemorações contemporâneas e construtores de uma dada materialização da memória.¹⁰¹

Quando o jornal comemora o aniversário da cidade, ele busca entreter, a fim de manter o público distraído, visando ganhos financeiros, em um retorno e legitimação da própria instituição e dos indivíduos que ali atuam. E isso se relaciona com a reafirmação do poder hegemônico local, na materialização de uma memória no impresso, em um processo de reorganização de uma determinada representação do passado e da sua cristalização, com a ajuda do combustível da notícia.

Logo, o folhetim bebe das águas das matrizes de memória, reconhecendo-as, “autorizando-as”, em um processo que utiliza toda a estrutura física e intelectual de uma redação, a fim de materializar o fenômeno no jornal. Vale ressaltar que não são apenas os propagandistas da memória, um colunista ou jornalista, por exemplo, que atualizam o fenômeno, mas um conjunto de pessoas e coisas que compõem a redação de um jornal. Não podemos distinguir o coletivo do jornal, pois o jornal é o produto da interação coletiva, dentro de uma determinada estrutura física. Valer ressaltar que o periódico não atualiza a narrativa oficial apenas em publicações de responsabilidade pessoal, aquelas matérias contendo assinaturas de colunistas, mas também publicou naqueles conteúdos sob responsabilidade do jornal ou sob assinatura do próprio Pélmio S. de Carvalho.

Por fim, o trabalho de enquadramento é excludente como toda e qualquer memória. A seleção faz parte do movimento de organização do fenômeno e isso em si não configura problema, só reforça as cores de outro fenômeno: o comunicacional. O malefício está no uso.

2.3 . Os “historiadores da casa” e as gerações de propagandistas da memória oficial

101 BARBOSA, Marialva. **Senhores da memória** p. 11.

Em 1970, a narrativa surge no estado “retração”, em trechos resumidos, fazendo leve alusão à questão para, em 1971, manifestar-se com latência em virtude das comemorações dos 100 anos do município. Aproveita-se o ensejo para saudar com entusiasmo o projeto de integração da Zona da Mata mineira, bem expressado nos investimentos que a região recebeu para ampliar as vias de transporte terrestre – no caso de Viçosa, a construção da BR – 120, que visava melhoria no acesso a cidade, além de ligá-la a Belo Horizonte.¹⁰² Outro evento também festejado pela edição de 1971, foi a federalização da UREMG, pelas oportunidades que poderia oferecer à localidade e ao seu entorno.

A edição comemorando os 100 anos da cidade¹⁰³, contou com imagens e artigos versando sobre a suposta “história” local. Representações fotográficas de instituições de ensino e de seus respectivos fundadores ajudaram a ilustrar as páginas do jornal. Parte da matriz de memória presente na obra de Alencar levantada no capítulo anterior foi publicada em local destaque, ainda nas primeiras páginas, na parte superior da publicação, em texto com formato de notícia, de autoria do próprio jornal¹⁰⁴.

Registro da nossa história

As informações mais remotas de que se dispõe sobre a aparecimento dos primeiros núcleos de povoamento que formariam depois a Freguesia de Santa Rita, hoje Cidade de Viçosa remontam ao ano de 1800.

Você sabia que a 8 de março de 1800, um dos moradores do povoado, Pe. Francisco José da Silva, obtinha do Frei Cipriano, então Bispo de Mariana, autorização para erigir a primeira capela do povoado? A capela foi erigida sob a invocação de Santa Rita de Cássia, que era a Santa de devoção de Pe. Francisco e ficou sendo a padroeira dos viçosenses.

Você sabia que o primeiro nome de nossa cidade foi Povoado de Santa Rita? Mais tarde passou a chamar-se Povoado de Santa Rita do Turvo, por causa do rio que atravessa a região e para distingui-lo de outros povoados com o mesmo nome, existentes na ocasião.

Você sabia que primitivamente esta região era habitada pelos índios Puris, pertencentes ao ramo dos Tupis?

Você sabia que a Paróquia de S. Rita de Cássia foi criada com sede na Freguesia do mesmo nome, pelo Dec. de 14 de julho de 1832

DECRETO DE 14 DE JULHO DE 1832

‘A Regência em nome de Imperador o Senhor D> Pedro II, tem sancionado, e manda que se execute a Resolução seguinte da Assembleia Geral, sob proposta da Província de Minas Geraes:

Art. 1º – Ficam elevados a Parochias na Província de Minas Geraes, e na Comarca de Ouro Preto, os seguintes Curatos:

102 Dayana Debossan; DE JESUS CHRYSOSTOMO, Maria Isabel. **Estratégias imobiliárias e a construção do “mito” do pai dos pobres na produção dos bairros periféricos de Amoras e Nova Viçosa (1970-1990)**. Raega-O Espaço Geográfico em Análise, v. 33, p. 277-306, 2015. P. 285.

103 **Folha da Mata**. Viçosa – MG. Nº 170, 30 de setembro de 1970. p. 2.

104 **Esclarecemos**, notícias sem assinatura são de responsabilidade dos órgãos que as publicam.

3º O Curato de Santa Rita do Turvo tendo como filiaes os Curatos de São José do Barroso e Conceição do Turvo.

Diogo Antônio Feijó, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessários, Palácio do Rio de Janeiro, em quatorze de Julho de mil oitocentos e trinta e dois, undécimo da Independência e do Império. (Assinado – José da Costa Carvalho – José Bráulio Muniz – Diego Antônio Feijó)’.

Você sabia que Freguesia foi elevada à categoria de Município, pela Lei nº 1817 de 30 de setembro de 1871, data em que se comemora a emancipação política do Município? O Município foi instalado em 30 de abril de 1873, pelo então Presidente da Província de Minas Gerais, Dr. Francisco Leite da Costa Belém, e pertencia judiciariamente à Comarca de Piranga.

Você sabia que o primeiro Juiz Municipal Presidente da Câmara Municipal foi o Coronel Manoel Bernardes de Souza Silvino, que presidiu a primeira audiência judiciária em 30 de abril de 1873? O Coronel Manoel Bernardes de Souza Silvino tomou posse como Presidente da Câmara e Chefe do Executivo Municipal, em 22 de janeiro de 1873; a primeira Câmara de Vereadores ficou assim constituída:

Presidente – Manoel Bernardes de Souza Silvino.

Vereadores – José Lopes de Faria Reis

Joaquim Gonçalves Fontes

Antônio Pinto de Miranda

Pedro Nolasco da Fonseca

Joaquim de Oliveira Ribeiro

Você sabia que a Cidade foi criada pela Lei nº 2.216 de 3 de julho de 1876, com o nome de Viçosa, em homenagem ao então Bispo D. Viçoso?

Você sabia que o primeiro Presidente da Câmara Municipal de Viçosa, eleito nas primeiras eleições da República, foi o Dr. José Theotônio Pacheco?

Você sabia que a Comarca de Viçosa foi criada pela Lei nº 230 de 10 de novembro de 1890, pelo então Governador do Estado Dr. Crispim Jacques Bias Fortes, sendo o seu primeiro Juiz o Dr. Joaquim Delvaux Pinto Coelho? A Comarca foi elevada à categoria de 2ª entrância pela Lei nº 912 de 23 de setembro de 1925.

Você sabia que o primeiro Vigário de nossa Paróquia foi o Pe. José Bonifácio de Souza Barradas que tomou posse em 21 de setembro de 1833.

Você sabia que o primeiro Advogado a militar no Fórum de Viçosa foi o Dr. Carlos Vaz de Mello, que compareceu à audiência de instalação da Comarca, acompanhado dos solicitadores João Braz da Costa Val e José Moreira da Silva?

Você sabia que o primeiro jornal local foi a ‘Cidade de Viçosa’ fundado em 1892, pelo então Senador Dr. Carlos Vaz de Mello?

Você sabia que o Dr. Artur da Silva Bernardes iniciou a sua vida pública, elegendo-se vereador à Câmara Municipal de Viçosa, em 1904? Foi Chefe do Executivo Municipal, Governador do Estado (1918-1922). Presidente da República (1922-1926), tendo desempenhado vários outros cargos públicos de importância.

Você sabe que nesta data em que comemoramos cem anos de nossa emancipação política, o nosso município é constituído de 179 Km²? A população total do município é de 26.933 habitantes, e a população urbana é a seguinte:

Cidade de Viçosa	16.657 habitantes
Vila Cachoeirinha S. Cruz	422 «
Vila de Silvestre	1.029 « ¹⁰⁵

O título da notícia é bem objetivo. Trata de registros e apresenta documentos da “nossa história”. Mas, qual história é essa? De qual coletivo? O corpo do informativo elucida: trata-se da “História”, melhor dizendo, da memória de grandes homens ligados à política e à igreja

105 ALENCAR, Alexandre. “Registro da nossa história nossa”. **Folha de Viçosa**. Viçosa – MG. Nº 170 de 30 de setembro de 1970. p. 4. Grifos do autor.

católica, bem como das instituições municipais e religiosas da cidade. Santa Rita do Turvo, que não é o mesmo que Viçosa, nasce com ajuda desses homens e instituições e os registros constam na notícia para fins de comprovação da “verdade”. A suposta Viçosa desse desenho não deixa dúvidas sobre seu caráter único e incontestável, mediante documentação presente no fragmento.

A similitude entre o fragmento exposto acima e parte da versão escrita em livro por Alencar, é notória, como podemos constatar abaixo:

Das zonas auríferas de Ouro Preto,ⁱ de Mariana e de Piranga, é que, por força desse determinismo, **afluem os primeiros colonizadores às margens de Turvo, dando, dess’arte, a origem ao pequeno povoado que constitui o berço da atual cidade de Viçosa. Tanto assim é que, a 8 de março de 1800, um de seus, moradores, Padre Francisco José da Silva, obtinha já, por provisão, de D. Frei Cipriano de São José, o quinto bispo de Mariana, licença para, aqui, erigir uma ermida, sob a invocação de Santa Rita, santa de sua devoção.** Dentro em pouco passava aquela a chamar-se Capela de Santa Rita, que muito não tardou a dar seu nome ao incipiente povoado, a que mais tarde se ligou o do rio, que o atravessa: o Turvo.¹⁰⁶

O jornal relembra a versão tecida por Alencar, como comprova a citação acima, com a mesma sequência cronológica e com homens ligados à igreja, marcando a importância da instituição na formação da cidade.

Pedagogicamente, na mesma edição ocorre a [re]organização do trabalho de enquadramento da memória na coluna de Dionísio Ladeira, incluindo à versão a figura de Arthur Bernardes, como herói da pátria e da cidade. A versatilidade durante atualização pode ser percebida a partir da sua publicação em diferentes gêneros textuais. A estrutura de conteúdo agrega novos itens, normalmente pessoas e suas vivências, em um mecanismo que reforça o caráter verossímil dos supostos acontecimentos. Em outras palavras, usa-se formas de narração diferentes para organizar e tornar o fenômeno atual e mais aderente, garantindo que ele atraísse o maior número de leitores possível.

Assim, quando a FÔLHA DE VIÇOSA publica sua edição do centenário, **nada mais jornalisticamente importante do que ouvir aquele que conviveu com o mais ilustre dos filhos desta terra e tentar arrancar dele alguns fatos que ficaram à margem da história.**

Em companhia de D. Nhanhá, a espôsa, sem filho, sem dinheiro e sem saúde, ‘seu Tônico, hoje quase octogenário, vive uma espécie de exílio em Juiz de Fora, saudoso de uma época que não mais volta, apenas consolado com a leitura da Bíblia, de um ou outro jornal da terra e algum bate papo de um ou outro viçosense daquelas bandas e daquelas épocas, também tão melancólicas quanto êle ...

- Não posso ir a Viçosa
- Que o Senhor guarde de Viçosa?
- Guardo a lembrança de uma vida inteira

106 Alencar. Fatos e vultos. 1950. p. 26. Grifos nossos.

- Ótimo. Estamos exatamente atrás dessas lembranças ...

- **Será que ainda existirá quem se lembre? Viçosa de olhos atentos acompanhado um filho na Chefia do Governo do Estado, na Presidência da República, na crista da Revolução de 30, na solidadriedade aos paulistas de 32, na amargura do exílio, no ostracismo do Estados Nôvo. Ntando a redemocratização de 45, na campanha nacionalista em prol do monopólio estatal do petróleo...**

- Sim, são fatos que pertencem a História. Uns a viveram ontem; outros a sentem hoje nos livros. Lembremo-nos que mais da metade da população de Viçosa é estudante...

- Então não será preciso acrescentar mais nada...

- É sim; principalmente os inéditos ...

Fins de 1930. A Igreja Matriz de Mariana está regorgitando de fiés. Lá estão também dois filiados do movimento que derrubara a República Velha: Arthur da Silva Bernardes e Dr. Getúlio Dornelles Vargas, D. Helvécio de Oliveira celebra a missa de ação de graças, fruto de uma de sua Excelência Reverendíssima para os bons têrmos da Revolução, Bernardes, penitente e compenetrado, está também atento à figura do Chefe do Governo Provisório: Getulio e mantém de pé durante todo o ofício religioso.

Fins de 1932, Bernardes lançara em Viçosa o manifesto de apoio aos revolucionários paulistas na chamada Revolução Constitucionalista contra Getúlio e agora sua casa está cerca por soldados. O ‘seu’ Tonico está la com o Presidente e – memória fresca – pergunta por que a ação de agora contra o Govêrno que o próprio Bernardes apoiara para ocupar o Catete. Onstituinte, mas parece querer eternizar-se como ditador. Dois anos depois, o povo começa a desconfiar do Govêrno. Eu, porém, ando preocupado com Getúlio desde o dia em que êle não se ajoelhou em Mariana ...

Era a figura do homem – grande homem – e, por isso mesmo, estadista de uma profunda vida espiritual, submisso Aquele de quem não se esqueceu nunca. Objeto mesmo de suas últimas palavras ao falecer em 23 de março de 1955.

- Ah!... O senhor esta dizendo que a casa de |Bernardes estava cercada por soldados. Conte-nos a história da fuga e da captura...

- Muito simples. Conforme estava combinado, às 21 horas o Sr. Àgnello Gomes da Silva apagou as luzes da cidade. Então saímos com o Presidente tranquilamente: eu, o Quinca Paraíso e um sobrinho de D. Clea, cujo nome me esqueço agora. Na ponte da Rua dos Passos, o Sebastião da Luz nos esperava com automóvel que nos levou até, Silvestre, onde os cavalos os esperavam para conduzir os três para a Fazenda São João. Daí o Presidente ficou sempre andando, indo à Fazenda de Zé Gomes em Calambau, depois vindo para a Fazenda do Turvo Limpo e, finalmente, dali vai para a Fazenda Luíza, de Cornéllio de Paula Lana, onde os soldados prendem Quinca Paraíso e o sobrinho de D. Clea. O Quinca Paraíso fôra portador de uma carta do Presidente ao Major, dizendo que se entregaria, mas gostaria que o próprio oficial o fôsse buscar, evitando-se, assim, cair em mãos de soldados na época não muito respeitadores da dignidade humana. O majora sentiu-se muito honrado, mas disse ao Quinca: ‘ Só não perô é o Joaquim Fialho de Freitas. Quando o achar, acertaremos as contas’. Falara com o próprio...

- Mas se êle acabou se entregando, por que fugirá?

- **Porque sabia que a fuga favorece meditação. Longe de nossa casa; longe de nossa terra, longe de tudo que nos toca a afetividade um homem pode melhor meditar sôbre as decisões a tomar.**

E acrescenta o ‘seu’ Tonico de Oliveira, hoje vivendo também longe da terra, no seu ‘exílio’:

- **Os grandes homens tomaram as grandes decisões em momentos de fuga. Até o Cristo fugiu muitas vêzes e foi numa delas, no Monte das Oliveiras, que selou o seu compromisso de redimir a humanidade.**

- **Verdadeiramente, a sabedoria está presente naquele humilde barraco!**

- **Mas, e depois ‘seu’ Tonico? 1937, de nôvo, o Presidente seria molestado...**

- Sim, mas agora ele recusou-se ao exílio, indo o Arthuzinho em seu lugar. Ficou apenas confinado na Fazenda Santa Helena, em Ponte Nova, cujo proprietário era o Dr. Cristiano de Freitas Castro, seu genro. Lá eu ia sempre levando-lhe a correspondência e os jornais. Numa dessas ocasiões lhe perguntei por que também ele, uma década antes, não dera um golpe semelhante ao 'Estado Nôvo', já que tinha pleno domínio da situação. A resposta veio em seguida:

- Oliveira, antes de Getúlio ninguém pensara nisso.

O nôvo regime trás a Viçosa o Dr. Sílvio Romeu César de Araújo. À uma pergunta de como deveria recebê-lo, o Presidente é lacônico, incisivo e profético:

- Receba-o bem. É um môço bom e trabalhador; fará muito por Viçosa.

- Oliveira, êsse môço fêz por Viçosa mais do que os prefeitos desta terra. É preciso que os administradores do futuro mantenham êsse ritmo. Viçosa tem condições de se projetar na Zona da Mata.

Com o fim da Segunda grande Guerra veio a promessa da redemocratização e, com ela, reacederam-se as lutas políticas. Mas o 'seu' Tonico agora está numa posição que hoje diríamos 'ecumênica': tem transito livre nas duas áreas e, por isso mesmo, reconhece que o melhor caminho seria a compreensão mútua para o trabalho maior, visando ao bem-comum.

Mas a cidade é política por excelência. Acostumada a ver, desde o Império, filhos seus nos altos escalões, a dispor de todos os cargos legislativos e executivos a política é quase inata ao viçosense. E 'seu' Tonico era de Oliveira... Então ele saiu despistadamente de cena e em fins da década de 50 vem para Juiz de Fora, para o seu exílio, para a sua meditação... Não esquecerá, porém, jamais a cidade que tem por padroeira a Santa Rita de Cássia.

Por isso, quando ele iniciou o diálogo conosco e disse o ' não posso ir a Viçosa ...' rolaram-lhe pela face muitas lágrimas, seu presente – seu maravilhoso presente – a esta Viçosa que ele tanto amou ...¹⁰⁷

A entrevista foi vinculada à coluna de Dionísio Ladeira, recebendo o nome de “Uma testemunha ocular da história”. Dionísio conversou com seu Tonico, que foi administrador do sítio do amigo de Arthur Bernardes e que teria presenciado vários fatos importantes não só para a cidade, como também para a nação. Conforme Sarlo ressaltou, em determinadas situações, a testemunha é utilizada como fonte de informação incontestável e indiscutível. A vivência de seu Tonico ajuda a dar o retoque incontestável à reportagem. As circunstâncias de fala não são extremas, embora o apontamento de sua idade avançada dê a entender a urgência de sua fala pelo esgotamento promovido pelo tempo. O texto passa as ideias de tranquilidade, clareza e espontaneidade durante as respostas. Tão espontâneo que parece combinado! Contudo, a função do seu testemunho é bem similar ao apontado por Sarlo, pois fala por alguém que não mais pode falar. A partir da participação no evento como coadjuvante, presenciou as supostas dores e a injustiça, e isso lhe atribui grande credibilidade.

Nesse ínterim, a cidade se torna pano de fundo para grandes episódios da história da nação, como a revolução de 1932 e a Era Vargas, em 1937. O grande protagonista, Arthur Bernardes, é apontado como homem sensato e sábio na tomada de decisões imprescindíveis

107 LADEIRA, Dionísio. “Uma testemunha ocular da história”. **Folha de Viçosa**. Viçosa – MG. Nº 170 de 30 de setembro de 1970. P. 11. Grifos nossos.

ao futuro da nação. Um homem religioso, “temente a Deus e à igreja” que pronunciava sob a égide da igreja, a ponto de ser comparado a Cristo nos momentos de fuga – características de um herói. O líder, em momento algum, é questionado. As problematizações feitas à testemunha têm o objetivo de endossar as nuances desse homem ilustre. As características a ele agregadas afastam-se do perfil de político autoritário, famoso pela perseguição a seus opositores¹⁰⁸. A coisa piora mais um pouco com as ideias de cidade política por excelência, somado ao fato de que seus filhos estão acostumados a assumir altos cargos no legislativo e no executivo desde o Brasil império. Ora, que cidade política é essa?

Já no ano de 1972, temos publicações interessantes sobre o tema. Na primeira, Dionísio Ladeira, em sua coluna, demonstrou preocupação com um suposto isolamento da cidade. Brincando com as palavras, apontava que sua coluna deveria ter o nome de “Zona da Mata, especialmente”, em vez de “Viçosa, especialmente”. A ocasião foi aproveitada para lançar a ideia a Pélmio, o proprietário do jornal, de renomear o mesmo como porta-voz da região, demonstrando os anseios do colunista e, provavelmente, do jornal, em não representar apenas Viçosa, mas toda microrregião. E foi a partir da memória que se buscava a legitimidade desses impulsos, que, por meio de homens ilustres, demonstrava, historicamente, essa vocação para representar mais do que a cidade.

O colunista conhece o receptor dessa mensagem, os menciona no corpo do texto – Prefeitura Municipal de Viçosa, candidatos, Academia Viçosense de Letras, grêmio Artístico e Literário Arduíno Bolívar e Colégio de Viçosa – e os provoca a reação em relação a modificações sofridas pela cidade naquele momento de troca dos nomes de ruas, para tocar na problemática dos trilhos da linha férrea no centro da cidade¹⁰⁹, os quais teriam valor simbólico a parte da população ligada ao “perrismo”¹¹⁰, o que dificultava um desfecho favorável à sua retirada, pois o grupo ainda detinha grande influência nas decisões políticas na cidade.

Outro leitor pede protestos contra continuidade das passagens de níveis em pleno centro da cidade. Pois é, como as coisas mudam (pelo que se aconselha aos espíritos críticos profundo respeito pelo contexto): dizem que quando conseguiram fazer a ferrovia passar dentro da cidade, abandonando a ‘estação velha houve um foguetório dos diabos . . .

De qualquer maneira, agora que o Governador Rondon Pacheco emprenha-se junto ao Ministro Andreazza, objetivando a retirada dos trilhos dos centros de

108 Disponível em: < <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/governo-artur-bernardes-1922-1926-estado-de-sitio-e-coluna-prestes.htm> > acesso em: 05 de maio de 2022.

109 LADEIRA, Dionísio. “Viçosa, especialmente”. **Folha de Viçosa**. Viçosa – MG. N° 191 de 10 de setembro de 1972. p. 3.

110 Perrista é o nome dado aos seguidores do antigo PRM.

Belo Horizonte e de Juiz de Fora, é necessário que os badalados homens de prestígio da cidade se movimentem para lembrar-lhe que o problema afeta também as pequenas cidades como Viçosa . . .¹¹¹

O artigo soa como uma provocação aos bernardistas, dando a entender que os interesses desse grupo são um atraso para a cidade. Porém, as críticas colocam o colunista na trincheira oposta à do PRM, embora, em alguns momentos, ele também vá utilizar dessa influência de representações sobre Bernardes para dar suporte a publicações próprias. Outro ponto importante é o valor afetivo e simbólico que envolve as estruturas embebidas pela memória do ex-presidente.

Na mesma edição, também aparece a publicação de Alexandre de Alencar, autor da principal matriz de memória sobre Viçosa. No artigo de nome “Os fundadores de Viçosa [9]”, o autor discorre sobre a relevância de documentos oficiais para a reconstituição do passado local. Entre eles, estão os chamados registros paroquiais, que “deitariam luz ao passado viçosense”. Além de reforçar o valor das fontes utilizadas em seus estudos, informa como haveria ocorrido a transformação de Santa Rita do Turvo em Viçosa¹¹².

A princípio, é preciso entender a publicação de Alencar como parte de uma série de textos publicadas pelo jornal de forma consecutiva sobre o tema – os quais não temos condições de analisar inteiramente devido à metodologia adotada –, que ajudam a compreender como a memória oficial foi publicada, em partes, durante aquele período (no início dos anos 70, quinzenalmente, por um ano), com a intenção de divulgar o estudo de Alencar, legitimando a versão da suposta “história” de Viçosa, tornando-a irrefutável. O didatismo das publicações fica perceptível na vinculação dos quadros de memória, na exposição dos itens que materializam a versão, como a linha férrea, e na sua institucionalização em arquivos como da igreja católica local, nos chamados registros paroquiais e posteriormente no próprio arquivo Folha da Mata - forjado ao longo dos anos de existência do folhetim. Esses arquivos estão nas mãos desses que escreveram e escrevem essa memória, embora sejam passíveis de acesso público, são objeto de controle privado. E ainda denuncia o perfil de parte de seus propagandistas, professores.

Pela citação, podemos perceber os aspectos dos fazeres de Alencar – o historiador da casa¹¹³ –, na saga pela neutralidade, afastamento total das fontes, limitando-se na transcrição

111 LADEIRA, Dionísio, “Viçosa, especialmente”. **Folha de Viçosa**, Viçosa – MG. N° 191 de 10 de setembro de 1972. p. 3.

112 Versamos sobre a questão no capítulo anterior, Viçosa é uma coisa, Santa Rita do Turvo é outra. Para a memória essa comparação pode ser válida para a História não!

113 POLLAK, Michael. 1989. p. 10.

das fontes sem problematizações, prática semelhante à dos positivistas, embora essa tendência tenha sido deixada para trás com surgimento da escola dos Annales em 1929, a versão escrita dessa memória carrega o estilo.

No ano de 1991, temos um momento mais intenso na organização do trabalho de enquadramento, quando Pélmio e Tony Mello demonstram-se mais combativos na atualização do fenômeno. O colunista Tony Mello evoca a versão para, desta vez, dar os louros a Alexandre de Alencar pela escrita da “história” local, frisando sua qualificação como pesquisador, divulgando um novo livro do memorialista sobre tema. Não há dúvidas de que o memorialista revirou arquivos em buscas de informações sobre a antiga cidade, nem do valor sentimental e simbólico de sua empreitada. Entretanto, o valor empírico dessa produção é questionável.

Passamos ao fragmento, retirado da coluna Tony Mello

Mas nem tudo está esquecido. Na semana que antecedeu a data de aniversário de Viçosa, neste 1991, um viçosense da mais alta qualificação e que ama esta terra como poucos, **o professor, advogado, historiador e escritor, Dr. Alexandre de Alencar**, legou à população de Viçosa o seu mais recente livro - *Nos Alvores da História de Viçosa* -, antes mesmo de lançamento oficial nesta cidade. Um livro que mostra a preocupação dos grandes viçosenses pela sua terra natal. Mesmo residindo há anos em Belo Horizonte, o Dr. Alexandre de Alencar não despreza as suas raízes e nas suas lides dedica parte de seu tempo à história de Viçosa.

Prefaciado pelo também escritor viçosense, Gérson Cunha, outro residente em BH, **o livro desvenda de uma vez por todas os fatos históricos sobre a origem de Viçosa e seus verdadeiros fundadores, antes então divulgados erroneamente, como sendo o Capitão José Maria de Sanct Anna (Santana).**

Nele, através de documentação, sabe-se que a origem de hoje Viçosa, data do ano de 1800, mais precisamente o dia 8 de março daquele ano, quando o Padre Francisco José da Silva foi autorizado a erigir a Capela de Santa Rita – no local onde está a Capela dos Passos – o que demonstra a origem do arraial de Santa Rita do Turvo, primeiro nome de Viçosa, cujo patrimônio foi doado, em 1805, pelo casal Manoel Cardos Machado e Ana Joaquina Fraga.

Ainda mais, que a antiga matriz de Santa Rita de Cássia – foto da capa do livro -, foi construída por volta de 1813 e, outras datas, como a de 1830 assinando que existiam apenas 22 casas de moradia, no arraial. Tudo documentado neste livro – *Nos Alvores da História de Viçosa*, que pode ser considerado uma sequência do primeiro livro escrito por Dr. Alexandre de Alencar sob o título – *Fatos e Vultos de Viçosa*, editado em 1959.

Cabe ainda uma pesquisa sobre as atuais famílias viçosenses, cujos sobrenome é o mesmo dos verdadeiros fundadores de Viçosa: Cardoso Machado, Rodrigues Valente, Gonçalves Fontes, Lopes dos Santos, Gomes da Silva, Silva e Castro, Almeida – hoje Almeida Ramos, Gonçalves Gomide – hoje apenas Gomide, dentre outros citados no livro. ¹¹⁴

114 MELLO, Antônio. “VIÇOSA – 120 ANOS”. **Folha da Mata**, Nº 1180 de 28 de setembro de 1991. Coluna Social Tony Mello. p. 11. Grifos nossos.

Aqui, encontramos dois elementos importantes na composição de um enquadramento de memória. Um deles é o *historiador da casa*. Como apontou Pollak, “se o controle da memória se estende aqui à escolha de testemunhas autorizadas, ele é efetuado nas organizações mais formais pelo acesso dos pesquisadores aos arquivos e pelo emprego de ‘historiadores da casa’”¹¹⁵. Este é aquele autorizado a falar, a escrever sobre a questão, bem personificado nas funções da figura de Alencar e no controle do arquivo privado do Folha da Mata (ressaltamos relativa acessibilidade ao arquivo).

Outro ponto importante são as famílias, parte da elite política local a quem a versão representa e legitima pela posição de valor que só os pioneiros, na expressão de fundadores, podem ocupar na “história” do município. A disputa teria sido encerrada, pois a obra de Alencar teria, supostamente, provado, por meio de documentação escrita, quem foram os “verdadeiros” fundadores da cidade.

Na versão concorrente, que será exposta mais adiante, o “Capitão”, quando fincou os pés nessas terras, teria dito do alto de uma montanha: “daqui até onde a minha vista alcança é meu”. O principal quesito para refutar essa outra narração a respeito da cidade foi sua construção amparada na oralidade, demonstrando o descrédito desse tipo de fonte para o grupo. Dando a falsa percepção de que “verdade” só pode ser construída a partir de palavras escritas, campo de domínio dos propagandadores da memória, convém ressaltar que versão, independentemente oral ou escrita, tem o mesmo valor. O que difere é o uso do historiador.¹¹⁶

A exposição da querela continua na próxima edição na coluna de Dionísio Ladeira.

Com um atraso de dois ou 15 anos – afinal o livro foi editado em 1989 e os textos básicos publicados na então ‘Folha de Viçosa’ ainda em 1976 – **chega à terra ‘Nos Alvores da História de Viçosa’, de Alexandre de Alencar.**

Não é uma sequência do seu ‘Fatos e Vultos de Viçosa’ publicado em 1959, que trata ‘da primeira bandeira ao ano de 1892’. Diria ser tão somente um adendo, um complemento ao primeiro livro, tentando esclarecer as origens da Santa Rita do Turvo, seus primitivos habitantes, as famílias que fizeram história . . .

Mas ‘Nos Alvores da História de Viçosa’ chega com dois, quinze anos de atraso, trazendo inquietação à família Sant’Ana.

- Não é o Capitão José Maria de Sancta Anna um dos fundadores de Viçosa?!

Os documentos respondem que não! Quando o jovem José Maria aqui chegou com 18 anos, oriundo da hoje Porto Firme via um ano da hoje Visconde do Rio Branco – no longínquo 1815 – já existia o povoamento ‘8 de março de 1800, um de seus moradores, Padre Francisco José da Silva, obtinha já, por provisão de D. Frei Cipriano de São José, o quinto bispo de Mariana, licença para aqui erigir uma ermida, sob a invocação de Santa Rita, santa de sua devoção’ (Fatos e Vultos, p. 26)

115 POLLAK, Michael. p. 10.

116 LÊ GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

Também a ‘versão que, há decênios vem, também, sendo ensinada em nossas escolas – escrevia Dr. Alexandre de Alencar há 15 anos na Folha de Viçosa – e que, entretanto, não é senão fantasia é a de que o Capitão José Maria de Sancta Anna, subindo a um dos morros que circundam Viçosa, Volvendo o olhar à vastidão das terras que se estendiam a perder de vista na linha do horizontes, em torno de si próprio, exclamara solenemente:

‘- Toda a vastidão das terras que minha vista alcança me pertence . . .’

E já prova o autor àquela época, documentalmente, que muitas outras pessoas eram também donas dessas terras, como está no Livro de Registro Paroquial’.

- Então o velho Capitão, pai do Serafim, avô do Zé Serafim, bisavô de sua mãe, seu trisavô não estava com essa bola toda?! . . .

- Não! E certamente ele nunca pensou nisso . . .

Entendo que o papo que as nossas professorinhas se encarregaram de divulgar – porque não tinham acesso à verdade histórica (...).¹¹⁷

No texto, o autor vai levantando nomes importantes para a cidade, como o do próprio Bernardes, que chegou a essas terras após os fundadores, e esse detalhe não teria conferido a essas pessoas menos prestígio. Será? O que nos leva à reflexão: o que, então, oferece? Pela leitura, a disputa parece estar sobre o que podemos entender como direito histórico, aquele atribuído pelo crivo do tempo. Ora, Alencar debruçou-se anos a fio sobre documentos para provar quem supostamente fundou Viçosa, para apenas descreditar a versão do Capitão e sua família, sem pleitear nenhum privilégio dessa memória? No mínimo, a disputa em algum momento envolveu a questão de terras. Se a ideia era mesmo assinalar quem primeiro chegou em Santa Rita do Turvo, esqueceram-se de pontuar quem estava lá quando a igreja e as famílias pioneiras chegaram. Romilda O. Alves problematizou a expansão das fronteiras nesta região a fim de implementar o projeto civilizador que previa civilizar índios e aniquilação, quando necessária. Essa desapropriação deve ser lembrada por revelar o lado violento, figurado tanto na presença local da igreja, quanto na dos denominados pioneiros, ofuscados e/ou apagados pela imagem de bondade e desprendimento da igreja e dos “destemidos” desbravadores portadores do progresso que suportam a construção do mito fundador local e a afirmação de singularidade de uma versão sobre a cidade. O problema do caráter único dessa narrativa não é que ela esteja errada, segundo a escritora Chimamanda Adieche: o problema que essas são incompletas¹¹⁸ e terminam por criar estereótipos. Em Viçosa, a ideia de cidade vocacionada à educação constrói o estereótipo de população educada e culta, desenhando a falsa ideia de acessibilidade do ensino em todas as etapas/idades, independentemente de classe social, de cor e de gênero, atribuindo à população e ao indivíduo a responsabilidade de

117 LADEIRA, Dionísio. “Ora, Capitão . . .” **Folha da Mata**. Viçosa – MG. N ° 1181 de 05/10/1991. P. 2.

Coluna Dionísio Ladeira. Grifos do autor.

118 ADIECHE, Chimamanda. *Op. Cit.*

não possuírem um diploma, assumindo isso desde sempre, como vocação de todo viçosense. É sabido que as instituições escolares deveriam ser, mas não são acessíveis a todos e, à medida em que se vai avançando na trajetória escolar, mais difícil se torna o acesso.

Por fim, o discurso sobre os tais fundadores, é uma memória amarrada à versão dos colonizadores, começando pela posse de terra pelos sesmeiros, passando pela figura dos fazendeiros, do coronelismo, e atualizando-se no poder concentrado nas mãos dos empresários locais, defensores do turismo, que favorece a especulação imobiliária e o comércio.

Em 1993, ficou transparente a disputa pelo direito da escrita da versão oficial, no artigo sobre aqueles que teriam condições de escrever a “história” do município.

Viçosa comemora, neste 30 de setembro, 1993^o ano da graça de Jesus Cristo, 171^o da Independência do Brasil, 104^o da República e 122^o de sua fundação, mais um ano de história, que se bem vivida – páira dúvida – muito mal contada, na opinião de todos aqueles que, pelo menos, já manusearam um Besselaar, que seja, de metodologia histórica. Com a palavra o cônego, doutor na matéria.

Contar história é como plantar couve. Todo mundo se capacita a tanto. Confundem História – ciência da certeza, do concreto e da verdade – com estória – narrativa despretenciosa, ficção, pura e livre.

Dr. Alexandre Alencar, em seu *Fatos e Vultos de Viçosa*, procurou levantar os documentos da origem de nosso município, e em seu prefácio, na modéstia de todos os adeptos de Clio, declara ser apenas, o iniciante do trabalho árduo que esperava ter continuidade – ledor engano – nas gerações vindouras.

Tirante Alencar, que iniciou um trabalho sério de pesquisador de arquivos, documentos (mortos e vivos), nada mais se fez, de sério, para se escrever a História de nossa cidade. Mas, muitos ‘couvicultores’, **ao longo dos anos, lançaram suas estórias, sem nenhum embasamento científico, tumultuando as mentes de nosso povo (e jovens, o que atinge as raias da criminalidade), principalmente, sobre a possível origem do nosso município. Assim, ela ficou cheia de índios de tribos distantes, capelas nuvistas, porteiras que encimavam os montes, padres quase imaginários e capitães – malditos capitães da historiografia! - poderosos, senhores de grandes escravarias e terras infinitas que se perdiam no horizonte impossível de se divisarem.**

Depois, vieram os resumos históricos, obrigatórios e compulsórios, dos catálogos da Universidade, do IBGE – que é geográfico e nada histórico – e, desgraça maior, as introduções dos telefônicos.

No meio da babel que se transformou o estudo da origem do município se misturam, hoje, esquecidos e inúteis, os trabalhos oportunistas de políticos, agrônomos, médicos e advogados.

Nenhum historiador de fato ainda se aventurou a dar continuidade ao trabalho que o Dr. Alencar iniciou. E escrever a história de Viçosa, necessariamente, nada tem a ver com o desvendamento de suas origens escuras e, possivelmente, perdidas. Afinal, toda a magnífica e enciclopédica história de Roma se escreveu, partindo-se de uma lenda – Romulo e Remo – para sua origem. Só, milhares de anos depois, chegou-se a uma história racional sobre a origem da cidade que se fez a maior e mais longo império da civilização ocidental.

Neste 1993 e neste 122 anos – serão mesmos?! - da cidade de Viçosa, nossas homenagens ao Dr. Alexandre Alencar, autor do último trabalho racional, e portanto crível, sobre a nossa história municipal. **Também, o nosso apelo ao cônego**

José Geraldo Vidigal de Carvalho, único viçosense com fôlego e embasamento científico e historiográfico capaz de escrever a HISTÓRIA DE VIÇOSA.¹¹⁹

Estão em negrito algumas partes importantes do texto, sobre as quais iremos discutir. Pélmio S. Carvalho¹²⁰ tem alguma razão quando associa o fazer de contar histórias com o plantio de couve, ao qual todos podem se habilitar e, na existência de diferenças entre contadores de histórias e História ciência. Porém, sua definição de ciência histórica remete ao século XIX, à história positivista, marcada por grandes homens e seus feitos, e aos fatos políticos relevantes para a construção da nação.

Mesmo criticando a tendência de versar sobre a origem do município, o autor reafirma esse fetiche dos memorialistas pela questão e, ao problematizar a inadmissível inserção de índios, capitães e suas escravarias, com estranheza e certa repulsa, evidencia esses “outros” como parte da memória inegociável, não podendo ser suportada pela versão oficial, ao que tudo indica, pelo simples fato de diversificar, denunciando a existência de outras memórias.

Fica nítida também a preocupação com a continuidade do trabalho do historiador da casa, Alexandre de Alencar, e reconhecimento de outrem para o trabalho – a figura do cônego José Geraldo Vidigal é aventada como possível sucessor. A preocupação com a manutenção e com a continuidade do enquadramento da memória é perceptível. O repasse da função a um membro da igreja reforçaria a nuance da religião que o cônego representa na narrativa, contribuindo para sua legitimação junto a seus adeptos, o que deveria torná-la mais aderente e garantir sua continuidade.

O ano de 2004 foi de letargia para o fenômeno. Pélmio S. de Carvalho Filho assumiu a direção da Folha e seu pai ainda iria permanecer por algum tempo publicando artigos de opinião, até encerrar suas atividades jornalísticas de vez.

Em 2005, foi publicado o texto de um novo propagandista da memória, pelo menos no que diz respeito às publicações que circunscrevem o aniversário da cidade. José Mário da Silva inaugurou presença, na série estudada por nós, apenas neste ano, embora já tenha sido citado na coluna Paniago anos antes. Esse novo personagem iria marcar uma nova geração de propagandistas da narrativa dominante relacionada a Viçosa.

Puris, dóceis indígenas, autóctones da nação Tupi, e expatriados africanos bantos e sudaneses, escalando por entre as cumeadas da cordilheira da Mantiqueira, dentre morros e escarpadas colinas, ramificadas caprichosamente e adruptamente destacadas em meio ao altaneiro cenário geográfico das cercanias de São Geraldo,

119 CARVALHO, Pélmio S. “122 anos de história mal contada” **Folha da Mata**. Viçosa – MG. 30 de setembro de. p. 1. Grifos nossos.

120 Cabe lembrar: Pélmio S. de Carvalho era proprietário do *Folha da Mata*.

de São Sebastião e do Brigadeiro, guiaram das margens do Piranga ao Casca o geralista Antônio Rodrigues Arzão, oriundo de Taubaté (SP), e a seus soldados desbravando densas matas no remoto ano de 1693. Abriram-lhes largas picadas, através das paragens onde se assenta a Zona da Mata Norte, no Sudoeste das Minas Gerais. Afoitos buscavam, na selva bruta dos lindes de onde seria, um dia, a nossa Viçosa, novas jazidas auríferas e rumavam para o lendário sertão da Casa do Casca, e no caminho encontraram, ‘em boa conta’ o metal amarelo. Era época de Bandeirismo e começava ali a Epopéia Viçosense.¹²¹

Nesta citação, mais uma vez, espanta a passividade do processo, a ausência de conflitos entre indígenas, negros escravizados e colonizador e tudo soa como formação de consenso entre os coletivos, visando o desbravamento. Os Puris de índole pacífica da obra da professora Maria do Carmo Tafuri¹²² ganham o adjetivo dócil, aquele que não oferece resistência, sendo apresentados no início do texto, dando-lhes destaque, junto com os expatriados africanos, antes tratados apenas como escravos. A lenda desenhada por Alencar do Bandeirante Arzão e pela Casa do casca¹²³ também ajuda a montar essa atualização do fenômeno.

Começar a narração por esses coletivos demonstra um certo desejo de Rangel de incluir os excluídos sob nova nuance. Como Chimananda aponta, com quem começamos e como, importa muito, haja vista que isso pode mudar a forma como percebemos o outro e nossa relação com esses. Há também o acréscimo de adjetivos como “dócil” para indígenas e “expatriados” para africanos escravizados.

O autor tentou, mas não conseguiu, porque tratar indígenas como dóceis é entender que aproximação desses povos se deu sem conflitos. No caso dos africanos escravizados a coisa não melhora porque, ao tratá-los como expatriados, colocamos em dúvida a forma como chegaram até o Brasil, pois o adjetivo remete a uma condição que pode ser voluntária ou não e, o texto não dá a entender essa chegada como algo forçado, passando uma ideia de apoio, retirando mais uma vez toda a reflexão contida nos conflitos e na resistência promovida pelo choque entre culturas, no apagamento histórico que reveste a ideia de encontro amistoso. Reforçamos essa memória ancorados em uma versão, ainda muito latente e combatida de Brasil, de enaltecimento dos colonizadores portugueses. Tratar desses coletivos como passivos é um reforço do estereótipo de que essas populações não lutaram por sua liberdade, por suas terras, para manter sua cultura e pouco menos para garantir seus direitos.

121 RANGEL, José M. S. “Resumo histórico da cidade de Viçosa”. **Folha da Mata**. Viçosa – MG. N° 1909, 30 de setembro de 2005. p. 8.

122 PANIAGO, Maria do Carmo T. p. 54

123 ALENCAR, Alexandre. p. 14.

A suposta epopeia do viçosense lembra os grandes feitos dos pioneiros no desbravamento dessa localidade e, de modo geral, trata os Bandeirantes de maneira romantizada, assim escondendo a parte repugnante das Bandeiras, atribuindo a elas adjetivos que não correspondem minimamente ao que de fato representaram, contribuindo sobretudo para a naturalização de uma versão do Brasil que passa por um processo lento de desconstrução. Os Bandeirantes não eram heróis¹²⁴: a violência aplicada por esses, no processo de conquista, foi inominável. Roubaram e estupraram e isso precisa ser lembrando sempre, para que não caiamos no “conto da carochinha”, de relativização dos erros em favor dos ganhos, a partir da falsa percepção de que os “fins justificam os meios”. É possível entender os equívocos, porém, justificá-los, jamais!

Ainda, essa mesma edição, como o próprio título anuncia, trouxe um “Resumo histórico da cidade de Viçosa”, apresentando mais atualizações do fenômeno. Esta tratou das supostas primícias da cidade, contando-as com datas e fatos importantes ao local e, também, trouxe o histórico das principais instituições de ensino, do poder legislativo e do executivo (apresentou uma lista atualizada de todos os prefeitos).

Viçosa, que planta culturas agropecuárias e científicos-tecnológicas está a colher carinhos quando se ensinam 40.500 a Estudar, Saber e Vencer (...) O verdadeiro progresso viria com a chegada da via férrea à cidade e com o advento Escola Superior de Agricultura, bem como do Gimnasio de Viçosa (...).¹²⁵

A linha férrea e a antiga ESAV, são citadas como elementos de progresso e parte das inscrições expostas nas quatro pilastras¹²⁶, são absorvidas pela narrativa, demonstrando aproximação entre cidade e Universidade, dando protagonismo ao município.

Os anos 50 ganham a cena para tratar a questão do desenvolvimento, alinhando tal momento à edificação da igreja matriz de Santa Rita, dando à instituição religiosa o papel de agente impulsionador.

Tal desenvolvimento teve influxo maior nos anos 50, tão logo se edificou um viçoso templo, o Santuário de Santa Rita, sagrado Sepulcro de seu construtor (ilegível) o santo Cônego Modesto Paiva, sacerdote que vaticinara o futuro luminoso da terrinha de Santa Rita.¹²⁷

124 Ver sobre o modo sangrento de atuação dos bandeirantes em: < <https://www.geledes.org.br/como-os-bandeirantes-paulistas-destruiram-o-quilombo-dos-palmares-e-mataram-zumbi/> > acesso em: 09/09/2022.

125 RANGEL, José M. S. “Resumo histórico da cidade de Viçosa”. Folha da Mata. Viçosa – MG. N° 1909 de 30/09/2005. p. 8.

126 Monumentos erguidos na entrada da UFV, contendo o lema em português: Estudar, Saber, Agir e Vencer.

127 RANGEL, José M. S. “Resumo histórico da cidade de Viçosa”. Folha da Mata. Viçosa – MG. N° 1909 de 30/09/2005. p. 8.

O “santo” Cônego prevê o futuro luminoso da cidade e só faltou dizer que esse futuro “estava escrito nas estrelas”. Que futuro luminoso foi esse? O que se percebe atualmente é a falta de infraestrutura que o município possui.

Para um município que tem como principal atividade econômica a educação, é muito irônico, em 2007, existirem números relacionados à escolarização de sua população que ainda eram insuficientes, quando, segundo levantamento do instituto CENSUS, das pessoas com 25 anos ou mais da área urbana, observou-se que “39.058 pessoas que compunham esta faixa etária, cerca de 52,77% tiveram oito ou menos de educação formal e 7,24% eram analfabetos.”¹²⁸. E a situação piora quando o assunto era acesso a creches ou à pré-escola. De um total de 2.632 crianças, apenas 13,54% tinham acesso a esse recurso.

Por outro lado, o jornalista José Mário Silva¹²⁹, por coincidência ou não, viria a ocupar o cargo de chefe do Departamento Municipal de Cultura de Viçosa em 2017, tendo como experiência anterior a passagem pelo Conselho de Cultura e Patrimônio, como presidente, posição alçada durante a gestão do prefeito Ângelo Chequer¹³⁰. Essas informações foram retiradas de publicação do meio digital do jornal Folha da Mata, na qual a reportagem aponta Rangel como repórter, historiógrafo e blogueiro¹³¹. O autor tem um blog, no qual publica atualizações da versão oficial da memória sobre Viçosa.¹³² Com isso, podemos perceber que, ao longo dos anos, paulatinamente, Rangel veio a ocupar o lugar de “historiador da casa” na [re]organização do fenômeno.

Nota-se que, ao longo desse item, apontamos a formulação de gerações de propagandistas da memória. Nesse sentido, a análise não tem condições de abarcar todos os autores que atuaram na [re]organização do fenômeno, pois a metodologia serial nos limita aos principais atores que compõem o coletivo, uma vez que examinamos apenas datas comemorativas. Aqueles autores que tenham publicado em momento diferente do analisado ficam de fora da análise por questão metodológica. Das duas gerações, cabe salientar, Alencar produziu de acordo com as parcas condições de seu tempo, num esforço para produzir algum

128 CRUZ, Tancredo A. et al. **Retrato Social de Viçosa III. Viçosa**, MG: CENSUS, 2007. CENSUS. p. 27.

129 Ressaltamos que José Mário Rangel, tornou-se jornalista a partir de sua trajetória no próprio jornal.

Conforme Danrton assinalou em sua obra, Rangel começou a carreira com pequenas tarefas na redação do *Folha da Mata*, foi adquirindo melhores posições no trabalho até assinar suas próprias matérias no periódico.

130 Disponível em: < <https://www.folhadamata.com.br/cultura/noticias/criado-o-departamento-de-cultura-da-prefeitura-de-vicosa-2093> > acesso em 28 de abril de 2022.

131 Disponível em: <https://www.folhadamata.com.br/cultura/noticias/criado-o-departamento-de-cultura-da-prefeitura-de-vicosa-2093>, acesso em 20 de abril de 2022.

132 Disponível em: <http://opassadocompassadodevicosa.blogspot.com/> acesso em: 20 de abril de 2022.

tipo de conhecimento sobre Viçosa; já Rangel segue a tendência desse autor do não questionamento das fontes e de leitura factual das mesmas. Ambos fizeram escola a partir da própria vivência e pela afetividade em relação a memória, o problema da versão escrita pelos memorialistas, conforme já assinalamos, está no uso que é feito desta.

Na 1ª geração, podemos elencar os nomes de Pe. Antônio Mendes, Pélmio S. Carvalho, Alexandre Alencar, José Dionísio Ladeira, Simão Sirineu Ladeira e Tony Melo. Deste grupo, o único que publicou até o encerramento do período examinado foi José Dionísio Ladeira. A questão da passagem do tempo tem peso sob esses propagandistas, alguns falecidos há bastante tempo, como Alexandre Alencar e Pe. Antônio Mendes. Desses, podemos dizer que Pélmio S. Carvalho não publica mais devido à idade avançada e a questões de saúde. Essas gerações têm em comum o gosto pela política, por ensinar (sendo, a maioria dos integrantes, professores) e pelo exercício do jornalismo.

Euter Paniago e Tony Mello são os destaques da segunda geração, demonstrando-se mais combativos na década de 1990. O primeiro também já falecido, enquanto o segundo encontra-se aposentado. A última geração tem como protagonista José Mario Rangel, jornalista da Folha e escritor, denominado em alguns ensejos no jornal como estudioso do tema: a cidade de Viçosa. No fragmento a seguir, podemos constatar a citação do nome de Rangel, por duas vezes, como estudioso do assunto. Com o declínio das demais gerações responsáveis pela [re]organização dessa memória no jornal, a função de “historiador da casa” fica vaga e o apontamento de José Mário como aquele que estuda a cidade, dá a entender sua condução à posição de autorizado a falar sobre o assunto.

Em 1884 chega à estrada de Ferro Leopoldina Railway e desperta na cidade um crescimento econômico e populacional com a cultura do café e o surgimento de fábricas têxteis. Com a guerra da Tríplice Aliança, mais conhecida como Guerra do Paraguai, o Capitão Francisco de Paula Galvão, professor mestre em Viçosa saiu da Vila com 12 voluntários compondo o 17º batalhão de voluntários da Pátria em 1849 e que voltaram todos vivos da guerra.

A Comarca de Viçosa foi definitivamente criada em 10 de novembro de 1890. Começam a surgir às primeiras leis municipais como a da instalação sanitária nas residências e a construção de calçadas.

Dentre seus filhos ilustres, José Mário Rangel, estudioso da cidade de Viçosa aponta Hervê Cordovil, grande representante da música nacional, professor Arduíno Bolívar, que foi presidente da Academia Mineira de Letras e Arthur Bernardes, que foi presidente da república. Bernardes foi o personagem que dominou o cenário político e histórico, o marco dessa história se deu com a adesão de Bernardes a São Paulo na Revolução de 1932. Viçosa se tornou palco de uma guerra civil, como toda a região. Arthur Bernardes foi preso aqui e rompeu com Getúlio Vargas, em 1932.¹³³

133 “O passado de Viçosa”. **Folha da Mata**. Viçosa - MG. Suplemento. 29 de setembro de 2011. p.9.

A matéria foi dividida em dois fragmentos, os quais julgamos de maior relevância. O texto completo abarca as supostas origens do município e as partes do trabalho de enquadramento, já problematizadas anteriormente. Ela é uma amarração das matrizes de memória, somando algumas atualizações.

No primeiro parágrafo do fragmento, há a presença da ideia presente na matriz de memória de Ribeiro Filho sobre a chegada da linha férrea impulsionando o crescimento a cidade, conforme citação extraída da obra do autor:

Em 1884, chega ao município de Viçosa a estrada de ferro denominada ‘The Leopoldina Railway’. É provável que o principal objetivo da presença da ferrovia na região tenha sido o de transportar o café, pois a estação mais próxima foi construída a cerca de seis quilômetros do núcleo urbano, exigindo-se, portanto, que se fizesse uma estrada para sua ligação a cidade.

A influência da ferrovia foi notória, e a cidade foi ganhando um sentido mercantil e de prestação de serviços.¹³⁴

O problema não está nos apontamentos de Ribeiro Filho. O memorialista toma a narração da chegada da linha férrea como uma verdade absoluta, o que se revela um problema, haja vista que encerra qualquer possibilidade de outras vertentes terem contribuído para o desenvolvimento do município no mesmo período, chegando no espaço público via jornal. Sua respectiva repetição ao longo dos anos ajuda na naturalização desse único caminho de progresso do município.

À assertiva de Ribeiro Filho, foi acrescentada a versão de Alencar para a participação de Santa Rita do Turvo na guerra do Paraguai. A repetição pode se aferida no livro *Fatos e Vultos*:

Sob as bençãos do Padre Neri, palavras de estímulos de autoridades civis e pessoas gradas, a que não faltaram lágrimas de entes queridos, apresentaram-se os voluntários para a partida. Em madrugada daquele sombrio princípio de ano puseram-se a caminho, rumo à Capital da Província, a cavalo uns, a pé outros.

Atendendo aos seus méritos pessoais, à tradição militar de sua família e ao fato de haver sido já cadete do Exército, foi Francisco de Paula Galvão, por nomeação do Presidente da Província, datada de 13 de março de 1865, incorporado, como Tenente, ao 17º Batalhão de Voluntários da Pátria.¹³⁵

Em outra parte da mesma matéria publicada no jornal de 2011:

Em 1920, por meio de decreto do governo do estado de Minas Gerais, foi criada a Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), ainda sem localização exata, mas com instalação na Zona da Mata mineira. Eram quatro cidades que disputavam: Ubá, Visconde Rio Branco, Ponte Nova e Viçosa. Graças a sua

134 RIBEIRO FILHO. *Op. Cit.* p. 105.

135 ALENCAR, Alexandre. *Op. Cit.* p. 66.

topografia, Viçosa foi escolhida, mas muito se fala que a escolha foi por Arthur Bernardes, governador de Minas Gerais na época. Graças à projeção da Universidade Federal de Viçosa, inaugurada inicialmente como ESAV, em 1926, passando, posteriormente para UREMG – Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, em 1948 tornou-se UFV – Universidade Federal de Viçosa, em 1969.

Viçosa comemora o seu aniversário no dia 30 de setembro, e, no dia 22 de maio, comemora-se a festa de sua padroeira, Santa Rita de Cássia. Segundo José Mário estudioso do assunto, o aniversário de emancipação política de Viçosa é comemorado erroneamente desde a década de 60, pois a data real seria no dia 22 de janeiro de 1873.

Nela, a UREMG e a UFV aparecem como continuidade da ESAV, dando a entender que são uma só, sendo a única mudança a troca de nomenclatura, conforme assinalou Martins. As disputas envolvendo a questão do local da implementação da ESAV e a verdadeira data de aniversário da cidade podem ser compreendidas como novas atualizações do fenômeno, e o nome de José Mário Rangel fica cravado como pessoa autorizada a falar sobre o tema.

No ano de 2011, tivemos o último estado de latência do fenômeno dos anos estudados. Os demais anos da década 2010 alternaram entre movimentos de retração e letargia, sem atualizações de maior relevância. Em 2013, 2014, 2016 e 2019, a memória dormitava, enquanto a conjuntura econômica e política local e nacional manifestavam condições para evidenciar outra memória. Outro ponto também marcado nesse momento foi a utilização da memória na defesa de cargos políticos. Os fins eleitoreiros ficaram marcados pela narrativa em alguns momentos, conforme pretendemos refletir adiante.

2.4. Reflexões sobre o uso da memória na promoção de campanhas eleitorais locais

Os estudos sobre as questões relativas ao fenômeno da memória requerem reflexão sobre as suas funções. Com certeza, elas são muitas, porém vamos destacar duas: a de legitimar e a de deslegitimar. A versão examinada nesta dissertação utiliza essas funções e esse uso pode ser melhor aferido durante as décadas de 1970 e 1990, quando se manifestou com latência – denota movimento de continuidade da narrativa – em três momentos cruciais, determinantes nos desfechos políticos locais¹³⁶. O primeiro, no ano eleitoral de 1972 e o segundo durante instauração da CPI da barrinha, no ano de 1991. Inicialmente, legitimando a

136 O fenômeno aparece em excesso nas publicações dos anos de 1971, 1972, 1991, 2003, 2005, 2006 e 2011; durante esses períodos ocupavam o cargo de prefeito – nessa ordem: Antônio Chequer, vice: Padre Antônio Mendes (veio a ocupar em 1973 e ocupava em 1991, porém tendo por vice: Ary Teixeira de Oliveira), Fernando Sant'Anna e Castro (2003), vice: Raimundo Nonato Cardoso, Raimundo Nonato Cardoso (2005 e 2006) Wesley Augusto Salomé de Castro, Celito Francisco Sari (2011, assumiu após a cassação da chapa de Raimundo Nonato) vice: Dirceu Teixeira Coelho; reeleito em 2012, tendo por vice Ângelo Chequer.

campanha do MDB, com os nomes de Antônio Chequer e Pe. Antônio Mendes e, posteriormente, quando em nova gestão, a figura de Antônio Chequer, que vinha sendo descreditada por uma Comissão Parlamentar de Inquérito. Embora em 1992, ano eleitoral, ela esteja no estado de retração, sua aparição junto à divulgação das campanhas para o legislativo de Euter Paniago e Pélmio S. Cardoso remeteu ao seu uso durante a corrida por uma cadeira na Câmara de Vereadores do município.

A década de 1970 foi marcada pelo bipartidarismo entre o ARENA e o MDB. O clima de polaridade provocou disputas acaloradas entre as partes e, muito provavelmente, o jornal teve a função de descreditar a gestão do ARENA e legitimar a campanha do MDB. O resultado do pleito, com a vitória de Antônio Chequer e Pe. Mendes é um forte indício desse uso, bem como saber a quem o jornal pertencia naquele contexto.

A suspeita de que a memória tivesse entrado em estado de latência como um impulso para um desfecho favorável das eleições de 1972, está no “casamento” entre Padre Antônio Mendes, líder religioso, professor e político de grande reputação local, o dono do Jornal Folha Viçosa – nome que foi trocado por “Folha da Mata” nos anos 80 – e Antônio Chequer, empresário importante na construção civil na cidade. Essa união, deu-se, em partes, pelo desejo de vencer o PR, figurado pela representação do partido ARENA. Como oposição, o empresário, tinha carisma, mas faltava apoio da elite política, enquanto o padre era muito respeitado na cidade. Assim, a égide do sacerdote tornou o empresário mais palatável a essa elite, contribuindo para um resultado positivo das eleições, por meio da campanha impulsionada pelo jornal, tendo como suporte a memória oficial.

Na edição de 1972, temos uma publicação do próprio jornal intitulada “A sucessão política em Viçosa”¹³⁷. Pelo nome, podemos ter uma ideia sobre para onde a discussão foi conduzida e sobre os frutos esperados. Nela, a figura de Antônio Chequer foi tratada com simpatia, juntamente a seu suposto projeto político para a cidade. Por fim, o artigo critica o que se chama de “apagada política local”, dando a entender que houve, em algum passado, políticas de maior destaque, condizentes com a cidade universitária. Dessa maneira, descredita o poder político daquele momento, representado pela gestão de Carlos Raimundo Torres (ARENA)¹³⁸.

137 **Folha da Mata**. Viçosa – MG. “A sucessão política em Viçosa”. 1972.

138 Torres já havia atuado nas trincheiras do PR, como prefeito de Viçosa, entre 1959-1963. O PR foi absolvido pelo ARENA.

Após uma década entre retração e letargia e pequenas atualizações, a década de 1990 demonstrou-se mais intensa com o surgimento de novos propagandistas do fenômeno, isto é, uma nova geração de propagandistas da memória. Esse fenômeno acompanha os humores políticos da cidade e os momentos de disputa acirrada o estimularam para o estado de latência.

Em 1990, embora estivesse em letargia, uma publicação do jornal nos chamou atenção, podendo ajudar a compreender melhor a disputa polarizada. Pélmio S. Carvalho publica, em seu espaço destinado a discussões sobre política, o texto “Lideranças sepultadas”. Segue fragmento:

Essa indecisões e essas oscilações, reveladoras todas das do oportunismo político que caracteriza velhas raposas municipais, acabaram por dispersar os eleitores dos *nós* e dos *contra-nós*, a ponto, por exemplo, de uma Lacyr Andrade não ser o mais votado para deputado estadual, perdendo exatamente para Geraldo Reis, que no princípio seria apenas uma pedra a mais no seu caminho...

Lideranças? As urnas .mostraram que não as temos ou as interraram. Aliás, as urnas reproduziram em Viçosa – repetindo o que se verificou em todo país – a decepção do eleitor com a política, comprovada na alta taxa de abstenção, no assustador número de votos em branco e na vergonhosa cifra dos votos nulos.

A reorganização partidária que se prenuncia certamente chegará a Viçosa e com ela esperamos prevaleçam, partidos preocupados efetivamente em representar o povo que se organiza . . .¹³⁹

Pélmio assinou matéria sobre a política local e chama atenção para o resultado das eleições, quando até Lacyr Andrade perdeu em números de votos em Viçosa para Geraldo Reis. Nenhum dos dois foi eleito, mas a discussão demonstra a importância de se manter um curral eleitoral em Viçosa.

Até então, na comunidade viçosense, as eleições exigiam escolha entre uma das partes de dois lados, remetendo à alternância do poder entre dois grupos, “o *nós*¹⁴⁰ e o *contra-nós*”.

A derrota do favorito, Lacyr Andrade, nas eleições para deputado estadual, dá a entender a incerteza para o próximo ano eleitoral, para ambas as partes que anos após ano disputavam e alternavam o poder local. Para esse estudo, o artigo revela a consciência dos propagandistas da memória ao acioná-la em ano eleitoral.

A década de 80 revelou disputas eleitorais amenas, pela alternância entre MDB e PDS. As incertezas da década de 90 estariam presentes no da alerta da publicação. Esses anos estrearam no estado latente da memória em 1991, podendo ser compreendido por publicações

139 CARVALHO, Pélmio S. “Lideranças sepultadas”. **Folha da Mata**. Nº 1129, 29 de setembro de 1990. p 1.

140 O “nós” representava o partido (PR).

do próprio jornal, pois essas edições contavam com reportagens sobre os desfechos da Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI, que ameaçava a gestão de Antônio Chequer.

Marialva Barbosa, pesquisadora de mídia, destacou como a disposição dos conteúdos, revela muito sobre eles¹⁴¹. A manchete de primeira página de um jornal é dedicada ao que se quer destacar, pois é o lugar mais importante – nesse caso, o topo da primeira página, com título escrito com letras grandes e em caixa alta, ajuda a chamar ainda mais atenção, conforme foi noticiada a CPI, na edição nº 1.129 de 29/09/1990.

A Comissão Parlamentar de Inquérito teve por relator o vereador Euter Paniago e investigou a compra de um terreno na Barrinha, utilizado inicialmente para realizar os festejos relativos a comemorações de aniversário do município e exposições agropecuárias, parte de uma política de “pão e circo”, apontada em matéria publicada sobre os festejos dos 109 anos.

A tensão provocada pela instauração e conclusão da comissão pode ser um indicativo de crise na política local, mais precisamente dentro do próprio PMDB no município, que pode ter influenciado a vitória da oposição na eleição de Geraldo Eustáquio Reis (PTB) e do vice César Sant’ana Filho. Esse último parte da família Santana, portadora de memória concorrente à oficial, como já apontamos anteriormente com o texto “Ora, Capitão”, publicado por Dionísio Ladeira.¹⁴²

Walkiria F. Martins, ao analisar artigo de Tony Mello, publicado em 1992, levanta:

Por se tratar de um ano eleitoral e, considerando-se que a nota foi publicada no início de outubro, ou seja, alguns dias antes das eleições municipais, este artigo certamente tem uma finalidade muito mais política, que social, cívica ou militante, em defesa da memória. Isso faz toda diferença, pois, demonstra como o peso do ‘passado’, da ‘história’ ou das ‘tradições’, pode ser evocado com finalidades que nada tem a ver com o ‘direito à memória’.¹⁴³

A autora sinaliza o uso consciente da memória na defesa de políticas públicas¹⁴⁴ e também o relaciona ao interesse eleitoreiro, que remete sua vinculação ao folhetim próximo às eleições. Os propagandadores da versão têm interesses próprios e coletivos. Acreditamos que na seara desses interesses coletivos e individuais, estava a eleição de um representante para gerir o município e de representantes da Câmara municipal, visto que alguns desses

141 BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.*

142 LADEIRA, Dionísio. “Ora, Capitão . . .”. **Folha da Mata**. Viçosa – MG. Nº 1181, 05 de outubro de 1991. Coluna Dionísio Ladeira. p. 2. [grifos do autor]

143 MARTINS, Walkíria. *Op. Cit.* p. 75

144 No capítulo 4 de sua dissertação ela vai tratar mais especificamente da política pública que envolve o patrimônio e do plano diretor local.

homens foram eleitos para cargos políticos em algum momento de suas histórias: é o caso de Euter Paniago e Pélmio S. Carvalho.

Aliás, Euter Paniago e Pélmio S. Carvalho, estavam disputando uma das cadeiras de vereador na Câmara de Viçosa nas eleições de 1992, como mostra a figura 2 (anexo A) com recorte da publicação da página 2 do jornal, publicada em 26/09/1992, na qual Paniago vinculava sua coluna. O artigo sobre o abandono de túmulos de “ilustres” será analisado posteriormente. Podemos relacionar a publicação desse artigo, ao lado “santinho” do próprio Paniago, pedindo votos.

Fica clara a tentativa de legitimar sua campanha com ajuda da defesa da memória. Pelo menos, é o que sugere a vinculação do artigo junto a sua propaganda eleitoral. Tantos assuntos poderiam ser aventados às vésperas das eleições municipais e Paniago escolheu justamente escrever sobre os túmulos dos ilustres e sua situação de abandono? É o que foi vinculado, como pode ser visto no anexo. Conforme já assinalamos, na imprensa, nada é por acaso ou coincidência, tudo é estruturado minuciosamente para compor um determinado espaço, programado para estar ali.

Na mesma edição também foi publicado o “santinho” de Pélmio S. de Carvalho¹⁴⁵, diretor e dono da folha, pedindo votos, afirmando que, se eleito, além de contar com seu mandato, a população também poderia contar com o jornal *Folha da Mata* dentro da prefeitura. Nisso, precisamos levantar dois pontos relevantes: a consciência do impacto e alcance das mensagens vinculadas ao jornal e a disputa pela versão oficial dessa memória sobre viçosa, uma vez que Pélmio saiu como candidato pela legenda do PMDB, mesmo partido de Antônio Chequer; e Euter Paniago veio à sombra do PFL, partido que trouxe como candidatos à representação do executivo, o prof. José Américo Garcia e Dr. Raimundo Alves Torres (vice), desbancado em 1972, por Antônio Chequer e Pe. Mendes.

Ao lado da propaganda partidária de Pélmio, um artigo denominado “O regime democrático”, no qual Edgard Vasconcelos discorre sobre como deveria funcionar um regime democrático e como vigorava no Brasil. Sua conclusão é a seguinte:

Isso significa que, no regime pluripartidário, nem sempre é o melhor aquele que se elege, mas o que pode distribuir maior volume de favores ou de benesses aos necessitados.

Tudo o que temos dito até aqui não é fruto apenas de observação ou de estudo, mas de “vivência do problema político” em nosso município, em nosso Estado e em nosso país. Pois, bastou que nos dispuséssemos à conquista de um

145 Ver figura 5, anexo I.

mandato legislativo, em nossa região, para que, de pronto, “grandes amigos” se afastassem de nós, rompendo velhas amizades de família, construídas e acalentas durante algumas dezenas de anos.¹⁴⁶

Vasconcelos, aponta questões como o pluripartidarismo e as relações pessoais que envolvem a política em Viçosa. Para o autor, o regime dá oportunidade àqueles menos preparados em razão da troca de favores, dando a entender que o bipartidarismo seria melhor. Seria saudade da política que se fazia em Viçosa décadas atrás?

A sua vivência foi utilizada como exemplo de como o trabalho no meio político pode significar problemas. Com isso, desenhou algumas nuances das práticas em Viçosa. A disputa foge ao âmbito público e adentra o privado, corroendo a relação entre amigos e familiares. Egard Vasconcelos foi professor da UFV e deputado estadual por Minas Gerais. Nas edições analisadas, publicou esporadicamente, versando sobre sociedade e política em discussões muito profundas. Sobretudo, entendemos que o autor tentava reforçar o lado árduo do trabalho em uma casa legislativa, exercício pelo qual abriu mão até de relações com alguns entes queridos em favor da construção de uma “boa” política. A publicação do artigo ao lado da propaganda de Pélmio, dizendo tudo aquilo que ele, se eleito, dispunha-se a fazer, dá a entender que o dono do Folha da Mata, desempenharia bem esse trabalho árduo.

Voltemos à publicação feita por Euter Paniago nessa edição, versando sobre a memória e sobre a questão dos túmulos dos ilustres.

Embora ainda muito jovem – ele tem apenas 17 anos -, José Mário da Silva Rangel já é presidente da Associação dos Moradores do Bairro Santo Antônio.

Neto, por adoção, do saudoso Mário Dutra dos Santos, o jovem viçosense mostra profunda preocupação com as coisas de nossa terra, especialmente as ligadas a nosso passado histórico.

Pois é esse jovem, tão novo e tão maduro para as coisas de Viçosa, que traz a meu conhecimento o fato de que, no velho cemitério do final da rua Padre Serafim, os túmulos de Antônio da Silva Bernardes, Carlos Vaz de Mello e José Theotônio Pacheco estão em más condições de conservação.

Antônio da Silva Bernardes, português, é o pai de Arthur da Silva Bernardes, o vulto maior de nossa história.

Carlos Vaz de Mello é o primeiro presidente da Câmara Municipal de Viçosa, mais tarde senador da República e sogro de Arthur Bernardes.

José Theotônio Pacheco é o quarto presidente da Câmara Municipal, vindo logo depois de Carlos Vaz de Mello, Manoel Bernardes de Souza Silvino e João de Faria Reis.

São três vultos que ilustram nosso passado e que, para preservar suas memórias, seria conveniente que estivessem sepultados em túmulos razoavelmente bem conservados.

146 VASCONCELOS, Edgad. “O regime democrático”. **Folha da Mata**. Viçosa – MG. Nº 1232, 26 de setembro de 1992, p.4.

Por pensar assim, encaminho solicitação ao senhor prefeito municipal, argumentando que o poder público deve e precisa cuidar também da preservação da memória dos vultos proeminentes de nosso passado e que, no caso em apreço, é mais do que justificada a Interferência da municipalidade, mesmo porque os reparos a serem feitos não representam despesas de monta.

Ainda aguardo pronunciamento do senhor prefeito municipal sobre minha solicitação, no sentido de mandar restaurar os túmulos de nossos ilustres antepassados. Não tenho motivos, porém, para imaginar que sua Excelência deixe de atender à solicitação, por entender que ela representa a vontade de nossa gente.

Fico aguardando, pois, que o senhor prefeito municipal, diferenças políticas à parte, dê, nesse final do governo, uma demonstração, por pequena que seja, de que também se preocupa com a preservação de nosso passado histórico.

Assim que sua Excelência autorizar os reparos nos três túmulos – estou imaginando que ele não deixará de fazê-lo, darei conhecimento a meus leitores, nesta mesma coluna.¹⁴⁷

Pela nota de Paniago, podemos mapear alguns elementos importantes do processo de organização do fenômeno: primeiro, ele levanta um nome de uma nova geração de propagandistas do enquadramento da memória, José Mário Rangel, e assinala a importância dos ilustres para a política local e nacional, por suas respectivas atuações nas instituições legislativas e executivas; e, ao escrever que essa memória é de nossa gente, reforça outra vez o caráter único da versão.

A existência dessa narrativa não é, de fato, um problema, mas sim os impulsos para torná-la única, contribuindo para deixar à margem as memórias de outros grupos. O autor detalhou o parentesco entre esses ilustres, mandatários de outrora, e traz a questão da preservação da memória como obrigação do município. Será que todos viçosenses são políticos ou têm como antepassados a família de Bernardes ou pertencem aos “Pacheco”? É certo que não!

O estado de retração da memória nas edições que circunscrevem esse ano pode ser explicado pela forma que ocorreu a corrida eleitoral, antes voltada para a disputa do “nós e o contra nós”¹⁴⁸. No ano em questão, o quadro de disputa foi menos polarizado, contando com mais candidatos na corrida pelo cargo de prefeito. Outra explicação possível está na mudança do foco dos envolvidos: antes, voltada para o cargo de chefe do executivo local; agora, uma luta mais acirrada por cadeiras no legislativo por propagandistas da memória, como Euter Paniago e Pélmio S. Carvalho. Quem fez uma nota especificando números a respeito foi o próprio Euter Paniago. Segundo o colunista, foram cinco nomes para o executivo: Aguiinaldo

147 PANIAGO, Euter. “O caso dos túmulos de três ilustres viçosenses e outras coisas: Os três túmulos.” **Folha da Mata**. Viçosa – MG. Nº 1232, 25 de setembro de 1992. Coluna Paniago. p. 2.

148 Pélmio S. Simões tratou do assunto na edição de nº 1232 de 26/09/1992. Para o autor seria a primeira vez em décadas que uma eleição fugiria da polaridade do “PR e contra PR” ou “Nós, e os contra nós”.

Pacheco, Dirceu Teixeira Coelho, Geraldo Eustáquio Reis, José Américo Garcia e Marco Antônio Maffia; e a expressiva marca de 400 candidatos pleiteando cadeiras na Câmara.¹⁴⁹

Mas não foi somente em caráter local. O cenário foi marcado por lutas, enquanto a esfera nacional estava abalada pelo impeachment do ex-presidente Collor de Melo, no dia 29 de setembro de 1992. Pélmio aproveitou o assunto para tratar do problema local. Nesse âmbito, o poder de fazer uma revolução estaria nas mãos da juventude que, pelo voto, poderiam implementar mudanças significativas para cidade.¹⁵⁰ Em meio a tantos assuntos de grande importância, o impeachment e as eleições para câmara foram assuntos tratados com maior ênfase. As disputas vieram a ocupar mais espaço nas edições, suprimindo a memória, privilegiando textos com críticas e apontamentos sobre as funcionalidades da Câmara e sobre as obrigações de um vereador¹⁵¹.

E, ainda, chama atenção a publicação da edição nº 1233, do dia 02 de outubro de 1992 que corresponde a uma sexta-feira, uma vez que o jornal circulava aos sábados. Exclusivamente, neste ano, ela chega às ruas um dia antes das eleições. Coincidência? Claro que não! O nome disso é defesa de interesses. Euter Paniago conseguiu reeleger-se para o cargo de vereador, Pélmio não foi possível aferir, mas o poder executivo foi ocupado por alguém da chamada terceira via, o candidato Geraldo Reis. Porém, a opção intermediária deixa dúvidas quanto ao seu diferencial em relação àquelas que alternaram no poder municipal de Viçosa por anos, pois trouxe em sua composição Geraldo E. Reis, e como vice, ninguém menos que Cesar Sant’ana Filho¹⁵².

Entendemos as publicações de artigos e reportagens contendo a versão oficial e discussões sobre o cenário político local como parte de uma estrutura propagandista que visava, entre outras coisas, o fortalecimento do poder exercido por determinados grupos locais, como um direito. Em outras palavras, é como dizer “exercemos o poder local porque somos herdeiros da linhagem que fundou a cidade” – os pioneiros podem ser entendidos na figura dos primeiros sesmeiros, ou das vinte primeiras famílias a povoar o local. Seguindo esse “fio”, é possível entender que a questão da disputa pelo poder local não estava ligada

149 PANIAGO, Euter. “A importante decisão de 3 de outubro de 1992 e outras coisas: três de outubro de 1992”.

Folha da Mata. Viçosa- MG. Nº 1233, 02 de outubro de 1992. Coluna Paniago p. 2.

150 CARVALHO, Pélmio S. “Eleições municipais”. **Folha da Mata.** Viçosa – MG. Nº 1233, 02 de outubro de 1992.

151 MELLO, Antônio. “Caminhada do vereador”. **Folha da Mata.** Viçosa – MG. Nº 1232, 26 de setembro de 1992. Coluna social TonyMello. p. 5.

MELLO, Antônio. “Valor do voto”. **Folha da Mata.** Viçosa – MG. Nº 1233, 02 de outubro de 1992. Coluna social TonyMello. p. 7.

152 Exerceu mandato de prefeito de Viçosa-MG entre 1977-1982.

exclusivamente a problemas de ordem partidária. Embora esbarrasse nesse quesito, antes de qualquer coisa, estava relacionada à questão do familismo, para, então, adentrar à disputa partidária. O cenário esboça querelas muito corriqueiras em cidades pequenas, não se tratando de uma especificidade desse local.

2.5. A concorrência entre memórias realça a celebração artificial do aniversário da cidade

Os anos 2000 tiveram um início conturbado, mais precisamente o ano de 2001¹⁵³. Acontecimentos de cunho internacional ocuparam as páginas do jornal, como o ataque às torres gêmeas do *World Trade Center*, nos Estados Unidos. O evento gerou grande comoção pelas vidas ceifadas e pela audácia do grupo terrorista Al-Qaeda em atacar a grande potência mundial. A década começou com uma profusão de acontecimentos e o periódico não deixaria de dar a notícia, porém ela também marcaria dois eventos de suma importância para os memorialistas de atuantes naquela redação: o aniversário e comemoração de 40 anos do Folha da Mata e a aposentadoria do Pélmio S. Carvalho da direção da folha.

Uma publicação feita em 2002 merece destaque por exhibir um quadro da memória, no qual é possível perceber a concorrência entre memórias. Parte da versão oficial, que já foi protagonizada pelo Sant'ana, é refutada.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Viçosa surgiu da procura por terras para a agricultura. No final do século XVIII, a prática agrícola já havia desbancado as minas e a procura por terras boas para o plantio era grande. A região onde hoje fica a cidade, permaneceu, durante todo o período aurífero, como uma **região proibida**, coberta por florestas. Os senhores das minas mantinham assim as regiões vizinhas à Mariana, Ouro Preto e Piranga para dificultar o contrabando do ouro que era extraído nessas cidades.

No final do século 17, a Coroa Portuguesa ofereceu algumas sesmarias na região, para aqueles que se dispusessem a cultivar a terra. Com o declínio do ouro, **o contrabando deixou de ser preocupação** e as populações que vivam nessas cidades, começaram a procurar novos locais onde pudessem se instalar e manter uma plantação.

Foi assim que, por volta de 1.800, grupos de exploradores, vindo principalmente de Mariana, Ouro Preto e Piranga, fixaram-se às margens do Rio Turvo, formando as primeiras propriedades rurais da região, dando início ao que viria a ser mais tarde a cidade de Viçosa.¹⁵⁴

¹⁵³ Ver edição de n 1701, de 2001.

¹⁵⁴ “131º aniversário de Viçosa tem extensa programação”. **Folha da Mata**. Viçosa – MG. Nº 1753, 28 de setembro de 2001. p. 9. Grifos nossos.

Destacamos, no trecho, partes relevantes da lembrança. A citação traz parte da narrativa que veio sendo publicada no jornal ao longo dos anos de estudos, que também foram encontradas nas matrizes de memória. Nas marcações, há o mito da região proibida e o equívoco da inexistência de preocupação da coroa com o contrabando do ouro. No capítulo 1, tratamos a situação da Zona da Mata enquanto área de fronteira, como lugar fluído no ir e vir, da mata como barreira natural contribuindo para o abrigo de povos originários e pretos em fuga.¹⁵⁵

Ainda no mesmo artigo:

Um dos mais ilustres filhos de Viçosa, Dr. Arthur da Silva Bernardes, nasceu em agosto de 1.875. Sua infância dividida entre os estudos e o trabalho na rola. EM 1.887, então com 12 anos, foi estudar no famoso Colégio do Caraça, onde permaneceu por dois anos apenas, devido à insuficiência de recursos de sua família para custear seus estudos. Arthur Bernardes se tornou comerciante, trabalhando em Coimbra e Visconde do Rio Branco. Em 1.894, ele resolveu prestar exames em Ouro Preto, a fim de continuar os estudos. Em 1.900, concluiu o curso de Direito em São Paulo e então retornou à terra natal, onde flerta com o jornalismo e passa a diretor e redator do jornal Cidade Viçosa. O casamento com a filha do deputado geral do Império, Dr. Carlos Vaz de Mello, em 1.903, facilita sua entrada na política e, em 1.905, é eleito presidente da Câmara Municipal de Viçosa, exercendo em seguida a função de agente executivo municipal, cargo equivalente ao de prefeito, na atualidade.¹⁵⁶

Mais um ensaio de biografia, a partir do qual acrescenta-se à memória um dado interessante: o flerte de Bernardes com o jornalismo na direção do jornal *Cidade Viçosa*, propriedade de seu sogro Carlos Vaz de Mello, colocando a imprensa como parte da história do município, instalada na cidade ainda no fim do século XIX e amarrada aos ilustres locais. Essa informação agrega mais sentido à memória, pois, como já mostramos anteriormente, o jornal tinha o hábito de fazer publicações de quadros de lembranças antes de eventos importantes como as eleições municipais. No ano 2002, o folhetim tinha 39 anos de publicações, vindo a completar 40 anos em 200. Portanto, a ideia de Bernardes e seu ensaio nas práticas do jornalismo veio a abrir espaço para os festejos do aniversário da folha, alinhavando a narrativa dominante à memória da imprensa local.

A nota de primeira página, de título *Suplementos especiais da Folha*, explica:

Nesta edição da Folha, nossos leitores estarão recebendo uma cópia exata da edição do jornal (antes FOLHA DE VIÇOSA) de exatos 32 anos passados e comemorativas ao centenário de Viçosa. Nas próximas semanas publicaremos cópias

155 ALVES, Romilda Oliveira. *Op. Cit.*

156 “131º aniversário de Viçosa tem extensa programação”. **Folha da Mata**. Viçosa – MG. Nº 1753, 28 de setembro de 2001. p. 9. Grifos nossos.

fiéis e exata da 1ª edição do jornal (2010/1963), da edição dos 10 anos (18/10/1983) e a dos 30 anos (21/10/93). A dos 40 anos será a de número 1808, e circulará no sábado 18/10/2003 quando o jornal completando 40 anos de existência e circulação ininterrupta.¹⁵⁷

O estado de latência da memória neste ano é explicado pela publicação da cópia do folhetim de 1971, tendo como função a comemoração dos 40 anos da empresa, vinda de maneira pedagógica para relembrar, por meio de efeméride, a presença desse meio de comunicação na vida dos viçosenses.

As explicações oferecidas no fragmento ficaram confusas, tanto que até o redator da nota pareceu ter tido dificuldades para explicar o início da série de publicações com a edição de 1971, porque escreve “dez anos de publicações” no lugar de “vinte”. O que ficou claro foi a importância de comemorar o aniversário do município, junto à tão relevante data para o jornal. Nota-se, a cidade é o principal acontecimento. O momento, também é marcado pela despedida de Pélmio Simões de Carvalho, que deixa o comando do jornal a partir de 2003, passando-o para seu filho Pélmio S. de Carvalho Filho.

A efeméride tem como função impactar o leitor e amarrar a memória do jornal à memória do município, deixando clara a montagem de um vestígio, ou seja, foram produzidas para que atravessassem o tempo. Nesse momento da [re]organização do fenômeno, praticamente não há acaso ou inconsciência. O objetivo é ser lembrando a partir da memória construída.

Já em 2006, a versão volta a aparecer nas publicações do jornal, porém, nessa data, figura no topo de primeira página com impressão colorida, dando destaque aos 135 anos, junto a uma foto do monumento do Cristo Redentor local. Logo após o quadro de lembranças apresentado, um trecho chama atenção:

Bom seria que o monumento do Cristo estivesse, em todos os seus acessos, anexos e derredores em completo estado de graça e limpeza, neste 30 de setembro e do 135 aniversário de Viçosa, melhor ainda, se as autoridades responsáveis da PMV e do Corpo de Bombeiros da UFV tivessem feito uma faxina em tal periférico logradouro, ao invés da lavagem das calçadas da prefeitura e parte do calçamento, realizada na última terça-feira¹⁵⁸

A citação denuncia o abandono do monumento do Cristo. Nele, o jornal se dirige diretamente à PMV e ao corpo de bombeiros da UFV. Sua vinculação ao final da matéria,

157 **Folha da Mata**. Viçosa – MG. Nº1805, 27 de setembro de 2003. Suplementos especiais da Folha. p. 3.

158 “Viçosa, 135 anos.” **Folha da Mata**. Viçosa – MG. Nº 1962, 29 de setembro de 2006. p. 1.

contendo o enquadramento de memória, dá a entender o uso desta como suporte para denúncia, legitimando o pedido.

Para Martins, desde 1993, havia a preocupação e a mobilização de um certo grupo em favor das atividades ligadas ao turismo. O vereador Euter Paniago¹⁵⁹ e o colunista Tony Mello¹⁶⁰ encabeçaram discussões nas páginas do jornal, levantando pontos de vista distintos, na discussão sobre o que era ou não tradição. A questão do turismo na cidade pontuada pela autora se faz útil para entender amarração da memória à denúncia do abandono do monumento, pois evidencia não ser a primeira vez que essa reminiscência, embebida em coisas, serviria para estimular a atividade. Antes, na década de 90, o movimento ficou claro na disputa pela definição do que era ou não tradição em relação à marcha Nico Lopes, na transformação do evento em atração turística¹⁶¹.

Para Walkiria, a memória teve peso no momento de se definir políticas públicas – o Plano diretor. Nós acreditamos que a versão foi usada para levantar e priorizar discussões junto ao poder legislativo local e para a mobilização favorável da opinião pública. Antes do final da política baseada no bipartidarismo, a memória teve função de agregar apoio político a um candidato ou a um representante do executivo – conforme ocorreu na eleição de Antônio Chequer e Pe. Mendes em 1972 e durante a CPI da Barrinha em 1991. Nesse novo momento, ela passa a pressionar para que determinados assuntos sejam colocados em pauta, tanto que o parque do Cristo passa a ser considerado unidade de conservação ambiental no ano de 2009, a partir da Lei nº 1960/2009¹⁶².

Em outras palavras, algumas publicações do jornal levantam, criticam ou endossam uma determinada pauta política, influenciando as discussões para aprovação junto ao poder legislativo e executivo, o que não afasta, mas se aproxima da tendência nacional da grande imprensa brasileira.

Com população estimada em 74,6 mil habitantes, Viçosa, cidade universitária e cosmopolita, chega aos 136 anos de sua elevação à categoria de Vila. Mas foi em 1693 que a comitiva do bandeirante Antônio Rodrigues Arzão, oriundo de Taubaté (SP), abriu as primeiras picadas nas matas desta região da Zona da Mata mineira, em busca de novas jazidas auríferas, rumo ao lendário sertão da Casa de Casca.

As mais remotas informações de que dispõem os maiores memorialistas mineiros dão conta de que os primitivos núcleos de povoamento que vieram a

159 MARTINS, Walkiria. *Op. Cit.* p. 139.

160 MARTINS, Walkiria. *Op. Cit.* p. 140-141.

161 MARTINS, Walkiria. *Op. Cit.* p. 134.

162 Disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/a/mg/v/vicosa/lei-ordinaria/2009/196/1960/lei-ordinaria-n-1960-2009-transforma-o-parque-municipal-do-cristo-redentor-em-unidade-de-conservacao> > acesso em: 10 de março de 2022.

formar a Freguesia, remontam entre os anos de 1770 e 1800. Há exatos 200 anos o alferes Vicente Rodrigues Valente tomava posse de terras e casas, como “procurador de Santa Rita”, assumindo um patrimônio em torno do qual havia sesmaria e uma ermida sob a direção do capelão Pe. Jerônimo Fernandes Lana. Foi por decreto imperial que se criou o distrito da Santa Rita do Turvo, a 14/7/1832, pela Lei n 134, de 16 de março de 1839, a aldeia passou a pertencer a Visconde do Rio Branco (Vila de São João Batista do Presídio). Antes era distrito de Rio Pomba. O que se comemora neste dia 30 é a elevação da Freguesia à categoria de Município (Vila) pela n 1817, de 1871.¹⁶³

A citação traz atualização importante, marcando a disputa entre memórias concorrentes. A comemoração dos 200 anos da comunidade do paraíso surge como uma outra memória e, de certa forma, o autor tentar driblar a questão, explicando que o povoado não fazia parte de Santa Rita do Turvo, pertencendo à Vila de São João do Presídio. A negação em discutir as veredas utilizadas para a formação do município, significa negar a existência do “outro” e recusar o processo de desmembramento territorial pelo qual passou dos territórios do Brasil. Para a memória, fazer essa análise torna-se algo praticamente impossível, pois reconhecer a mobilidade das fronteiras territoriais seria o mesmo que aceitar a consolidação do seu território posterior à data de elevação da vila a município. Apontamos no capítulo anterior os desmembramentos constantes sofridos pela cidade que teriam fim apenas na segunda metade do século XX, consolidando a extensão territorial que se tem atualmente. Porém, algo fica claro: ali, pretende-se comemorar as instituições políticas e políticos, ou melhor, os personagens de renome, os ilustres e o herói. Essa não é, nem de longe, a história de Viçosa: é a memória de um pequeno grupo, firmada em um passado, onde hoje se encontra o centro urbano do município. Ao mesmo tempo, tal posicionamento, nega também a pluralidade da cultura local desde as primícias. Ora, o município segue, ainda, no final dos anos 2000 – clara discussão das datas comemorativas de aniversário em 2006 e 2007 –, se autoafirmando como singular, reafirmando identidade ligada apenas a um pequeno grupo, rechaçando as contribuições dos demais grupos que compõem (não só o que se tem por ideia de cidade, mas de município), acarretando um empobrecimento cultural do lugar.

Pelo supra dito, são oito as datas referentes à criação da urbe: 20/08/1805, 03/08/1806, 22/10/1806, 20/05/1807, 14/07/1832, 16/03/1839, 30/09/1871 e 03/06/1876. As mais importantes são as duas últimas, de 1871 e 1876.

O povo de Viçosa, durante a administração do prefeito Dr. Carlos Raymundo Torres (1971-1972, mandato “tampão”), em 1971, comemorou o primeiro centenário de Viçosa. Seria de fundação? de elevação a vila? de emancipação política? ou outro qualquer?

Em 1973, foi eleito prefeito de Viçosa o empresário Antônio Chequer (depois eleito, mais duas vezes (1988 e 1996). Naquele seu primeiro mandato, o festeiro e festejado “turco” foi informado de que Viçosa, de fato, foi elevada à cidade no dia 03/06/1876, portanto, só em 1976, ela completaria 100 anos. Num átimo Chequer concluiu que seus adversários, os “perrista de Arthuzinho Bernardes”, haviam-lhe surrupiando a glória da efemérides. Na ocasião e início da gloriosa carreira, por três vezes referendada nas urnas, faltou-lhe respaldo popular para reprisar as comemorações “com grandezas e apoteóticas festas populares que a aniversariante merecia”. Teve que conter seus arroubos e aguardar 1975, quando então, compensou-se e refestelou-se na semana inteira de palestras, visitantes ilustres (Juscelino Kubistchek e senador Orestes Quécia, entre muitos), banquetes e carnavais atemporais.

Fica viridante que não sabemos, exatamente, quando Viçosa foi fundada. Mas o foi, certamente, com a construção de uma capela a que alude uma provisão do 5º bispo de Mariana, D. Frei Cipriano de São José, 08/03/1800, autorizando ao Pe. Francisco José da Silva que aqui erigisse uma ermida sob a invocação de Santa Rita, de sua devoção. Foi assim surgiu o povoado de Santa Rita do Turvo – aliás, como 90% de todas antigas cidades do Brasil – que transformou-se em nossa mal tratada Viçosa. (Em tempo afora o ‘mal tratada’, que é nosso, todo o histórico é do falecido historiador viçosense, Dr. Alexandre Alencar).¹⁶⁴

Pelo texto, fica clara a defesa da narrativa escrita por Alencar, apresentando uma efeméride de caráter inquestionável para o autor. O leitor é convidado à reflexão sobre qual a data correta do aniversário da cidade. Assim, fica transparente que o dia pode ser questionável, mas os documentos oficiais – aqueles produzidos pela igreja –, não. Outra certeza deixada, é que, nesse ponto, a cidade se iguala às demais existentes pelo Brasil.

A maior desvantagem da memória oficial consiste em sua dependência da censura e de atividades celebrativas artificiais. Ela tem duração equivalente à do poder que a apoia. No início ela nasce de uma contramemória inoficial que se apresenta como memória funcional criticamente subversiva. Com isso chegamos à segunda forma funcional, a deslegitimação.¹⁶⁵

Para Aleida Assmann¹⁶⁶, uma das desvantagens da memória funcional, como a desse estudo, está na dependência a atividades celebrativas artificiais, conforme evidencia a posição data comemorativa de aniversário da cidade. Sua sobrevivência está ligada à vida do poder que a apoia. Sendo parida por uma contramemória, neste trabalho, essa relação é apresentada em dois momentos: na rivalidade entre a versão oficial e a versão da família Sant’Anna, tratada anteriormente, mais no início do capítulo; e, neste momento, pela memória concorrente da comunidade do Paraíso.

Verdade absoluta (e existe outra?) é que a História desconhece o momento e o tempo de fundação de quase a totalidade das centenas de

164 CARVALHO, Pélmo S. Viçosa, 137 anos... **Folha da Mata**. Edição Nº 2066, 26 de setembro de 2008.

165 ASSMANN, Aleida. Memória funcional e memória cumulativa: Dois modos da recordação. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011. ASSMAN. p.151.

166 *Ibidem*.

milhares de cidade do planeta. Sabemo-los, precisamente, apenas das cidades artificiais ou planejadas, como Belo Horizonte, Brasília e outras menos célebres. Aqueles momentos significantes da História de tal profusão de cidades estão envoltos em lendas, as mais fantásticas: Roma foi fundada pelos gêmeos Rômulo e Remo; Lisboa (Olisispus) pelo herói da Odisséia, Ulisses. E tudo se complica quando sabemos que cidades há que foram fundadas diversas vezes, v. g. Jerusalém, 5 vezes, e Tróia, em torno de sete.

Se para o que se tem em pauta exigisse-se o rigor dos documentos ou o crivo da diplomática, poder-se-ia afirmar que Viçosa comemorará 209 anos em 8 de março do próximo ano. Doutro giro, teria, apenas 132, se considerarmos de sua fundação a lei 2215, de sua elevação a cidade. Mas, assim não deve ser, em função da prática consuetudinária, arraigada e de mais de meio século e desde quando uma comissão de notáveis locais foi nomeada para estabelecer tais momento e data de criação da cidade. Não se sabe se pela premência do tempo, se por falta de saberes ou se por saberem que a ‘coisa’ poderia ser estabelecida por decreto – com via de regra, tais questões são resolvidas – assim, aqui foi feito, acrisolando-se 0 30 de setembro como do aniversário da cidade.¹⁶⁷

Pélmio fez malabarismos para justificar a data de aniversário da cidade. Voltou a Roma e à fundação de Brasília e Belo Horizonte para comparar e concluir que o nascimento do município não foi diferente do de outros milhares, reforçando a dependência da memória a comemorações inventadas, conforme Assmann aponta.

Ao ventilar mais duas possíveis datas para o aniversário, o reconhecimento de uma delas daria ao município, naquele momento, 209 anos de formação. Apesar de reconhecer a existência de documentos comprobatórios, assinala a definição do evento como produto da formação de consenso, ou seja, o mesmo que, em outras publicações, pregou o valor e a importância de documentos escritos, demonstra que, dependendo da situação, talvez, eles não sejam necessários.

O número de 209 anos nos remete à comunidade do paraíso, mesmo que o autor não tenha dito isso nessa matéria. Em 2007, como citamos anteriormente, a questão foi aventada por Rangel, em uma outra tentativa de ocultar o problema.

Os dois séculos da comunidade do Paraíso aparecem, possivelmente, por dois motivos: a questão do turismo local, pois, a partir da criação do Parque do Cristo Redentor, o ecoturismo surge como mais uma opção ao menu de visitas à cidade e os atributos ecológicos e aproximação espacial da comunidade chamam a atenção. Mediante às possibilidades dessa proximidade, a concorrência entre memórias é, em partes, deixada de lado por alguns instantes, em algumas linhas, mas não o suficiente para questioná-la. O episódio dos 209 anos

167 “Viçosa, 137 anos “. . .”. **Folha da Mata**. Viçosa – MG. Nº 2066, 26 de setembro de 2008. p. 2.

do Paraíso só reforça o artificialismo da comemoração do aniversário do município em 30 de setembro, evidenciando a estrutura inegociável do fenômeno.

2. 6. O trabalho de enquadramento a partir das biografias e outras representações

Neste item, continuamos a problematizar os movimentos da memória nos estados de retração e letargia, embora ela seja apresentada em quadros de lembranças menores e/ou vinculada apenas a uma única publicação. Mesmo nessas condições, ela continuar a ser atualizada, minuciosamente, a partir de um trabalho lento, contínuo e rebuscado, feito pelos propagandistas do fenômeno e pelo próprio jornal.

Nos anos de 1973, 1976 e 1979, a memória se encontrava no estado de retração, contando com enquadramentos da memória pequenos, que pincelam brevemente alguns traços dela. Nesses momentos, a [re]organização fica mais centrada em biografias de personalidades locais.

A coluna assinada por Cirineu Ladeira faz a biografia de Arduíno Bolívar. O valor dessa figura para o fenômeno está nos cargos que ocupou, na sua relação com as instituições de ensino e com a pessoa de Bernardes. No artigo, o próprio Cirineu relata: “Comecei a gostar dele, pelo nome que ao Grêmio do Colégio de Viçosa a que, juntamente com boa parte de minha geração estudantil secundária muito devo (...)”¹⁶⁸ Essa personalidade dava nome ao grêmio estudantil, portanto, trazer à tona sua trajetória é também falar da memória de uma geração estudantil, ligada ao Colégio de Viçosa, o primeiro colégio da cidade. Parte da memória da educação local foi e é amarrada à narrativa oficial. E a citação deixa claro, na lembrança do personagem, a importância do pessoal na organização da memória coletiva.

Não gostava da política, embora tivesse auxiliado a Bernardes. Era, porém, um monarquista convicto. A maior figura humana do Brasil, para ele, era Pedro II, a quem já, no caraça, dedicava poemas.

Foi um católico praticante: o Caraça, a par do grego, do latim (...) ¹⁶⁹

Esse, provavelmente, foi um daqueles filhos da cidade, um homem que alçou cargos importantes desde o Brasil Império, ligado a Bernardes, de religião católica, um professor, desenho de um “típico” viçosense. Será? Para esse coletivo, sim! Mas até parece que estudar

¹⁶⁸ LADEIRA, Dionísio. “Especialmente, Viçosa.” **Folha da Mata**. Viçosa – MG. Nº228 23 de setembro de 1973. p. 2.

¹⁶⁹ LADEIRA, Dionísio. “Especialmente, Viçosa.” **Folha da Mata**. Viçosa – MG. Nº228 23 de setembro de 1973. p. 2.

na escola do Caraça era para todos. Estudar no colégio de Viçosa, instituição privada, na década de 70, também era para poucos! A citação ajuda a reforçar o caráter elitista desse fenômeno, ao entender como a adesão a temas, a exemplo dos ligados à vida estudantil e à memória nacional, contribuíram para torná-la mais aderente.

Mostra-se outro texto, agora do ano de 1976:

“VIÇOSA – 105 ANOS

Há certas ocasiões que gostaríamos de ser não apenas a colunista responsável pela parte social de Viçosa, mas, uma de suas repórteres, para noticiar com toda amplitude os destaques de certas datas.

Estamos nos referindo, é claro, à grandeza e pujança da marca 30 de setembro de 1976, em que nossa querida Viçosa comemora a sua 105ª passagem de aniversário.

Viçosa, terra que já foi berço de personalidades das mais ilustres, de projeção no cenário mundial, é, ainda hoje através de outros filhos seus, lançada à apreciação de outros povos, principalmente agora quando vivemos o momento de maior progresso, tanto da cidade como de nossa Universidade Federal de Viçosa.

Assim, com a aquiescência dos leitores, peço vênica para representá-los e abraçar a cada um daqueles que, à sua maneira, com seu trabalho, muito fizeram para que tivéssemos hoje uma terra que nos faz encher de orgulho. Parabéns Viçosa ... és uma jovem de 105 anos que tem muitas lições importantes para transmitir para todo este Brasil gigante!”¹⁷⁰

Nesse exemplo, novamente, no trecho em negrito, há a preocupação com a memória das personalidades ilustres, de projeção mundial e a ideia de progresso. E, ainda, dá a entender a cidade como algo diferente da Universidade, com dinâmica própria, quando compara “tanto a cidade como de nossa Universidade”, embora, ambas sigam o mesmo progresso. Progresso? Só se foi do êxodo rural! No Brasil, o processo ocorreu de forma mais intensa entre as décadas de 1960 e 1980, e em Viçosa não foi diferente. De acordo com o instituto CENSUs, em 1970, Viçosa contava com 17.000 habitantes, sendo 8.784 habitantes na zona rural. Em 2007, a cidade passou a registrar 65.042 habitantes só no perímetro urbano¹⁷¹. O processo de evasão do campo não foi singularidade local, haja vista que aconteceu em todo país. Os problemas de infraestrutura das cidades brasileiras estão ligados a esse movimento, para os quais faltaram e faltam projetos que envolvam o enfrentamento dos resultados do crescimento desordenado. Esse provavelmente era o cenário do “progresso” local, durante o período: pessoas saindo do campo em busca de vida melhor, de trabalho, indo

170 ROSÁRIO, Maria. **Folha Viçosa**. Viçosa – MG. Nº 376, 03 de outubro de 1976. p. 13. Coluna atualidades sociais. Maria do Rosário. Grifos nossos.

171 CENSUS. *Op. Cit.*

para a cidade. Viçosa, uma cidade pequena (mas que abriu postos de trabalho com a federalização da UFV).

Maria do Carmo Tafuri Paniago chama de “mudanças socioculturais” essas mudanças que acontecem em Viçosa, potencializadas pela UFV. Mas, se na obra da memorialista a Universidade é apresentada como algoz da cidade, nos jornais da década de 70, tais mudanças são recebidas com clima de satisfação. A expansão da Universidade foi vista como positiva, sendo acolhida e estimulada nas representações do periódico.

A memória entra no estado de letargia nos anos de 1970, 1974, 1975, 1977 e 1978, quando ela perde espaço público e dormita. Os motivos estão relacionados a crises, principalmente de origem interna. A empresa, dona do jornal, sofre mudanças de gestão com a saída de Pe. Antônio Mendes da sociedade com Pélmio Simões de Carvalho. Conforme adiantamos no início desse capítulo, no item 3.1.

Já nos anos de 1980, 1981 e 1982, quadros de lembranças diminutos aparecem para festejar a cidade. As ideias de civismo e cultura andam de mãos dadas, ajudando a reforçar a autoimagem local.

“Por possuir grupos culturais de tal porte, Viçosa é uma cidade privilegiada e poderiam, a baixo custo” oferecer não apenas o prato principal de festas desta natureza ‘O pão e o circo’.

Perdemos grande oportunidade de conciliarmos um ‘slogan’ que talvez por descuido das autoridades, vai perdendo significado em sua primeira metade: ‘ ... BERÇO DA CULTURA ... E DO CIVISMO’¹⁷²

O fragmento relembra o que a cidade é na visão de seus propagandadores: berço de cultura e civismo. O mesmo que dizer: aqui nascem pessoas comprometidas com os interesses públicos, patriotas. A atualização com a ideia de cultura aparece para fazer menção aos conjuntos musicais locais, como o conjunto de Seresta do Zé Bóia. Também pontua as festas de natureza “pão e circo”¹⁷³ em referência às exposições agropecuárias e industriais que começaram a movimentar a cidade em seu aniversário.

Também é possível interpretar a preocupação da gestão municipal em agradar outro nicho da sociedade, diferente da elite, para entreter o público (o eleitor) e mantê-lo fiel, suspenso na alegria momentânea e alienado da política. Em outras palavras, as festas ajudavam a conquistar votos, mantendo o povo satisfeito e “feliz”, enquanto os poderosos se incumbiam sozinhos da discussão, da formulação e da aplicação de políticas, sem maiores

172 “Com festa e alegria, Viçosa comemorou seus 111 anos de existência”. **Folha Integração**. Viçosa – MG. Nº

132, 03 de outubro de 1982. p. 1.

173 Forma de lidar com a população mantendo-a fiel aos políticos locais.

obstáculos. Com a população controlada, o caminho ficava aberto para tomada de decisões. Políticas de cunho negativo poderiam passar despercebidas enquanto quem as promovia ganhava aprovação. Porém, a elite local não estava muito satisfeita e evocava algum quinhão em meio à patacoada.

Em 1981, ela é “Cidade de invejável passado e estuante de força em seus anseios de progresso (...)”¹⁷⁴. No ano de 1982, “Cidade cujo passado glorioso de tradição de civismo e cultura a extrapola os limites nacionais levando aos quatro cantos do mundo a força e a fé de um povo na construção de um futuro de grandezas (...)”¹⁷⁵. A lembrança de uma cidade de glórias, combina com os filhos ilustres, como se ela fosse feita apenas de gente ilustre e de grandes eventos. Para Pollak:

(...) há algumas designações, atribuídas a determinados períodos, que aludem diretamente a fatos de memória, muito mais do que a acontecimentos ou fatos históricos não trabalhados por memórias. Por exemplo, quando se fala nos "anos sombrios", para designar a época de Vichy, ou quando se fala nos "trinta gloriosos", que são os trinta anos posteriores a 1945, essas expressões remetem mais a noções de memória, ou seja, a percepções da realidade, do que à factualidade positivista subjacente a tais percepções.¹⁷⁶

Em 1987, a coluna de Dionísio Ladeira reaparece para, nas datas comemorativas dos anos de 1988 e 1989, o movimento de retração da memória ser retomado, contando com atualizações do fenômeno na vinculação de novas biografias.

Nativo, falecido em 1946, José de Almeida Ramos de acordo com dados biográficos fornecidos por seus familiares, foi inicialmente prático dentista, tendo-se formado na profissão, (1929), que exerceu até o fim de seus dias. Foi sócio fundador do Colégio de Viçosa, como acionista, bem como da Usina Santa Rita. Foi desportista atuante e sócio fundador do Viçosa Clube. Pertenceu à SSVP de 1930 a 1946.

Além disso, José de Almeida Ramos foi o idealizador da urbanização do atual Bairro Ramos e da atual Travessa Sagrados Corações, passando essa idéia aos seus filhos, o que hoje se tornou realidade. Era filho de Antônio de Almeida Ramos e Maria Martins Ramos, Casou-se com Maria Galvão Ramos e teve 9 filhos: Lourdes (falecida), José, Rosa, Pedro, Paulo, Joaquim, Antônio, Teresa Maria e Lisa Helena.

O Bairro de Ramos, um dos mais importantes de Viçosa, foi implantado em terrenos da família Almeida Ramos, concretizando ideal de José de Almeida Ramos, agora homenageado também com seu nome dado a uma das ruas do bairro.¹⁷⁷

174 “ Viçosa: monumental desfile, shows e homenagem no aniversário da cidade.”. **Folha Integração**. Viçosa – MG. Nº 87, 04 de outubro de 1981. p.

175 “Com festa e alegria, Viçosa comemorou seus 111 anos de existência”. **Folha Integração**. Viçosa – MG. Nº 132, 03 de outubro de 1982. p. 1.

176 Pollak Micheal. Memória e Identidade. p. 2.

A notícia, que não contém assinatura, sendo de autoria do jornal, dá conta do estabelecimento da rua com o nome da personalidade José de Almeida Ramos, enfatizando sua contribuição na construção do município. Os lugares que ele ajudou a construir são endereços privilegiados e, também, sua atuação como sócio fundador do Colégio de Viçosa foi pontuada. As biografias aparecem em algumas edições estudadas e fazem parte da [re]organização dos quadros de lembranças, principalmente quando encontra-se em retração. A receita é a mesma: pessoas que seriam importantes para sociedade, vinculadas a instituições, ou pessoas ilustres, são privilegiadas pela memória oficial.

Mas, voltemos aos motivos da redução de espaço da versão oficial. O processo de redemocratização do Brasil chama atenção para questões de ordem nacional, porém, precisamos salientar, desde 1975, que o jornal se encontrava inteiramente nas mãos de Pélmo S Carvalho e, de lá até a renomeação do periódico para Folha da Mata, em 1984, passou por muitas mudanças internas que refletem as inúmeras modificações na apresentação do impresso. O Folha Viçosa, passa a Integração, com e sem subtítulos, até se estabelecer como Folha da Mata. Com isso, há mudanças na forma de lidar e informar o público, novos colaboradores vão surgindo e tudo isso interfere no produto final.

As rupturas têm papel fundamental na formulação de aberturas, nas quais excluídos encontram oportunidade de fala. Há exemplos desse tipo de memórias em Pollak e Sarlo, que pontuam o esgotamento de regimes totalitários, como nos casos do nazismo e das ditaduras nas América do Sul, no exemplo argentino, como alavanca da abertura do espaço público para os “Outros”¹⁷⁸.

Em se tratando de Brasil a situação foi parecida: o fim do “milagre econômico” brasileiro, a inflação descontrolada e a recessão internacional desenham o cenário da chegada dos anos 80 durante o governo de Figueiredo (1979-1985). Os fatores elencados, dentre outros, sinalizavam o esgotamento do Regime Militar no Brasil, abrindo uma cisão robusta o suficiente para que memórias subterrâneas pudessem ocupar a superfície. As ditaduras, e seus respectivos esgotamentos ou fim, são momentos de se ouvir as vozes silenciadas.

Os anos que vão de 1983 a 1987, chamam a atenção pelo estado de letargia constante do fenômeno, refletindo o contexto de crise econômica e da política nacional em movimentos como o de “Diretas Já”. As manifestações pedindo eleições diretas foram impulsionadas pela

177 “José de Almeida Ramos é nome de rua.” **Folha da Mata**. Viçosa-MG. N° 1076, 30 de setembro de 1989.p.7.

178 Ver capítulo 1 dessa dissertação.

insatisfação popular com o autoritarismo no Brasil, com as eleições indiretas, com a economia ruim e com a repressão do regime.

O período foi importante para o crescimento e para o fortalecimento de lutas sociais, principalmente no que diz respeito às reivindicações sindicais, bem exemplificadas nas greves dos trabalhadores – em São Bernardo do Campo, quando, em 1980, 300 mil metalúrgicos cruzaram os braços.

O trabalho de enquadramento da memória deixa a cena pública e entra em estado de letargia, num movimento indicativo de ruptura. Nesse bojo, o *Folha da Mata* dedica-se à cobertura do movimento grevista em Viçosa. Os desfechos destas articulações ganham a primeira página e o recheio do jornal.

Outra explicação possível está nas constantes mudanças de ordem estrutural do próprio periódico no contexto político da época, de disputas eleitorais amenas na localidade. O ensejo abre espaço para que outras representações, abarcando outros coletivos do município, apareçam. As lutas sociais ganham holofotes e parte da categoria de trabalhadores da cidade ganham destaque no jornal.

Os meios de comunicação estruturam sua cobertura no sentido de legitimar os núcleos de poder. O noticiário rege-se pela atuação das instituições hegemônicas e marginaliza os núcleos não hegemônicos. Tais grupos, mais próximos da vivência dos leitores, ficam excluídos, passando a figurar como notícia apenas quando surgem problemas de grandes repercussões (greves, acidentes, catástrofes, etc.). Predominando uma cobertura dessa natureza, o jornalismo brasileiro assume um caráter elitista.¹⁷⁹

Dessa forma, o jornalismo feito pelo *Folha da Mata* respeita uma tendência nacional de produção de notícias e legitima os núcleos de poder, excluindo o não-hegemônico. Outros coletivos só aparecerão se estiverem em meio a assuntos de grande repercussão, como é o caso de greves.

A capa da edição nº 832 de 21 de setembro de 1985, contou com foto e, em sua respectiva legenda, foi escrito “A tarde de ontem, o manifesto de professores e servidores na Praça Silviano Brandão”. O deslocamento UFV/centro pode ser entendido como forma de buscar maior adesão ao movimento e de atrair apoio da sociedade local às reivindicações.

No ano de 1985, as manifestações são engrossadas a partir da criação da Associação dos Servidores Administrativos da UFV – ASAV. Numa publicação de primeira página, foi vinculada uma foto simbolizando a chegada dos grevistas, sua respectiva legenda dá a

179 BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.* p. 3.

entender duas categorias distintas de trabalho, a de professores e servidores,¹⁸⁰ marcando diferenças das relações dos trabalhadores, não apenas de salários, como de hierarquias e de trato do dia a dia.

A questão se torna sensível aos interesses da sociedade viçosense pela dependência, direta e indireta, da economia local em relação à UFV, e, entre 1983 e 1987, o jornal ocupa suas páginas com a questão. O debate tem espaço privilegiado, porque a discussão permeia várias páginas do jornal e ganha destaques de primeira página, fazendo com que a memória oficial seja ofuscada, recolhida no silêncio do espaço privado.

A questão urgia na cidade, as greves locais não prejudicavam apenas estudantes ou os trabalhadores da instituição, mas a sociedade como um todo, mexendo em uma cadeia de prestação de serviços voltados à educação. Embora críticas às mobilizações também estivessem presentes em publicações do periódico (demonstrando insatisfação com as posições dos servidores), ainda assim os conteúdos referentes à organização das greves não deixaram de ganhar ainda mais destaque. Mesmo manifestando alguma insatisfação e criticando o movimento, o problema preenche colunas e artigos publicados, pois, de modo geral, é da “natureza da imprensa abarcar temas variados”¹⁸¹. Embora se contrapusessem, em certa medida ao projeto editorial, os interesses econômicos vêm à frente. O assunto pipocava na grande imprensa nacional e o local segue a tendência, uma vez que não havia como esconder uma questão que era vivenciada pela população do município.

Uma coisa é dar a notícia, expor algumas reivindicações, exibir reportagens com pessoas importantes falando sobre a questão – professores, políticos – e publicar notas do sindicato. No entanto, abrir espaço para o “peão” contar o que acontecia com a categoria de servidores e expor abusos sofridos pela categoria não era possível, pois é o outro lado da moeda da cidade universitária, da cultura e do civismo; seria como reconhecer que eles também contribuíram para a construção desse município.

Um dos lados positivos dessas lutas é a exposição, o exercício de tornar visível esses trabalhadores e suas lutas, a exemplo do desvio de função e do assédio moral, além da reivindicação por melhores salários. Sobretudo, ajuda a mostrar que o município não é formado apenas por uma única categoria de personagens, como apresenta a versão. Há outras

180 “Na volta de Brasília, grevistas realizaram Ato Público”. **Folha da Mata**. Viçosa – MG. Nº 832. 21 de setembro de 1985. p. 1.

181 CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35. 2007.

categorias, pessoas, e elas também contribuíram para a formação do município, cada uma à sua maneira e todos com a mesma importância.

Como contraponto, ouvimos algumas falas, expostas em documentários sobre a “história” da ASAV, outra memória que ajuda na compreensão desses “outros”, mostrando que embora sua memória não faça parte da narrativa sobre a cidade, ela existia. Prova disso, foi o destaque dado à conjuntura grevista daquele momento.

(...) que o servidor era subserviente de uma certa maneira, a todos, inclusive ao próprio professorado. Conta uma história por exemplo, os mais antigos já devem saber dessa história, o sujeito tava trabalhando numa obra ou então num roçado, aí ele tava pitando um cigarro, o encarregado chegava, eles tinham de apagar a guimba e engolir a guimba. Porque se achasse a guimba no chão, o cara era mandado, adivertido, podia até perder o emprego. Era, essa, é o que nós vivemos. Uma situação muito grave, muita gente demitida.”¹⁸²

Pelo fragmento, podemos perceber a relação de subserviência: quanto mais inferior o cargo, mais silenciado. Ainda indica, ao apontar o relato dos “mais antigos”, que os abusos não aconteciam apenas naquela atualidade, mas historicamente. Porém, mesmo diante dessas relações recheadas de abusos de autoridade, a categoria dos servidores fechou com o professorado, pela consciência de que a força do movimento era gerada pela união de classes.

Em documentário produzido sobre a “história” da ASAV, os primeiros líderes da associação organizam seus próprios quadros de memória, expondo motivações, ações e conquistas oriundas da articulação desses trabalhadores. Ao mesmo tempo, nos ajudam a refletir sobre o que estava revestido nas notícias sobre o desfecho do movimento grevista local.

Entre os ganhos, há a alfabetização de muitos funcionários, que contribuiu para a promoção de ideias e práticas de valor imensurável aos trabalhadores – saber ler e interpretar ajuda questionar o sistema e fortalece o movimento.

“(...)veio também aquela primeira greve, onde nos fizemos reivindicação, é, é, alfabetização. Alfabetização de adulto, que nós, já tínhamos um levantamento que dentro da Universidade, uns 40, em torno de 38% a 40% de nossos funcionários era analfabeto. O interesse do governo era quanto menos o funcionário ficasse sabendo, soubesse interpretar ler, melhor para ele. Na época da ditadura era o seguinte, quanto mais analfabeto o funcionário era melhor. Então era isso que a Universidade seguia a risca!”¹⁸³

182 Canal asavnaluta. Documentário sobre a história da ASAV – parte 1. Youtube. disponível em : < <https://www.youtube.com/user/asavnaluta> > acesso em 01 de setembro de 2021.

183 *Ibidem*.

Pelas falas proferidas, esse tipo de relação era algo bem corriqueiro, endossado pelos representantes da instituição do alto escalão, e o período da ditadura no Brasil transformou-se em momento de “deitar e rolar”. Por outro lado, o testemunho do documentário é também uma versão, uma memória, e devemos refletir sobre as condições que os depoentes expõem nesses quadros de lembranças. Como alertou Sarlo sobre a narrativa testemunhal e suas subjetividades, potencializadas pela exposição do “eu” aos holofotes¹⁸⁴. Todavia, adentrar pelas veredas desses excessos torna-se inviável a esse estudo. Dessa forma, eles nos são úteis como contraponto à “cidade culta, educadora desde a primícias que, ora é devastada pelos problemas trazidos pela Universidade, ora se enaltece de ser ‘educadora’”. A instituição parece prejudicar a cidade quando o comércio fecha em função de atritos internos. Todavia, quando o assunto são as condições de trabalho vexatórias, silêncio. Ainda nesse prisma, ela prejudica sempre e apenas a cidade, a área urbana, o espaço construído, não o município, toda extensão territorial que compreende a zona rural, podendo ser entendido em partes por distritos, como o de Cachoeira de Santa Cruz e o de São José do Triunfo. A compreensão até aqui é: o município, na maioria das vezes, só tem a preocupação de executar políticas para a área central da cidade, ou melhor, para seu distrito sede, a Viçosa, onde parte da elite política e econômica reside. O restante, como bem escreveu Carolina de Jesus, é quarto de despejo!¹⁸⁵

Os anos seguintes serão de preocupação com a preservação e institucionalização de memória coletiva. Em 1995, Euter Paniago começa a desenhar o problema a partir de nota da desapropriação da casa a que pertenceu e residiu Arthur Bernardes e sua transformação em um Centro Histórico¹⁸⁶. O assunto foi tratado por Martins, no item de sua dissertação: O museu Casa Arthur Bernardes, na qual analisou-se a disputa pela criação do museu Arthur Bernardes. Para a autora:

(...) a professora Maria do Carmo Tafuri Paniago e o Vereador Euter Paniago tiveram uma influência marcante, tanto no sentido ideológico quanto no prático (políticas públicas), no que diz respeito ao estabelecimento de uma memória dominante acerca de Viçosa e da construção de espaço que dessem suporte a essa memória.¹⁸⁷

184 SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

185 DE JESUS, Carolina Maria; DANTAS, Audálio; TEIXEIRA, Alberto. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Livraria F. Alves, 1960.

186 PANIAGO, Euter. “O futuro Centro de Estudos Históricos da UFV e outras coisas.” **Folha da Mata**. Viçosa-MG. Nº 1386, 23 de setembro de 1995. Coluna do Paniago. P 2.

187 MARTINS, Walkíria. Op. Cit. p. 129

Em outras palavras, no processo que transformou essa memória em coisas, o trabalho do propagandista da memória e da memorialista foram fundamentais. Tafuri, na atualização da narrativa na forma escrita; e o vereador Paniago, na sua divulgação e busca por implementação via jornal e poder legislativo, a partir da cadeira que ocupava na Câmara de vereadores de Viçosa.

Como é possível perceber, o discurso defendido pelo grupo representado pelo vereador Euter Paniago foi o que venceu o debate político daquele contexto e, até hoje, o Museu se propõe ao enaltecimento da memória de Arthur Bernardes e à pesquisa e preservação de seu legado. É um exemplo de políticas públicas, elaboração de um discurso, articulações políticas e chancela da memória, associados a um determinado grupo político e intelectual da cidade de Viçosa.¹⁸⁸

O quadro de memória que representa a figura de Arthur Bernardes é uma das partes fundamentais desse trabalho de enquadramento da memória e de sua utilização política. Como fica claro no fragmento, não remete apenas aos anos de estudo da autora, entre 1980 e 2010: acontece nos anos de 1970 e estendem-se, pelo menos, até 2019. Ele fez parte de agendas políticas, utilizada como parte das estratégias eleitoreiras e como tática em momentos de desequilíbrio do poder exercido pelas forças que outrora alternavam o comando do município, tal como apresentamos anteriormente, na eleição de Antônio Chequer (Pe. Antônio Mendes) e durante o desenrolar da CPI que, entre outras coisas, pedia a cassação de Antônio Chequer.

Voltando às cercanias da manutenção dos quadros de memória, que estruturam esse fenômeno, garantindo sua continuidade por meio de atualizações, em 1995, outro quadro de lembrança foi inserido, apresentando mais um ilustre, um herói, em publicação do próprio jornal, com o título “O centenário de um herói viçosense Washington Vaz de Melo”.

Nascido em Viçosa (MG), em 11 de setembro de 1895, prematuramente perdeu o pai, senador Carlos Vaz de Mello, um dos mais prestigiosos líderes da política nacional, falecido em 1904.

(...) Em 1932, já procurador geral da Justiça Militar, acompanhou Arthur Bernardes, seu cunhado, na viagem para a ilha do Rijo, onde o ex-presidente ficou confinado, juntamente com Pedro de Toledo e Borges de Medeiros, aguardando embarque para a Europa, em exílio imposto pelo governo provisório.¹⁸⁹

O artigo, publicado em 1995, trazia a biografia do ilustre Washington Vaz de Mello. Nela, a vida desse ilustre é costurada a Bernardes e a datas e eventos importantes para a nação. O ano 1932, que remete à Revolução de 1932 e ao exílio do ex-presidente que, para

¹⁸⁸ *Ibidem*.

¹⁸⁹ “O centenário de um herói viçosense: Washington Vaz de Melo”. **Folha da Mata**. Viçosa-MG. Nº 1387, 30 de setembro de 1995. p. 3.

essa memória coletiva, configura-se como fato histórico, um/ou acontecimento, pois aparece na maioria das narrativas. Observem, ele é importante para localidade pelo cargo que ocupou, pela família que pertence, por fazer parte de um determinado coletivo e pelo trabalho de enquadramento que representa.

Halbwachs¹⁹⁰, ao tratar da memória coletiva e da sua necessidade de uma comunidade afetiva, destacou: “No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos (...)”¹⁹¹. Além da relação afetiva, que também se faz presente na versão, os acontecimentos, ou melhor, os fatos históricos são utilizados como mecanismo que aciona um maior número de membros do coletivo, que, independentemente das suas trajetórias individuais, encontram nesses elementos uma massa provedora de aderência entre membros. Como na construção de uma casa, a massa de cimento garante a perfeita ligação entre os tijolos.

Outro nome de importância no âmbito nacional, segundo a memória, seria Hervê Cordovil, que foi amarrado à velha estrutura da versão.

Supunha-se que Viçosa tivesse apenas um filho com projeção nacional o político Arthur Bernardes, que, de simples vereador chegou à Presidência da República.

Sabe-se agora que houve outro viçosense cuja obra é conhecida em todo o país: Hervê Cordovil, que foi maestro, compositor, pianista e orchestrador de primeira linha.

Filho do médico Cordovil Pinto Coelho e de Dona Maria de Lucca Pinto Coelho, Hervê nasceu em Viçosa no dia 3 de fevereiro de 1914. Seus pais residiam, segundo depoimento do ex-vereador José dos Santos (Dudé), na casa onde mora o cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho, na praça do Rosário, número 15.¹⁹²

Notem a mesma estrutura com a inclusão de um novo nome. Esses quadros podem ser explicados, não somente pela importância real ou não dos protagonistas, como também pelo momento em que aparecem nas edições do jornal. O momento foi de impulso à diversificação econômica local a partir da implementação de atividades ligadas ao turismo, interesse que perpassou a década de 1990, segundo Martins.¹⁹³ O objetivo de apresentar e valorizar outros personagens, provavelmente, veio da busca por apresentar atrações que remontassem a memória a lugares, formulando um leque mais variado de atrações aos possíveis visitantes.

190 HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva.

191 HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. p. 45.

192 PANIAGO, Euter. “Hervê Cordovil, o viçosense de projeção nacional e outras coisas”. **Folha da Mata**.

Viçosa-MG. Nº 1491, 20 de setembro de 1997. Coluna Paniago.p. 2.

193 MARTINS, Walkíria. Op. Cit p. 148.

As biografias se demonstraram como parte importante na continuidade do trabalho de enquadramento quando a memória estava, majoritariamente, na condição de retração, atuando como parte de um mecanismo de transmissão e adesão, própria de uma rede de comunicação ligada ao fenômeno. Os conteúdos sobre a greve do funcionalismo no município, apresentados no estado de letargia, ofuscaram a narrativa pela inviabilidade de esconder algo que afetava, para além conjuntura nacional, as sensibilidades do cotidiano local. No próximo item, continuaremos tratando desses “outros”.

2.7. A tradição do congado de São José do Triunfo como parte importante da história da memória do município de Viçosa

No ano de 2011, tivemos o último estado de latência do fenômeno dos anos estudados, pois os demais anos da década 2010 alternaram entre movimentos de retração e letargia, sem atualizações de maior relevância. Em 2013, 2014, 2016 e 2019, a memória dormitava enquanto a conjuntura econômica e política local e nacional manifestavam condições para evidenciar pequenas representações sobre outra memória, conforme trataremos adiante.

Para tratar do coletivo silenciado, precisamos falar brevemente do período compreendido entre 2004 e 2016, quando essas representações do passado emergem em algumas publicações do Folha da Mata. Já discorremos anteriormente sobre o perfil conservador da instituição, porém, por volta de 2004, conteúdos com teor mais popular começam a aparecer em espaços pequenos e menos privilegiados do jornal. Elas aparecem em formato de notícia, informando sobre festas religiosas. A tendência de contar com espaços dedicados a atividades culturais, se relaciona com a ligação intrínseca do jornalismo com a cultura desde suas primícias. Conforme pontou Rêgo e Moura, pesquisadoras em comunicação, a preocupação que se tinha ao longo do século XX era com a chamada “cultura erudita”, não se estendendo à produção de discursos democráticos, pouco menos considerando as massas.¹⁹⁴ No Brasil, essa perspectiva muda durante o século XXI, a partir da consolidação do uso e acesso a internet, com a promoção de políticas públicas de valorização da diversidade cultural brasileira, principalmente, durante os governos Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff.

194 RÊGO, Ana Regina; MOURA, Ranielle Leal. **Jornalismo, gêneros e diversidade cultural nas revistas brasileiras**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 35, p.103.

O documentário foi promovido pelo projeto de extensão “Histórias e Memórias sobre Cultura: resgate e preservação de produções culturais esquecidas em Viçosa” apoiado pelo edital PIBEX, da Pró-Reitora de Extensão e Cultura da UFV, sendo produzido por estudantes do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como parte de uma série de documentários sobre a cultura local. O projeto de extensão traz, no seu título, a frase “produções culturais esquecidas”, porém achamos melhor entender esse “esquecidas”, no caso do congado de São José do Triunfo, como “silenciadas”, uma vez que a manifestação é bem conhecida e frequentada por muitos moradores do município e o documentário teve mais de 21 mil visualizações, no ano de 2016, quando foi produzido e vinculado ao Youtube, demonstrando interesse do público em geral por esse tipo de conteúdo. Outro ponto importante é a contribuição do projeto que financiou a produção para a formação de estudantes da UFV e para a salvaguardar esses tipos de tradições, a partir da sua divulgação e consequente valorização da comunidade.

As historiadoras, Mauad e Maciel, escreveram um artigo a respeito do documentário e das práticas do historiador na reflexão sobre os limites e a possibilidade aplicáveis a esse tipo de fonte¹⁹⁵. Entre suas assertivas, as autoras apontam que o documentário, mais especificamente aqueles de categoria filme-testemunho, devem ser analisados também a partir da perspectiva da testemunha.

O apelo do realismo da imagem e da sedução do testemunho colocam novamente o historiador diante de impasses.

Um dos aspectos fundamentais dessa relação é a fonte testemunhal que, tanto para a história quanto para o filme documentário, traz em si complexidades.¹⁹⁶

Dentre os impasses, está a questão da autenticidade e da veracidade que a fonte tende a abarcar, das quais, a primeira, lembram as autoras¹⁹⁷, pode sim excluir a segunda em pontos estratégicos e, a questão da passagem do tempo que, ainda, pode conferir mudanças ou mesmo acréscimos à versão.

As pesquisadoras aproximam sua reflexão ao pensamento de Sarlo, em respeito ao testemunho e à tendência em o tomarmos por verdade quando também utilizam o exemplo do escritor Primo Levi. Para Sarlo o grande problema desse tipo fontes está em quando elas são

195 MAUAD, Ana Maria; MACIEL, Ana Carolina D. Documentário e prática historiadora: limites e possibilidade. Primeiros escritos. N. 15, P. 1-12. 2011. Disponível em: <
http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Qc9rw6H5lYIJ:www.labhoi.uff.br/sites/default/files/arquivos/primeiros_escritos_-_video_e_historia_ana.pdf&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> acesso em: 23/09/2022.

196 *Ibidem*. p. 3.

197 *Ibidem*.

as únicas possíveis para se fazer justiça, o que induz na sua utilização sem problematizações. Situação bem parecida com das testemunhas, que relatam a tradição do congado, pois também vivenciaram muitas experiências dessa memória a partir de outrem, algo que fica claro quando seu Dólar trata da origem da comemoração a partir da “história” de Chico Rei”. O congadeiro não viveu naquele tempo, mas experimentou os fatos a partir da continuidade do fenômeno o que pode levar a equívocos, conforme mostraremos abaixo.

Ao analisar falas de Geraldo Virgílio (Dólar) – o Rei Congo, alguém que vivencia o movimento, um olhar de dentro da tradição –, podemos perceber a consciência do integrante da banda com relação ao que ela representa para ele mesmo e para a comunidade.

O congado é uma dança africana, uma dança africana criada na África, não é inventada, é criada na África! Então hoje em dia na África não tem, mas no Brasil tem! Então foi vindo da África pro Brasil! Que é um tal de Chico Rei, que tinha, é que começou o congado, né! É uma família que tinham, uma família assim pobre e, não tinha recursos pra comprar padre nem nada, então, fez assim, um tipo assim, umas coisas que ele fez – rasgava folha de banana, de bananeira, pra fazer uma tanguinha, e o penacho, o penacho assim, um ombro no meio da cabeça cheio de pena. Então hoje em dia nois usa assim, o penacho que eles usava, hoje nois usa o capacete e tanga que eles usava nois usa a saíha hoje em dia. Oh calça, camisa branca, calçado branco! Uma quantidade de gente é cor rosa e a outra é cor verde e azul, a quadra deles. No entanto 12 de maio, 12 pra 13 de maio que é comemoração de quando foi libertado do cativero, a libertação da rainha Isabel, libertou do cativero, então foi de 13 de maio que foi libertado do cativero. Então, todo ano nois manifesta o 13 de maio! Durante a noite! Isso aí desde antepassados nossos, é uma lei que nois vem seguindo aqui!¹⁹⁸

Nas palavras de seu Dólar, a tradição é resistência, herança de seus antepassados, atualizada na comemoração do 12 para 13 de maio, quando a princesa Isabel assinou a Lei Áurea. Convém ressaltar, a Lei Áurea concedeu a liberdade aos escravizados, porém não promoveu a inclusão social do povo preto. Até a atualidade, seus descendentes lidam com muitos tipos de alijamento social, entre eles a baixa escolaridade e os salários inferiores em relação ao pago aos demais cidadãos, mesmo exercendo funções iguais. A situação piora bastante se pensarmos na condição da mulher negra. Nesse sentido, a comemoração contribui positivamente com a identidade do coletivo em questão, dando sentido ao passado, conservando raízes de alhures, cristalizando-a juntamente com os novos significados e símbolos, forjados pelo trabalho de enquadramento dessa irmandade de homens pretos.

Ao referir-se a tradição, seu Dólar diz: “foi vindo da África pro Brasil.” Entendemos, nessa fala da vinda de África para cá, do congado, embebida de sentidos, sujeitos, memórias e

198 CONGADO. Canal: **Cultura histórias e memórias**. Coordenação: Mariana Procópio e Wesley Xavier. Viçosa, 2016. Vídeo (25:43 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PPCKNOdv7ug> Acesso em: 05 de fevereiro de 2021.

identidades advindas do continente africano para o Brasil, no século XVI e do choque cultural, que levou elementos característicos da cultura portuguesa para o congado. O relato do congadeiro é carregado de afetividade e realça consciência histórica, porém na descrição da mesma festa publicada no jornal, ela surge esvaziada de sentidos, talvez pelo olhar daqueles que veem o movimento de fora.

Compostos, geralmente, de pessoas idosas, havendo alguns jovens que se interessam por aprender a dança, esta festa do calendário litúrgico católico é realizada, comumente, no mês de outubro, podendo haver, entretanto, variação de datas para sua celebração. Em outros tempos, conforme relata a professora Maria do Carmo Tafuri em um dos seus livros, ‘ em Viçosa, nesta festa, havia a apresentação dos congados, congadas e congos. De origem negra, o auto se divide em cortejo, que é o desfile seguido de danças, havendo depois a embaixada, que é a representação. O auto reproduz a luta guerreira entre o Rei Coriongo e o Embaixador da Rainha Ginga. No entanto, em São Paulo, em outras regiões de Minas e no Brasil Central, há muitos grupos ditos congadas que representam o de mouros e cristãos.

A festa em honra de Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos congos, começa com o grupo (cortejo), com roupas próprias compostas de saiotes coloridos, calças brancas, capacetes de papelão enfeitados com fitas e espelhos, buscando os reis do rosário para levá-los à igreja, onde é celebrada a missa, entre cantos e danças. De modo geral, o cortejo compõe-se de rei, capitão-do-meio, secretário, cinco vassalos, bamba e dançarinos e, às vezes, uma rainha, como no caso de São José do Triunfo.¹⁹⁹

Ao tratar da tradição, o periódico²⁰⁰ utiliza a obra de Maria do Carmo T. Paniago como referência, em uma descrição do que seria e de como aconteceria o fenômeno. A escolha da memorialista para noticiar a festa foi uma forma de garantir o controle da representação do passado, para não entrar em contradição com a memória oficial, definindo balizas. Entendemos o arranjo como forma de silenciamento da tradição desse coletivo da história da memória do município, pois, ao tratar do assunto com o auxílio de uma pessoa “autorizada”, garante-se a exclusão dos conflitos, obtendo-se uma narrativa controlada, contendo apenas o suportável ao trabalho de enquadramento oficial, em um movimento de distanciamento da tradição, da narração transvestida de história do município.

Pelo fragmento, a comemoração de velhos já aconteceu em um passado distante em Viçosa. A festa com seus desfiles e danças, no trecho, assemelha-se a um conjunto de coreografias sem sentido intrínseco, perspectiva endossada em obras da memorialista Maria do Carmo Tafuri Paniago. Conforme assinalado no conteúdo da matéria, o evento ocorre em São José do Triunfo, distrito de Viçosa, mas não há associação dessa memória à história do município.

199 “Congados na festa do Rosário”. **Folha da Mata**. Viçosa – MG. No1857, 25 de setembro de 2004. p. 15.

200 Dizemos o periódico por tratar-se de publicações sem assinatura, que segundo a lógica da produção jornalista, induzem a responsabilidade do folhetim pelo conteúdo.

No que diz respeito à visibilidade desses silenciados e à ocupação de pequenos espaços no jornal, é preciso ressaltar onde esses movimentos se organizam: na periferia do município, onde tempo passa mais lentamente²⁰¹. Vivemos em um século de rapidez, e disputar o espaço público requer acesso e domínio dos meios tecnológicos atuais. Nesses lugares periféricos, o acesso a tais meios ainda é limitado por questões econômicas. Por outro lado, o controle sobre novas tecnologias pesa, significativamente, sobre o público e o privado, consequentemente, sobre silêncios. Certamente, muitos professores, como eu, já ouviram de seus alunos, ao questioná-los se se conhecem alguém alheio à escola, a resposta: “ele tem Facebook? Instagram? Twitter?”. Ao responder com um não, há a tréplica: então essa pessoa não existe! Logo, os silenciados do século XXI são aqueles com menor acesso e domínio das mídias digitais. Isso também contribui para que a informação a respeito desses coletivos e a suas respectivas memórias sempre nos cheguem a partir das palavras de outrem, e nunca pela voz de seus integrantes.

Segundo o geógrafo Patrício P. Alves, as diferentes nações negras traficadas para o Brasil colônia coroavam seu próprio rei, mas, com o tempo, visando fortalecer sua identidade, acabaram mudando para a coroação do rei congo. Esses festejos teriam começado por volta do século XVII, servindo como ferramenta de coesão²⁰² dos estrangeiros escravizados.²⁰³

O pesquisador analisou, em sua dissertação de mestrado, duas tradições de congado: uma que ocorre em São Benedito (Minas Novas) e outra São José do Triunfo (Viçosa)-MG. Segundo ele, a comemorações do rei congo eram aceitas pela coroa portuguesa, por ajudar no controle dos escravizados. Entretanto, no século XIX, aos poucos, passaram a ser coibidas por sua associação a um passado colonial, do qual se desejava esquecer.²⁰⁴ Diferentemente da percepção, da tradição, noticiada pelo jornal, a partir do estudo de Paniago, apresentada anteriormente.

Outro apontamento importante nas falas é o nascimento do Congado no seio da família de Chico Rei, traço marcante, preservado pela família de Seu Dólar na atualidade. Seu Dólar recebeu de seu pai as obrigações de Rei Congo e, junto a sua prima, exercem o reinado e as funções de guardiões da memória. A família é um suporte vivo para memória; do contrário o futuro é incerto, conforme pontou Hampté Bã,

201 SANTOS, Milton. **O tempo nas cidades**. Ciência e cultura, v. 54, n. 2, p. 21-22, 2002.

202 Os africanos escravizados vinham de diferentes territórios e etnias. As irmandades de homens pretos configuravam-se num ponto de referência que atraíram seus adeptos pelas similitudes culturais

203 SOUSA, Patrício Pereira Alves. **Corpos em drama, lugares em trama: gênero, negritude e ficção política nos congados de São Benedito (Minas Novas) e São José do Triunfo (Viçosa)-MG**. 2011.

204 *Ibidem*. p. 210.

O grande problema da África tradicional é, em verdade, o da ruptura da transmissão. Nas antigas colônias francesas, a primeira grande ruptura veio com a guerra de 1914, quando a maioria dos jovens se alistou para ir combater na França, de onde muitos nunca retornaram. Estes jovens deixaram o país na idade em que deveriam estar passando pelas grandes iniciações e aprofundando seus conhecimentos sob a direção dos mais velhos.²⁰⁵

No exemplo africano, a primeira ruptura da tradição se deu por meio do alistamento para combater na Primeira Guerra Mundial, quando os jovens são afastados de suas famílias, não retornando para serem iniciados. A tradição ficou sem suportes vivos para continuidade, estando em eminente risco, pois o tempo é caro aos anciões. Em outras palavras, o processo pedagógico desse tipo de memória acontece inicialmente em casa e, a partir do momento que os mais novos se ausentam do convívio familiar, não há como garantir seu ensino e continuidade. Para nós, fica nítida a tentativa do documentário em apontar esse exercício da continuidade a partir de relatos, demonstrando um interesse relativo das crianças da comunidade pela banda de congo.

As décadas de 1960 e 1970 foram muito profícuas para a história, com o nascimento da história oral. Para isso, o testemunho contribuiu muito. O caráter supostamente duvidoso deste em relação a outras fontes, equivocadamente tidas como intrinsecamente mais objetivas, não impediu trabalhos rebuscados e inovadores como os de Jan Vansina²⁰⁶ e de Hampâté Bâ²⁰⁷. Esse último faz apontamentos interessantes, a partir da história do Mali, nos quais a sobreposição da oralidade pela escrita contribui para inferiorizar saberes seculares, transmitidos de geração em geração que aparavam, organizam e teciam os novos horizontes às sociedades africanas. Podemos entender que esse legado, prejudicado pela falsa ilusão de que só a história é capaz de produzir conhecimento e promover transformações no porvir, enquanto a memória estaria fadada ao equívoco, a repetição incessante de erros está bem exemplificada em outra sobreposição: a da memória pela história.

Dessa maneira, discute um modelo de sociedade plural, que não se enquadra no exemplo de organização e desenvolvimento social, a qual corriqueiramente se analisa no ocidente. Portanto, frente ao outro é necessário novas formas de abordagem, pois a comparação é insuficiente para compreender:

205 BÂ, Amadou Hampate. A tradição viva. In: Ki-Zerbo, Joseph (Org.). **História geral da África**. Vol. 1, Brasília: UNESCO, 2010. p. 211.

206 Nascido na Bélgica, o historiador e antropólogo, foi inovador na criação da método da história oral.

207 Escritor e etnólogo malinês.

Comunidades como a de São José do Triunfo, embora não sejam consideradas zona rural, possuem aproximadamente 8km de asfalto que as separam do centro da cidade. Uma região considerada periférica, onde o tempo é mais lento, como bem disse Milton Santos²⁰⁸ sobre as temporalidades das cidades. Um fator que favorece a tradição, em uma comunidade com hábitos de cidadezinha do interior, é que todos se conhecem, muitos são parentes e alguns ainda são adeptos a uma boa prosa à noite, na porta de suas casas; e a maioria ainda frequenta a mesma e única igreja católica local.

Das comemorações, participam pessoas de idades variadas. José Carlos é um jovem congadeiro, que, no relato, desenha outros aspectos do movimento, a exemplo do protagonismo masculino: quem dança são os homens. Isso fica claro ao assistir o documentário a partir da invisibilidade feminina nas falas. “Eu tenho 24 anos que eu participo do congo! Eu bato pandeiro! Tenho tio, primo, já tive meu avô também, mas já falecido, tem primo também, falecido, que já participou! Eu gosto muito porque eu só muito devoto a Nossa Senhora do Rosário!”²⁰⁹ As mulheres até aparecem nas filmagens, mas sempre em posição de coadjuvantes, num jogo de imagens que reflete a hierarquia dentro da banda.

As imagens produzidas buscam demonstrar tranquilidade e o cenário escolhido foi a própria comunidade. As entrevistas ocorrem em meio ao cortejo – na rua ou em casas que recebem os congadeiros durante o desenvolvimento da festa – sendo assim ao fundo, na maioria das vezes podemos conferir o andamento da festa, levando ao entendimento da relação afetiva dos personagens com a tradição. A música, as imagens com danças, as encenações, a queima de fotos e de momentos importantes como a luta de espadas, tudo remete aos festejos num claro indício de montagem de um documento, ou melhor dizendo, de trabalho de enquadramento de memória. Desse modo, entendemos o documentário como um enquadramento, uma seleção feita a partir de um quadro de memória maior, a tradição congadeira.

O caráter religioso salta aos olhos e ouvidos durante toda encenação. A cerimônia parece atingir seu ápice na chegada à igreja e nas trocas de coroas entre os Reis festeiros do ano e os do próximo ano, que para desempenhar a função precisam ser casados no religioso, não terem passado por divórcio, ou possuir deslizes de conduta, que fujam aos parâmetros de certo ou errados, instituídos nos valores da igreja católica. Tais exigências excluem parte da

208 SANTOS, Milton. *Op. Cit.*

209 CONGADO. **Canal: Cultura histórias e memórias**. Coordenação: Mariana Procópio e Wesley Xavier. Viçosa, 2016. Vídeo (25:43 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PPCKNOdv7ug>
Acesso em: 05 de fevereiro de 2021. José Claudio Pereira, músico 15:58/16:10

população da comunidade de alçar posição importante na organização do fenômeno, de um reinado temporário, porém legitima a família patriarcal.

As crianças se interessam pelos festejos desde muito cedo, em partes, pela comunidade não guardar muitas atrações, mas, sobretudo, pelos laços familiares que geram afetividade dos nascidos ali, garantido à realeza congadeira uma corte volumosa.

A maior parte de criança que nós temos vem de dois, de três anos pra cima. Tem uns que hoje é, hoje substituí o rei do meio, substitui o rei do congo, tens uns já cantando na alvorada, já faz alvorada cantando, outros já canta durante o cansaço dos outros lá, do rei congo, do rei do meio. Ele canso já tira um da fileira lá que já tá treinado, vai canta junto.²¹⁰

O fragmento chama atenção pela participação infantil e ilumina outros detalhes funcionais dessa memória, que é a progressão de postos dentro da corte de acordo com a participação e avançar da idade, forma também de valorizar e incentivar o participante mirim, embora em nenhum momento eles falem, ou seja, sabemos dos pequenos pelo que os adultos dizem. Dessa maneira, quanto mais velho, mais importante o posto, mais conhecimento e compreensão dos fazeres e obrigações acolhidas.

A tradição não requerer convite para adesão nem garante novos iniciantes por meio de alguma forma de pressão, a iniciativa deve vir do indivíduo²¹¹, “As pessoas vem pedi pra entra, não é nois que chama não! Nois não convida pra entra não. As pessoas vem pedi! Aí vem igual, o pessoal tem muita participação, graças a Deus! Muita participação!”²¹². Porém, os critérios para aceitação de um novo integrante não temos condições de detalhar.

Falamos das relações de afetividades, agora passaremos ao conflito, voltando às representações do periódico. Em outra matéria publicada pelo jornal, de nome “*Festa do Rosário no Fundão neste final de semana*”, além de alguns detalhes da festa, visando divulgar o evento, observa-se também um segundo item destinado à “Origem da Festa do Rosário”.

Na última quinta-feira, dia 7 de outubro foi comemorado o Dia de Nossa Senhora do Rosário. A Festa foi instituída pelo Papa São Pio V, como ação de graças pela prodigiosa vitória de Lepanto, obtida em 1571 pela armada católica, comandada por D. João d’Áustria, contra os turcos maometanos. O Papa ordenara que, em toda

210 CONGADO. **Canal: Cultura histórias e memórias**. Coordenação: Mariana Procópio e Wesley Xavier. Viçosa, 2016. Video (25:43 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PPCKNOdv7ug>
Acesso em: 05 de fevereiro de 2021. Jandir Mendes, fiscal. 18:40/18:12t

211 Lembramos que é uma percepção a partir do documentário. Para uma melhor interpretação seria necessário uma experiência dentro do movimento que no momento não podemos fazer, devido a questão do tempo para conclusão dessa dissertação.

212 CONGADO. **Canal: Cultura histórias e memórias**. Coordenação: Mariana Procópio e Wesley Xavier. Viçosa, 2016. Video (25:43 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PPCKNOdv7ug>
Acesso em: 05 de fevereiro de 2021. Seu Dólar, 16:28/16:34

Cristandade, se rezasse o Rosário pedindo essa vitória que, segundos os cálculos humanos, parecia impossível.²¹³

Nesta situação, a igreja aparece como a grande protagonista da comemoração enquanto no documentário a posição é de pessoas. Durante a leitura, tivemos a sensação de que a presença da tradição ficou, em partes, encoberta pela leitura que se faz a partir do olhar externo, sem maior aproximação da tradição, retirando o principal sentido da comemoração: o de resistência.

A desvalorização desse outro fenômeno é perceptível, se comparada ao tratamento oferecido a outra festa de mesmo cunho, o congado de Paula Cândido – MG, na zona rural de Airões, outra festa noticiada pelo folhetim, conforme podemos aferir abaixo.

Uma tradição de 144 anos será mantida no distrito paulacandese de Airões, com promoção da Festa do Rosário. Haverá a transmissão, nos próximos dias 14 e 15, sábado e domingo, da coroa para os novos reis de Nossa Senhora do Rosário, o belorizontino Paulo Augusto dos Santos (Paulão) e a viçosense Vicentina Maria Máximo Ferreira. No sábado, a festa terá início às 17 hora, na Igreja de Nossa Senhora das Dores.

Embora não haja registro histórico da presença do casal real antes de 1853, formado exclusivamente por negros até 1906, há um século portanto, há notícias da realização da cerimônia de coroação em Paula Cândido a partir de 1845.²¹⁴

Em tal matéria, a igreja surge como coadjuvante. O texto começa fazendo menção aos 144 anos de tradição dos festejos do congado em Airões, Paula Cândido, diferentemente do caso do Congado de São José do Triunfo, que se diz bem objetivamente “já aconteceu em Viçosa, não se sabe quando”, como se o distrito não fizesse parte de Viçosa. A tradição de Paula Cândido foi descrita com mesma frieza em relação ao seu caráter de resistência, mas seu histórico foi bem detalhado em uma atribuição de valor histórico.

Em Airões, há registros históricos e documentos fazendo menção à comemoração; em São José do Triunfo, há “apenas” a palavra dos guardiões da tradição sobre quando começaram os festejos. Em outras palavras, narrativas de valor são escritas na forma de texto, isto é, a palavra falada²¹⁵ não tem valor, é inferior, marcando uma percepção ocidental de valorização das coisas e de desvalorização do outro e do saber que ele produz. Como essas

213 “Festa do Rosário no Fundão neste final de semana”. **Folha da Mata**. Viçosa – MG. N° 2221, 06 de outubro de 2010. p. 19.

214 “Airões promove a Festa do Rosário no próximo final de semana”. **Folha da Mata**. Viçosa – MG. N° 1963, 07 de outubro de 2006. p. 13.

215 HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: Ki-Zerbo, Joseph (Org.). **História geral da África**. Vol. 1, Brasília: UNESCO, 2010. p. 168.

tradições fazem parte da herança cultural africana, presente no Brasil, o assentamento de suas matrizes de memória na oralidade é parte do legado.

Patrício P. A. de Souza, em sua dissertação de mestrado “Corpos em Drama, Lugares em Trama: gênero, negritude e ficção políticas nos Congados de São Benedito (Minas Novas) e São José do Triunfo (Viçosa) – MG”, analisou as duas festas para tratar dos dramas sociais e para pensar nas categorias de gênero e negritude como os marcos das relações entre os indivíduos e o espaço. No capítulo 4 do estudo, o autor trabalha, dentre outras questões, a geografia e a história das festas, a partir de narrativas orais dos próprios congadeiros e congadeiras, e trabalhos acadêmicos sobre o assunto.

Ao abordar o Congado de São José do Triunfo, rapidamente versa sobre a “história” do município a partir da memória oficial, referenciando o estudo de Paniago, contextualizando de forma breve o assunto, passando logo à discussão das narrativas orais sobre organização da tradição e sua história na cidade.

Assim pontua:

Os guardiões entrevistados possuem forte relação com a história do distrito por estarem há um longo período nessa localidade e por serem “portadores” de um dos discursos que ocupam maior significação e centralidade sobre o lugar que habitam: o da Festa do Rosário.

O que as pistas emergidas a partir dos relatos concedidos por esses guardiões indicam é que a Festa de Nossa Senhora do Rosário chegou ao Fundão num deslocamento gerado por batalhas discursivas ocorridas na área central do município de Viçosa. Segundo os guardiões da memória, a festa antes de ocorrer no Fundão já acontecia em toda a região, inclusive no centro da cidade de Viçosa, onde era organizada pelos avós dos guardiões.

O deslocamento da festa da área central de Viçosa rumo ao distrito, localizado numa área considerada periférica, ocorreu concomitantemente a importantes transformações no espaço urbano desta cidade. ²¹⁶

A ligação entre a organização social e a tradição ficam transparentes. Portanto, devemos entender a manifestação para além de danças e festas com seu ápice na comemoração de Nossa Senhora do Rosário, mas como um conjunto de saberes que estão nas bases da organização social da comunidade. Outro ponto é o deslocamento involuntário da festa para São José do Triunfo. Os congadeiros e congadeiras foram empurrados para aquele território, quando saíram derrotados na disputa da retórica, perdendo o espaço original da festa, no centro da cidade.

Pelas falas contidas na análise de Souza, a comemoração acontecia na área central do município, mas, devido aos melhoramentos ocorridos na década de 1920, a tradição teve que buscar outro lugar para a manifestação. A violência simbólica foi contínua, ainda que os

216 SOUSA, Patrício Pereira Alves. *Op. Cit.* p. 220.

festejos não ocorressem mais no centro da cidade, pois a igreja, ponto de referência para memória, foi demolida na década de 1960. A relação afetiva com o lugar de memória era tão forte que mesmo não existindo fisicamente mais, suas nuances permanecem vivas no imaginário dos congadeiros.

A dissertação de mestrado de Souza, ouviu alguns guardiões dessa memória que ajudam a compreender alguns porquês da demolição:

Questionei sobre o motivo da derrubada da Igreja, Dona Maria disse que foi em função da construção da pracinha, por vontade do prefeito. Perguntei sobre o posicionamento do padre, Dona Maria respondeu que: “Para deixar Viçosa mais bonita, né meu filho?! Pra deixar Viçosa mais bonita desmanchou a Igreja. Agora, cadê os santos que desapareceu também? Os santos desapareceu, porque Santa Efigênia e São Benedito você não sabe onde é que está. É preto, né!!! (risos dela). O Senhor dos Passos fica lá na Igreja dos Passos. A Nossa Senhora do Rosário diz que tá lá na Santa Clara, quem falou comigo é uma moça que mora lá, mas eu não tenho certeza.”. (Trecho das falas proferidas durante o Mapeamento Histórico em realização ao DRP).

É nesse “para Viçosa ficar mais bonita” que se lê: esquecimento do passado colonial, por meio de melhoramentos e embelezamento do centro urbano. O Congado não cabia mais na nova perspectiva de cidade. De acordo com o que escreveu Carolina de Jesus, a periferia é o quarto de despejo da cidade, tudo que não serve a ela, se joga lá.

“[...] em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos. (JESUS, 1961, p. 17)”

Em outras palavras, quando a cidade passa por melhorias arruma-se um lugar para esconder os pobres e tudo que se relaciona a eles e a sua expressão cultural, apagando os vestígios que poderiam ajudar a recompor sua história. Como uma casa, com seus quartos e sala de estar, que tem entre seus cômodos um quartinho para jogar o que não serve mais, para não ficar à vista. Esses “trastes velhos” do fragmento da obra de Carolina nos soou como aquele usado, em outro trecho, mais acima, para descrever o Congado como uma manifestação composta majoritariamente por velhos.

A forma de se referir ao festejo muda sucintamente em 2016, quando o jornal faz menção ao seu início em 1930, no distrito de Viçosa. No mesmo texto, anuncia a exibição de um documentário – objeto de nosso exame –, como parte do projeto Histórias e Memórias, produzido pelo Departamento de Administração e Contabilidade, em parceria com o Departamento de Comunicação da UFV, sob a coordenação dos professores Wescley Silva

Xavier e Mariana Ramalho Procópio, tendo por bolsistas os estudantes Robson Filho, Carla Teixeira e Paula Dias, além de voluntários. Volta a nos chamar atenção, assim como no caso dos grevistas, os congadeiros aparecerem com maior destaque mediante a participação e envolvimento de professores da UFV. Outra questão é do financiamento governamental para esse tipo de projeto nos governos de Lula e Dilma Rousseff – longe de ser o desejado pelas universidades, mas o investimento aumentou significativamente durante esses governos.

Ao assistir o documentário, minuciosamente, aferimos a fala de seu Dólar, explicando:

“Quando eu nasci existia o Congado, o meu pai, os outros parentes tudo era dançador, meus avô, e quando eu nasci, no ano que eu nasci, meu pai foi rei. Meu avô, o pai de meu pai, fez a primeira festa aqui em São José do Triunfo, mas ela já existia em Viçosa. Essa festa era festejada em Viçosa. Aí depois, lá em Viçosa parou, com tempo iniciou aqui, então aqui em São José do Triunfo em 1930, o meu avô fez a primeira festa aqui em São José do Triunfo, em 1930. Entrei no Congado com 13 anos e hoje em dia tem 64 anos que eu participo do Congado . A Banda de Congado Nossa Senhora do Rosário, que é a nossa irmandade.”²¹⁷

Seu Dólar, mencionou durante várias vezes que a festa já acontecia em Viçosa anteriormente (conforme demonstra o fragmento) e depois passa acontecer em São José do Triunfo em 1930, numa discrepância da publicação do jornal. Como quem busca reforçar seu argumento, repete mais de uma vez, “era festejada em Viçosa” e nos auxilia a pensar que ela pode ser bem mais antiga do que se escreve, do que se fala. No documentário, a comemoração foi apresentada com sensibilidade, descrita por seus protagonistas, nas falas de quem vivencia todos os dias o congado, pois ele faz parte do cotidiano da comunidade e é construído dia a dia para, então, encontrar seu apogeu uma vez por ano, no conjunto de pessoas e representações que compõem a festa. Consoante ao que aponta Hampaté Bâ, a tradição é viva.

As elites locais buscam, no seu suposto valor histórico, aquele que só o tempo atribui, legitimar o seu poder, justificando-o como um direito atribuído pela memória. Logo, aceitar e acolher outras memórias é também aceitar e respeitar o direito que os “outros” têm ao município, a partir da percepção de que eles também contribuíram para a formação do mesmo. Tratar a memória do congado como parte das memórias locais é reconhecer a colaboração da tradição congadeira na construção dessa sociedade, aceitando o legado das famílias do congo.

Essa tradição representa o passado colonial escravista que a cidade tentou apagar no início do Século XX com as obras de embelezamento da cidade, em um claro intento de

217 Cultura: histórias e memórias. **Congado**. 2016. < <https://www.youtube.com/watch?v=PPCKNOdv7ug> > acesso em 21/07/2021.

apagamento do conflito. Um passado que tem cor, que resiste cotidianamente, principalmente nas periferias, e que é representado anualmente nos festejos dos congadeiros e congadeiras de São José do Triunfo.

Chimamanda N. Adichie, contribui substancialmente para entendermos como ocorre esse apagamento: “Então, é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que ele se tornará. É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder.”. A estratégia assinalada pela autora, está ligada a como começamos a contar nossas histórias. Contar apenas uma história? Quando falamos sobre o outro sempre em segundo plano?²¹⁸ No jornal, a tradição do congado ocupou sempre espaços considerados periféricos das publicações. Ressaltamos, a maioria de nós é responsável pela única história! O problema é de ordem cultural e para iniciar o processo de cura torna-se necessário reconhecer essa responsabilidade, para somente então começar a reconhecer os conflitos onde aparentemente não existiam, dissolvendo os tabus, contado nossas histórias de outras maneiras, com a participação de outros atores, conforme as práticas propostas na II parte dessa dissertação.

Ademais, a única história está ligada ao poder, assim como observamos a ligação da imprensa às instituições religiosas (igreja católica), ao legislativo e ao executivo local, propagandeando a memória desses coletivos – a versão oficial. Mais do que isso, é preciso também pensar o jornal como a configuração de um poder, com seus anseios e busca para alçar seus próprios objetivos e não apenas de outrem.

No caso do Folhetim, que ao longo dos últimos anos veio buscando publicar conteúdos diversificados, versando sobre vários temas, a temática “cultura” vem ganhando destaque. Entre outros fatores, a questão da competitividade deve ser levada em consideração também como a identificação de uma demanda para esse tipo de informação. Ainda, para acompanhar as transformações do seu tempo com o objetivo de não perder o leitor e de manter-se atraente para uma nova massa leitora, uma vez que a sociedade muda e a forma de fazer jornalismo a acompanha, na tendência de certa valorização do plural.

Por outro lado, Cultura da mídia e cultura de consumo encontram-se hoje, mais que nunca ligadas de maneira intrínseca, sobretudo, porque os produtos culturais sejam eles originalmente midiáticos ou não, invadem todas as esferas do consumismo e da produção discursiva. Assim um livro transformado em best seller pela indústria, ascende à posição de filme e seus personagens e protagonistas, passam a fazer parte do dia das pessoas através dos jogos, dos bonecos, das roupas e calçados, dos perfumes, dos acessórios etc. Além disso, os artistas que participam de sucessos de

218 ADICHIE, Chimamanda N. *Op. Cit.*

público, possuem páginas nas mídias sociais e dialogam diretamente com milhares de fãs em todo o mundo, que podem segui-los diretamente em suas páginas no Twitter, por exemplo. Esse processo é relevante para nivelar as identidades pessoais e sociais, sendo um fator de dificuldade para o reconhecimento das diversidades culturais existentes no mundo. No nosso objeto de estudo ao qual finalmente estamos chegando, ou seja, o Jornalismo e a visibilidade cultural em suas páginas, o processo não se passa de modo tão divergente. Em geral se mostra o que faz parte da cultura erudita, ou o que possui apelo midiático e de consumo e poderá render boa audiência e vender bem²¹⁹

O jornal é um órgão de imprensa e, como tal, está antenado à demanda e vai reunir esforços para supri-la, pois foi gestado no seio do capitalismo. Nesse sentido, tenta surfar na tendência global de valorização da diversidade cultural, incluindo conteúdos para suprir essas demandas das massas, mesmo que superficialmente.

Porém, o interesse maior dessas notícias está na promoção do turismo. Falamos anteriormente da questão na década de 2000, da utilização da narrativa oficial na promoção dessa atividade econômica. O aperfeiçoamento das leis locais acerca das políticas de conservação e promoção de bens referentes à cultura²²⁰, que incluem o patrimônio, tradições e o meio ambiente, ajudam a compreender o aparecimento das representações do grupo silenciado.

Foi visando a construção e a apresentação do que Martins chamou de “menu dos principais atrativos da cidade para atrair turistas à localidade”²²¹, que a festa do congado ganha espaço no noticiário, a partir da percepção de representações do passado da igreja, nas quais a instituição surge como protagonista do evento, ou a partir da matriz de memória na obra de Maria do Carmo Tafuri, em um reducionismo da questão.

A resistência é marcada pela sobrevivência da manifestação ao longo dos tempos e, mesmo quando há domínio da escrita, em alguns casos, ela persiste. A oralidade pode ser percebida como forma de resistência das populações alijadas de escolarização. No caso dos povos originários e afrodescendentes, ela é inscrita como parte de suas respectivas culturais. Para Hampaté Bâ, a palavra é superior à escrita por uma simples razão: a fala vem antes da escrita. E, em Assmann, temos outro excelente argumento: a memória é cultural. Então, de uma cultura para outra, a forma de perceber, sentir e organizar o fenômeno abarca diferenças.

No que diz respeito à visibilidade desses silenciados, ocupando pequenos espaços no jornal na cena pública, é preciso evidenciar onde esses movimentos se organizam: na periferia

219 RÊGO, Ana Regina; MOURA, Ranielle Leal. *Op. Cit.* p. 107.

220 Ver Walkíria Freitas p. 95.

221 *Ibidem* p. 97.

do município, onde o tempo passa mais lentamente²²². Vivemos em um século de rapidez e disputar o espaço público requer acesso aos meios tecnológicos atuais e domínio deles. Nesses lugares periféricos, o acesso a tais meios ainda é limitado por questões econômicas. Por outro lado, o controle sobre novas tecnologias pesa, significativamente, sobre o público e o privado, conseqüentemente, sobre silêncios. Certamente, muitos professores, como eu, já ouviram de seus alunos, ao questioná-los se se conhecem alguém alheio à escola, a resposta: “ele tem Facebook? Instagram? Twitter?”. Ao responder com um não, há a tréplica: então essa pessoa não existe! Logo, os silenciados do século XXI são aqueles com menor acesso e domínio das mídias digitais. Isso também contribui para que a informação a respeito desses coletivos e a suas respectivas memórias sempre nos chegue a partir das palavras de outrem, e nunca pela voz de seus integrantes.

Refletir sobre a [in]visibilidade dessas representações do passado no jornal ajuda a explicar por que só agora elas emergem, mas colabora pouco para entender a concorrência entre as versões. Nesse ínterim, a análise da historiografia exposta no capítulo 2 contribuiu para nossa compreensão e conclusão de que a concorrência entre esses dois trabalhos de enquadramento de memória está ligada à ideia de atraso agregada ao passado colonial. Essa tradição está imersa neste passado “vergonhoso”, escravista, negro, que deveria ser esquecido, presente nas perspectivas do final do século XIX e início do século XX, representando o oposto da versão oficializada, revestida das ideias promovidas pelo projeto de modernização da cidade, visível nos “melhoramentos” do centro urbano no início século XX. Sobretudo, ela defende a bandeira do “progresso”, ponto que dificulta uma relação paritária entre ambas nas representações do passado no jornal. A noção de atraso não poderia caminhar em passos igualitários ao progresso, pois uma ideia neutraliza a outra.

3. CONCLUSÃO

Esta pesquisa insere-se no âmbito do patrimônio cultural, entre as análises que tratam do município de Viçosa – MG. Conforme metodologia adotada, o estudo não encerra a questão, uma vez que o conjunto documental formulado a partir da seleção e análise de edições que circunscrevem o aniversário do município pode ter deixado de fora questões importantes, provenientes de publicações em edições não contempladas na seleção

222 SANTOS, Milton. **O tempo nas cidades**. Ciência e cultura, v. 54, n. 2, p. 21-22, 2002.

examinada. Mas, as mudanças puderam ser sentidas ao longo dos anos com acolhimento de novos elementos à narrativa, contribuindo e garantindo sua continuidade ao longo de 49 anos de publicações do jornal.

Inicialmente, nos chamou atenção a presença, nos artigos do folhetim, com certa constância, da querela entre história e memória, portanto decidimos começar a dissertação pela reflexão sobre a questão, visando desenhar minimamente os domínios de cada campo. Apontamos suas respectivas diferenças e reforçamos a paridade de valor entre ambas para que o leitor não se confunda a esse respeito e, não confunda o esforço dessa pesquisa como forma de sobreposição da história sobre a memória, compreendendo a possibilidade colaborativa entre tais formas distintas de fazeres e saberes na produção de conhecimentos diferentes.

Nesse ínterim, um de nossos objetivos foi compreender e discutir a fisiologia da “memória oficializada” sobre Viçosa – MG, tendo em vista sua organização e estruturas que se materializaram no conjunto de bens patrimonializados pelo município. Assim, partimos da afirmação de que esse fenômeno foi oficializado durante a década de 1970, a partir de publicações do jornal *Folha da Mata*, o que se confirmou. Durante o exame, constatamos que a imprensa, de modo geral, tem, entre suas funções, oficializar conteúdos e o jornal *Folha da Mata* atuou nesse sentido, continuamente, durante o período de estudos, com exceção dos anos em que a memória se encontrava em estado de letargia.

Outra questão analisada foi a utilização do mito fundador construído na obra de Alexandre Alencar, no livro *Fatos e Vultos de Viçosa* (1959), como base da narrativa oficializada. Essa confirmação trouxe a necessidade de analisá-lo a fim de contribuir para sua desnaturalização. O mito abarcava o heroísmo das Bandeiras presente na figura de Arzão, a ideia da dependência estrita da capitania mineira à mineração do ouro, o esgotamento das minas impulsionando os homens a um retorno natural à agricultura e relações passivas entre escravizados, indígenas e colonizadores (os pioneiros no povoamento da cidade). Logo, assinalamos, com ajuda da historiografia disponível sobre a Zona da Mata mineira, os problemas da versão, o lado obscuro das bandeiras, o esgotamento do ouro de aluvião, e não, necessariamente, do minério, a alternância entre agropecuária e mineração na manutenção econômica de Minas, a invasão das terras na Zona da Mata pelos sesmeiros como parte de um projeto de civilização implementado pela coroa (e não um retorno natural daqueles homens à agricultura) e o extermínio dos resistentes. Por fim, assinalamos a inexistência da Viçosa

narrada por Alencar, porque nem a própria Zona da Mata estava configurada como região antes do final do século XIX.

As matrizes de memória, revelaram-se importantes na atualização do fenômeno, uma camada mais profunda na parte estrutural da questão, além de contribuir no controle da mesma, criando balizas a serem respeitadas na difusão da narrativa pelos propagandistas da versão. Também revelaram a complexidade de um trabalho de enquadramento da memória com mecanismos rebuscados, atuando em fases diferentes, sendo confluídos e amarrados na estrutura da redação de um jornal.

Ainda sobre fisiologia da memória, que descortinamos, sobre a narrativa oficializada da “história” de Viçosa, tanto o jornal como pessoas manifestam-se atuantes no processo de organização. Entendemos essa mídia e as funções que ela agrega como um “lugar de memória”. Os “atores autorizados” e as gerações de propagandistas na função de escrita, atualização, difusão e de continuação do fenômeno foram surgindo ao longo dos anos estudos. Essas pessoas, além de atuarem como ferramentas importantes ao trabalho de enquadramento da memória, também defenderam interesses próprios. Com isso, abordamos outra função da memória na [des]legitimação de pessoas e coletivos, demonstrando desenvoltura na defesa de anseios eleitoreiros. Essas representações do passado em determinado momento são usadas, até, como parte de um mecanismo de contestação do regime político partidário, presente na polarização partidária dos anos 1970 e 1980, mudando para refutação do pluripartidarismo nos anos de 1990.

Encontramos memórias concorrentes que nos revelaram a disputa entre famílias por um direito à cidade atribuído pela história e o problema da questão territorial na representação dos 200 anos da comunidade do paraíso.

Refletimos sobre a condição de letargia da memória e a conjuntura local e nacional na visibilidade do “outro”. Quando os cenários foram de maior tensão, imagens de outros grupos foram tecidas, como a luta dos servidores por melhores condições de trabalho e a forma de representar os congadeiros da comunidade de São José do Triunfo, evidenciando o controle da memória oficial na ocultação dos conflitos, numa ação de apagamento histórico.

O fenômeno da memória é sensível e muito dinâmico, tendo uma capacidade formidável de adaptação e aderência de pessoas ao coletivo. No caso da narrativa oficializada sobre Viçosa – MG, podemos aferir que isso se deveu, em partes, à transversalidade do tema ao trabalho interligado de eixos como educação. A memória da imprensa local, da igreja, das

instituições de ensino, é aglutinada pela versão oficial sobre Viçosa-MG e sua pedagogia nas atualizações chamou atenção para a quantidade expressiva de professores envolvidos neste processo.

PARTE II

1. EDUCANDO PARA MEMÓRIA, APRENDENDO COM NOSSAS HISTÓRIAS

Objetivo deste capítulo foi apresentar o produto, exigência do programa de pós-graduação, demonstrando o passo a passo do processo que nos levou à elaboração de uma cartilha para profissionais do Ensino Básico, bem como apontar os questionamentos e reflexões condutores de nossas práticas no âmbito da pesquisa e da educação.

1.1. O processo de elaboração do produto

Esse capítulo visa cumprir a obrigatoriedade do programa da pós-graduação em Patrimônio Cultural, paisagens e cidadania, que diz respeito à criação de um produto vinculado à pesquisa desenvolvida. Dessa maneira produzimos um e-Book no formato de uma cartilha, com propostas para trabalhar o fenômeno da memória em sala de aula. Para confecção do material, partimos da questão: como utilizar as reflexões dessa pesquisa para criar um produto que aproveitasse também a nossa experiência profissional na área da educação? Sendo assim, levando em consideração o tema desse trabalho, levantamos outro questionamento: como educar para o uso mais consciente das memórias coletivas e individuais, contribuindo para valorização das memórias da localidade de Viçosa e das vivências dos educandos, estimulando a autoestima, a autoconsciência e a empatia, percebendo a pluralidade da comunidade escolar?

Como professora da disciplina de História da rede pública do Ensino Básico desde o ano de 2017, chama a atenção a difícil tarefa de aproximação dos alunos e a baixa autoestima de grupos minoritários que se fazem maioria nas escolas públicas brasileiras. A partir desses desafios, percebemos nos colegas e em nós mesmos tentativas para afinar nossas práticas, de forma a nos tornarmos mais próximos, percebendo e gerenciando as diferenças, estimulando habilidades e reforçando identidades por meio de momentos de interação.

A partir desses desafios, optamos pela promoção de uma oficina da memória que seria oferecida a alunos do ensino médio de uma escola pública local. Todavia, como a ideia, ainda em gestação, se abateu sobre o mundo da pandemia de COVID-19, obrigando-nos, a fim de garantir nossa própria sobrevivência, diante a esse perigoso e ainda pouco conhecido inimigo, o vírus, reformular a proposta inicial. Outros desafios nos foram postos: como desenvolver uma prática tão cara a nossa dissertação num tempo de isolamento social?

A saída poderia ter sido utilizar a interação via internet, mas a simples ação de ministrar uma disciplina de maneira remota demonstrou-se um trabalho árduo demais. Percebemos, nas escolas, o derretimento do interesse dos alunos, mais do que normalmente derreteria nos dias ditos comuns. A oficina tornou-se inviável devido às circunstâncias do momento, pelo ineditismo de práticas totalmente online, pelas nossas próprias limitações humanas colocadas a prova nesses dias incomuns. Fora os problemas de ordem técnica, financeiras e mazelas do ser, educador e do educando, que se viram diante a uma ruptura gigantesca, quase intransponível, fazendo a ideia de continuidade parecer algo surreal.

Em 2020, quando atuava como professora de História e orientadora da disciplina de Projeto de Vida para alunos do EJA – Educação para Jovens e Adultos - do Ensino Médio, tive a oportunidade de trabalhar com relatos de vida e foi a partir dessa experiência que decidimos pela produção da cartilha disponível nessa dissertação.

No início das atividade os alunos estavam desanimados e apáticos, mas com muita conversa eles foram animando-se. Trabalhamos relatos de vida profissional dos alunos e o resultado da prática foi muito positivo. De início, era para falar da vida profissional, mas muitos acabaram relatando suas vidas e sonhos, compartilhando-os com a comunidade escolar via posts no Instagram e Facebook. É preciso ressaltar que, quando falamos em publicação, muitos não gostaram da ideia, porém, com diálogo, todos acabaram aceitando e o resultado foi excelente: alunos orgulhosos de si mesmos e de suas “histórias”.

Sendo assim, optamos pela confecção de uma cartilha para partilhar possibilidades de educar para memória e compartilhar histórias, promovendo diálogo e sobretudo exercitando o ouvir o outro. Para esse trabalho, fizemos buscas na internet sobre como produzir o material e como fazer um e-Book começando do zero – quais tipos de aplicativos ou programas poderiam ser utilizados com menor dificuldade para iniciantes?

Antes de partimos para a escrita do material, foi necessário dividir o processo em etapas, começando pela utilização de linguagem objetiva, por um visual atraente, pela definição do público-alvo e pelo oferecimento de informações fidedignas. Com o tema já estabelecido, passamos para a definição de tópicos para compor a cartilha. Desenvolvemos a seguinte estrutura:

Capa

Sumário

Apresentação

Breve introdução ao tópico A

Habilidades BNCC

Desenvolvimento de práticas

Breve introdução ao tópico B

Habilidades BNCC

Desenvolvimento de práticas

Breve introdução ao tópico C

Habilidades BNCC

Desenvolvimento das práticas

Bibliografia

Capa

Escrevemos o texto referente aos tópicos A, B e C, de maneira pormenorizada, respeitando o objetivo que uma cartilha deve ter de comunicação e informação, fornecendo um estudo com credibilidade, porém, que não seja muito maçante e que apresente fácil leitura pelo celular, além de pensarmos em detalhes para otimizar o cotidiano do leitor.

Após elencar os tópicos para compor o e-book, foi preciso expandir cada um deles, escrevendo o texto para compor o material, definindo o que viria por fora, para passar para nova fase da produção: a de inserir os tópicos expandidos (o textual) na plataforma de design gráfico. Destaca-se que, no momento de copiar a parte textual para o programa de design, o texto sofreu mais ajustes, tendo em vista melhor adequação aos recursos programa e à estética do produto confeccionado.

Outra parte importante foi pensar nas competências e habilidades da BNCC de 2017²²³ - última versão publicada desse documento - a serem alcançadas, pois ela versa sobre o que os educandos têm direito de aprender, resguardando nossas práticas. Também enfatizamos o conjunto de práticas e como essas ajudam na implementação das leis 10.639/2003 e 11.645/2011²²⁴.

Segue a estrutura expandida na fase pré-textual:

TÓPICOS EXPANDIDOS NO FORMATO DE TEXTO

223 Disponível em: <

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf > acesso em: 21 de junho de 2022.

224 Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm > acesso em: 21 de junho de 2022.

EDUCAR PARA MEMÓRIAS: APRENDENDO COM NOSSAS HISTÓRIAS

Educar para a memória coletiva e pessoal significa criar espaço de fala para o outro, evocando lembranças e buscando dar novos sentidos a elas. É ouvir para conhecer, identificar e reconhecer diferenças nas trajetórias, a fim de compreender a pluralidade e participar de maneira mais consciente da diversidade social. Assim, aprendemos com nossas próprias “histórias” e com as de outrem, a cada narrativa – relato/testemunho, filmes/documentários, fotografias pessoais ou da própria paisagem local –, trocas e partilhas, num exercício de autoestima, autoconsciência e empatia.

Visando contribuir para o cumprimento da Lei nº 11.645, de 2008 que obriga o ensino da “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”, aos alunos do ensino básico e com o desenvolvimento das seguintes competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – Ensino Médio – presentes na BNCC de 2017.

“1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles. (...)

3. Contextualizar, analisar e avaliar criticamente as relações das sociedades com a natureza e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de soluções que respeitem e promovam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global. (...)

5. Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

6. Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu

projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.” (BNCC. 2017. P. 558.

Vamos começar!

A) Memórias sobre o meu, o seu, o nosso município

O conjunto de atividades tem por objetivo identificar as narrativas dominantes sobre a nossa cidade por meio de pesquisa e de discussões dirigidas para levantar ambiguidades e contradições, visando exercitar e melhorar o pensamento crítico, a argumentação, o exercício da cidadania e desenvolver a consciência social.

As ações foram divididas em 12 passos, que colaboram com as relações étnico-raciais e buscam alcançar as seguintes habilidades da BNCC de 2017:

- (EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. P. 560.*
- (EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos econômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta. P 562.*

1 - Elabore um cronograma para atividades.

Sugestões: Disponibilizar de 10 a 20 minutos para orientações preliminares que devem ocorrer com antecedência de uma semana. Em média, serão necessárias aproximadamente 2 aulas para cada roda de conversa, 1 aula para realização de dinâmica e 1 para feedback. Divida o conjunto de atividades durante um bimestre e não execute mais de uma ação por semana, isso ajuda produzir resultados mais eficientes.

2 - RODA DE CONVERSA I: Uma cidade, numa memória dominante.

Pesquisa I - o educando deve buscar informações sobre a “história” da cidade em que vive, numa pesquisa que anteceda o dia das discussões, levando o resultado dessa busca.

Sugestões de fontes para o município de Viçosa:

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vicosa/historico> > acesso em 20/07/2021.

RANGEL, José M. O passado compassado de Viçosa. Disponível em: < <http://opassadocompassadodevicosa.blogspot.com/2010/11/o-passado-compassado-de-vicosa.html> > acesso em 19/07/2021.

3 - No dia da roda, organize o espaço no formato de círculo para que todos possam ver e ouvir uns aos outros. Comece o diálogo lendo o título da atividade e perguntado sobre a pesquisa dos alunos. O que chamou atenção? (se necessário, mantenha o debate com indagações para evitar silêncio prolongado e perda do foco). No Google Drive ou Classroom, deve-se pedir para os alunos deixarem a câmera ligada e o microfone deve ser acionado somente quando for exercer o direito de fala.

4 - O educador deve OUVIR E GARANTIR O ESPAÇO DE FALA COM IGUALDADE, mediando as conversas. Algumas indagações devem ser feitas, quando não surgirem naturalmente durante discussão. (no Google Drive pode-se clicar na mãozinha para pedir a fala)

- Sentiram-se identificação com a narrativa? Sim, em quais aspectos? Não, por quê?
- Quais grupos estão representados nessa memória? Quais lugares estão sendo privilegiados?
- Há silenciados ou subalternizados? Quem por que e por quem?

Narrativas fazem parte da organização de uma memória. Elas são muito bem amarradas de maneira a dar sentido a questões daquele presente em que são escritas e colaboram para a junção, legitimidade e identificação de um grupo. São tipos de narrativas: a dança, um documento, um monumento, um testemunho, ou a sua timeline (linha do tempo no Facebook, Instagram ou Twitter). Por fim, os alunos devem entender que essa memória sobre a história da cidade, não é a única, que existem outras histórias e é essa pluralidade que forma a riqueza cultural do município. (ADICHIE, Chimamanda. 2009).

5 - RODA DE CONVERSA II: Povos originários e afrodescendentes na construção do seu município.

Podemos observar que a memória dominante tende a silenciar e subalternizar as memórias de grupos minoritários. Todavia, mesmo diante às violências físicas e simbólicas, elas sobreviveram na condição subterrânea. (POLLAK, Michael. 1992).

Pesquisa II – Os educandos devem fazer uma pesquisa sobre: “A versão da “história” dos índios pelos índios e a resistência negra na sua cidade (arte, festas, música, entre outros). Sugestão de fontes para Viçosa/MG:

- Cultura: histórias e memórias. Congado. 2016. < <https://www.youtube.com/watch?v=PPCKNOdv7ug> > acesso em 21/07/2021.
- Prefeitura de Viçosa. Mãe Du – raizeiros. 2020. < <https://www.youtube.com/watch?v=IGU8ro3Qw1s&list=PLaNOh8wJSg4c5-NibF0GWE7IOaws6C66D&index=10> > acesso em 16/08/2021.
- Itaú Cultural. Aílton Krenak – Culturas indígenas. 2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LEw7n-v6gZA> > acesso em 21/07/2021.
- Universidade Federal de Ouro Preto. Culturas Indígenas do Brasil lança a série Vozes dos Povos Originários do Brasil. 2008. https://open.spotify.com/episode/09efoevYZCy75vkJPwzohQ?si=VAfk_2NbRSSIyM2nYa2-9g&nd=1 e <https://open.spotify.com/episode/3SW7hWeM80mHxqQ4VpnoXd?si=DCS7zi0ITQ6H5QxEWQDtMw&nd=1> > acesso em 15/08/2021.

6 - Organizar o espaço no formato de círculo para que todos possam ver e ouvir uns aos outros. (se necessário, mantenha o debate com indagações para evitar silêncio prolongado e perda do foco). No Google Drive ou Classroom, deve-se pedir para deixarem a câmera ligada e o microfone deve ser acionado somente quando for exercer o direito de fala.

7 - O educador deve OUVIR E GARANTIR O ESPAÇO DE FALA COM IGUALDADE, mediando as conversas. Algumas indagações devem ser feitas, quando não surgirem naturalmente durante discussão (no Google Drive pode-se clicar na mãozinha para pedir a fala)

- A oralidade de povos originário e afrodescendentes pode ser considerada uma forma de resistência? Por quê?
- Elencar os tipos de narrativas apresentados nas conversas anteriores e atuais e suas particularidades.

- Quais as formas de preconceito apontadas nas narrativas?
- Sustentabilidade: o que os povos originários podem nos ensinar a esse respeito?

A utilização de formas distintas de narrar devem ser compreendidas, sempre, como algo processual, histórico de forte inclinação e apelo cultural. No caso dos povos originários, a narrativa oral deve ser compreendida como uma forma de resistência, pois o colonizador iniciava o processo de colonização alfabetizando os índios e, não ler, não escrever, foi um meio de resistir. Todavia, para os negros, durante muito tempo, não houve um plano para ensino, o que ressalta uma forma de exclusão social. Porém, convém problematizar: a tendência às narrativas orais por parte dos afrodescendentes também deve ser encarada como resistência, por fazer parte de herança cultural africana, da valorização da palavra falada em detrimento a escrita. (BÂ, Amadou Hampate. 2010).

8 - Dinâmica: brincadeira da minha infância

9 - Promova um diálogo a partir dessas questões:

- Qual era sua brincadeira favorita na infância? Dê detalhes.
- Quem você era na brincadeira – personagem/perfil durante a sua participação? Em que lugar ela acontecia?
- Qual sentimento positivo você tem por essas lembranças? E negativos?

10 - Cada aluno deve escrever um sentimento negativo e um positivo em papel oferecido pelo professor (nas atividades remotas, o educador deve passar as dimensões da tira de papel com antecedência para que o educando se conecte com elas em mãos).

11 - O educador deve pedir para que os educandos coloquem seu sentimento positivo no chão, no centro da sala e todos devem observar enquanto o professor faz a leitura com ênfase positiva. (expor no chat e fazer a leitura). Peça para que cada participante retire a tira que desejar, um de cada vez, apenas uma tira e guarde consigo. Nas atividades executadas via internet, o aluno deve anotar na tira de papel.

12 - O papel com o sentimento negativo deve ser transformado em uma dobradura de papel e ser colada no caderno, junto ao o sentimento positivo. Veja como fazer um origami simples:

ORIGAMI +. Coração em 4 dobras de origami. Disponível em: < <https://pt.origami.plus/coracao-em-4-dobras-de-origami> > acesso em 23/07/2021. (No Classroom o professor deve exibir o vídeo)

O objetivo da dinâmica é refletir sobre o próprio passado para transformar o futuro. Buscando compreender que, mesmo nossas melhores lembranças, como as das brincadeiras da infância, podem gerar em nós sentimentos negativos. Ao exercitarmos o olhar para trás, temos oportunidade de reconhecer, aceitar e transformar o negativo em positivo com atitudes simples como numa dobradura de origami.

B) Reflexões sobre memórias pessoais: protagonismo e valorização dos sujeitos

Atividades com relatos de vida contribuem para o desenvolvimento do autoconhecimento, autoestima, consciência social, auxilia na melhora das redações dos alunos, ajudando a identificar protagonismos e gatilhos de baixa autoestima, como o racismo.

São 10 passos a serem seguidos para execução desse trabalho que visa promover as relações étnico-raciais e alcançar as seguintes habilidades da BNCC de 2017:

- (EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. P. 560*
- (EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte desconhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. P. 560.*
- (EM13CHS601) Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual. P. 365.*

1 – Elabore um cronograma para atividades. Sugestão: Em média, será necessário 1 mês para orientações e produção textual e mais 1 mês para organização e publicação da produção. Os textos devem ser escritos fora do horário das aulas, porém será necessário dedicar de 10 a 20 minutos por semana para conversar e sanar dúvidas de forma coletiva.

2 – Explique o que é um relato de vida: será escrito na forma de uma redação, na qual o aluno deve escrever com sinceridade sobre a própria existência. Apresente o cronograma!

3 - *Ofereça um roteiro que possa orientar produção textual. Não precisa ser seguido à risca, mas o aluno deve buscar refletir sobre as questões do mesmo e tentar tocar nas questões durante a escrita da redação.*

Sugestão:

ROTEIRO

- *Qual a sua idade e de onde você é?*
- *Se não é nascido em Viçosa, então de onde nasceu?*
- *Com quantos anos se mudou para cá?*
- *Quais os motivos da mudança? Se não sabe, converse com seus cuidadores a respeito.*
- *Você gosta de Viçosa? Por quê?*
- *Fale da sua infância, de momentos marcantes, tanto bons quanto ruins.*
- *Fale da sua vida escolar.*
- *Você trabalha? Fale sobre o que faz e como aprendeu.*
- *Se não trabalha, fale sobre o que deseja aprender para ter a profissão que sonha em exercer um dia.*
- *Já sofreu algum preconceito? Qual? Relate a situação. (Essa resposta não irá constar nas publicações).*
- *O que sentiu? (Essa resposta não irá constar nas publicações).*
- *O que a escola e a sociedade poderiam fazer para que outras pessoas não venham a sofrer o mesmo que você?*
- *Você conseguiu superar esse sofrimento? Como? (Essa resposta não irá constar nas publicações).*
- *Se não, pode explicar o porquê? Faça uma reflexão: escrever sobre pode ajudar no alívio das dores provocados pelo preconceito sofrido. (Essa resposta não irá constar nas publicações).*
- *Fale sobre seus sonhos e os caminhos que pretende trilhar para alcançá-los.*
- *Atenção: Em respeito à intimidade dos alunos, respostas polêmicas não serão publicadas, bem como as que dizem respeito a preconceitos.*

4 – Deixe claro, de maneira gentil: não há histórias ruins ou boas, feias ou bonitas, existem histórias e devemos nos orgulhar da nossa! Cada sujeito carrega consigo muitas histórias, que, juntas, compõem o que chamamos de existência.

5 – Uma vez efetuada a entrega das redações, inicia-se a parte de seleção e transcrição dos textos.

6 – O professor deve ler o material e transcrever as partes mais relevantes em documento do tipo Word. Durante as transcrições, não devemos corrigir os textos para não retirar a essência do testemunho. Pense: num relato de vida, a pessoa deve ter liberdade para escrever como fala. Quando necessário, pode-se fazer algum ajuste discreto, em algo que comprometa bruscamente o texto, mas só em último caso. Selecione fragmentos motivadores, positivos!

7 – Os fragmentos devem ser publicados no formato de posts em redes sociais da escola (Facebook, Instagram) para que toda comunidade escolar possa prestigiar. Nesse sentido, o professor pode buscar auxílio do restante do corpo docente para a confecção do material. Sugestões: existem aplicativos gratuitos e simples para uso de iniciantes como o Canva, < <https://www.canva.com/> > acesso em: 23/07/2021.

8 – Converse com a direção da escola sobre o projeto e peça ajuda ao restante do corpo docente para divulgação e publicação do material – importante que as postagens sejam curtidas e, nisso, toda comunidade escolar pode ajudar.

9 - Se a turma for grande, publique um post por dia. Quando não, faça as publicações de duas a três vezes por semana, preferencialmente à noite, depois das 20h00, horário em que a “garotada” está conectada. Como primeira publicação, sugerimos um post com apresentação sucinta do projeto. Cada postagem deve contar com uma breve legenda que acompanhará o post. Dica: com boa conversa, podemos encontrar professores da escola para auxiliar nessas atividades.

- Os posts podem se tornar um varal de histórias a ser exposto em algum evento da escola.
- Ao final dessa atividade, o professor disporá de ferramentas para identificar pontos positivos e negativos da turma e para realizar um feedback, facilitando o desenho de soluções a problemas encontrados.
- Para encerrar, reúna os alunos e pergunte o que acharam da experiência.

Convém ressaltar que um bom relato não é aquele que apresenta um herói: educandos que perpassam por obstáculos, intransponíveis a todos, não! Certamente, esse tipo de relato tem valor, mas o foco dessa atividade deve ser em pessoas comuns, com dificuldades que podem parecer simples, mas não são. Reflita sobre as subjetividades e o lugar de fala dos

alunos, por que, dificuldades dependem das pessoas que fazem do simples, algo complexo. A baixa estima é um obstáculo para sonhos, a pandemia castrou expectativas e desfez planos, portanto se a maioria deles ousar sonhar já será um grande ganho para todos.

C) Lugares de memória: compartilhando vivências

Os lugares de memória absorvem resíduos de memórias. Essas estruturas sólidas são utilizadas a partir dos sentidos que damos a elas e nelas investimos imaginação e simbologias. Um lugar de memória deve agregar três características simultâneas: material, simbólico e funcional (mais de uma funcionalidade). Esse conjunto de funções, sentidos e valores podem ser encontrados nas relações que se estabelecem com arquivos, museus, cartas, documentos, monumentos, praças, paisagens, entre outros. É importante ressaltar que o processo que torna algo em lugar de memória envolve temporalidade e subjetividades (NORA, 1993). Dito de outra forma, ele precisa passar pelo crivo do tempo e, necessariamente, não precisa ser para o outro o mesmo que é para você. A experiência com eles pode ser tanto coletiva como individual e sua complexidade pode ser revestida de muita simplicidade.

Esse conjunto de atividades está previsto em 10 passos, que têm a pretensão de promover as relações étnico-raciais e habilidades previstas na BNCC de 2017.

- (EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. P. 560.*
- (EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. P. 560.*
- (EM13CHS601) Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual. P. 365.*

01 – Explique aos educandos o que é um lugar de memória e apresente o cronograma das atividades. Sugestão: uma aula para a apresentação das atividades, uma aula para

apresentar o material produzido e 10 a 20 minutos semanais para dúvidas e orientações. Em média, quinze dias para refletir fazer as fotos e selecionar o material para exposição, com mais quinze dias para organização dos posts e um mês para que a exposição das fotos na rede.

02 – Peça para que façam uma reflexão e que identifiquem um ou mais lugares de memória em sua cidade.

03 – Após a identificação, eles deverão buscar um bom ângulo deste(s) e fotografá-lo(s) a fim de construírem juntos uma exposição fotográfica para ser apreciada pela comunidade escolar nas redes sociais da escola.

04 – Ao final do primeiro mês, deve-se dedicar uma aula para que os alunos apresentem o material produzido, relatem como foram os trabalhos e selecionem uma foto para exposição. Com a imagem selecionada, o aluno deve entregar um pequeno texto explicando como e porque se identifica com o lugar de memória escolhido.

05 – O educador pode usar, novamente, um aplicativo do tipo Canva para organização e vinculação das fotos em redes sociais (quinze dias para essa parte do trabalho). A cada semana, publica-se uma série, sem se esquecer da legenda, que explique o projeto e que também referencie os autores das fotos daquela semana.

06 – Antes da primeira publicação, divulgar nas redes um pequeno texto informativo descrevendo o projeto, as séries de fotos e as datas nas quais a exposição estará disponível na rede.

07 – Enquanto o material é publicado, os alunos devem ser orientados a colaborar, curtindo, compartilhando e comentando o material, como parte das responsabilidades na promoção das atividades.

08 – O professor deve buscar ajuda do corpo docente e da direção para divulgação a toda a comunidade escolar, pedindo para que também ajudem curtindo, compartilhando e comentando quando tiverem “histórias”, e sentimentos em relação a esses lugares, para que a partilha alcance um número maior de pessoas.

09 – Para encerrar as ações, selecione as fotos mais curtidas, comentadas e compartilhadas e faça uma publicação agradecendo a todos que participaram e colaboraram de alguma forma, republicando as “queridinhas” da exposição.

10 – Como nas escolas públicas contamos com muitos alunos por turmas, sugere-se agrupar as fotos em 4 séries, de acordo com as similitudes entre o material. Por fim, não se esqueça de retirar alguns minutos de aula para questionar os alunos sobre a experiência.

É importante frisar que esse conjunto de ações requer dos educandos reflexão e observação pormenorizada de seu entorno, com o intuito de identificar no bairro, na sua rua e nos lugares públicos espaços que remetam à memória afetiva. O exercício é para que o coletivo experimente, partilhe, perceba e valorize a sua cidade.

1.2.. Experiência no ambiente de “design gráfico”

Para continuar essa parte da proposta foi preciso aprender uma pouco sobre a questão: práticas de design gráfico. Descobrimos alguns programas de fácil acesso e com manipulação bem intuitiva. Optamos por fazer os trabalhos no Canva, plataforma para criar designs gráficos. No espaço, é possível criar designs variados, dispondo de figuras, de elementos e de muitos planos de fundos de estilos variados, com acesso gratuito

Iniciamos o trabalho pela escolha do tamanho do material a ser produzido. A opção pelo A4 se deu por tornar a leitura mais fácil, tanto no computador quanto no smartphone. Passamos à escolha de *template* e dos modelos de layout, que já vêm prontos. Nesses, pode-se modificar elementos como cores, imagens e objetos.

Continuando, selecionamos as cores, aplicamos figuras, ajustamos o tipo de letra e passamos a colar os tópicos da estrutura pré-textual apresentada um pouco mais acima. Durante o processo, foi necessário fazer alguns ajustes para adaptação e depois de toda parte escrita conformada na plataforma voltamos para aferir sincronia entre cores, objetos e figuras. Também na plataforma, foram feitos a capa, o sumário, a apresentação e a bibliografia.

Essas foram as estruturas organizacionais. A parte reflexiva ganha mais sentido quando é lida diretamente no produto, podendo ser conferido mais adiante. Ademais, precisamos ressaltar como o estudo disponível no 1 capítulo dessa dissertação foi importante para a escolha da bibliografia e de conceitos utilizados na cartilha. Autores como Adiche, Bã, Assmann e Sarlo, vieram compor os estudos, inicialmente por dois motivos: produzir um estudo que se preocupasse não somente em escrever, mas com quem se escreve. Portanto, buscamos estudos feitos por mulheres e negros e percepções que avançassem um pouco para

além da visão eurocêntrica sobre a questão da memória. Com isso, esses autores formaram a base de pensamento do capítulo 4, que visou desenhar possibilidades em se pensar nossas memórias de forma coletiva, enaltecendo as singularidades presentes na diversidade, exercitando o direito de fala e a empatia no ouvir. Bem sabemos, olhar para si, para trás, não é fácil e a escola pode e deve ajudar nisso.

2. CONCLUSÃO

Objetivando cumprir a obrigatoriedade do mestrado profissional, criamos uma cartilha sobre aprender com memórias e dar novos sentidos a nossas histórias. Em virtude da pandemia de COVID-19, o que era para ser trabalhado coletivamente, na forma de rodas de conversas, foi transformado em material escrito. Aproveitando nossa experiência no ensino fundamental e médio e as reflexões impressas nos dois capítulos dessa dissertação, foi elaborado o material no formato e-book. Sobretudo, essa ação partiu do desejo e exercício de converter o conteúdo teórico em práticas.

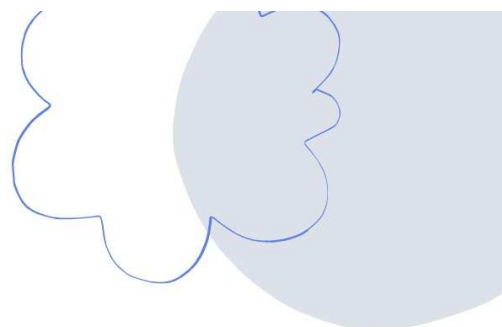
3. A CARTILHA



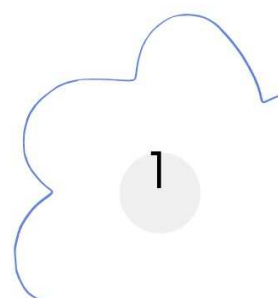
EDUCANDO PARA MEMÓRIA: APRENDENDO COM NOSSAS HISTÓRIAS

Lílian de Freitas Miranda

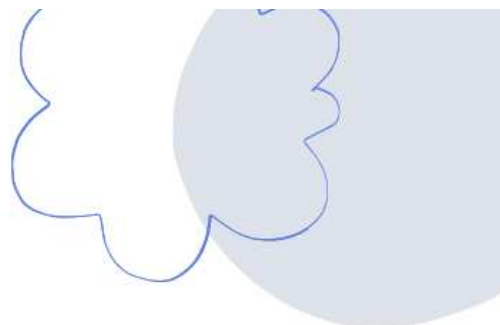
SUMÁRIO



Apresentação	2
Educando para memória: aprendendo com nossas histórias	3
Memórias sobre o meu, o seu, o nosso município	5
Dinâmica: brincadeiras da minha infância	12
Reflexões sobre memórias pessoais: protagonismo e valorização dos sujeitos	14
Lugares de memória: compartilhando vivências	20
Bibliografia	25



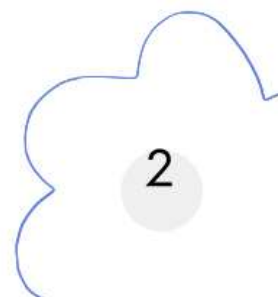
APRESENTAÇÃO



Objetivo dessa cartilha é auxiliar professores do Ensino Básico a promover uma educação voltada às reflexões e práticas que envolvam e valorizem a memória coletiva, que consideramos como um fenômeno social constituído de forma individual e coletiva (HALBWACHS, 1990).

Para trilhar esse caminho com um pouco mais de conforto é necessário desenhar, brevemente, as diferenças entre História e memória, haja vista que os conceitos abarcam diferenças. A memória é uma, legítima e está ligada à construção das identidades, enquanto a história caminha em via contrária. Todavia, ambas mantêm relações de paridade quando aceitamos e exercitamos a colaboração entre esses campos. A história é a forma científica da memória e pode contribuir para a verificação e reparação desta última, ou vice versa (ASSMANN, 2011), pois foi com auxílio da História que elaboramos essa cartilha e é com ajuda da memória que os educandos vão refletir, dialogar e construir as atividades.

O conjunto de propostas apresentadas mais adiante podem ser desenvolvidas conjuntamente, ao longo de um ano letivo, ou pode ser aplicado separadamente, conforme critério determinado pelo educador. As propostas devem ser executadas no âmbito das disciplinas de Ciências Humanas do Ensino Básico ou no Projeto de Vida que compõe o currículo de escolas em tempo integral, desde que recebam adaptações para séries e perfis de turmas. Nos exemplos detalhados neste documento trabalhamos conceitos de acordo com as competências e habilidades do Novo Ensino Médio, que constam na BNCC de 2017.



EDUCAR PARA MEMÓRIA: APRENDENDO COM NOSSAS HISTÓRIAS



Educar para a memória coletiva e pessoal significa criar espaço de fala para o outro, evocando lembranças e buscando dar novos sentidos a elas. É ouvir para conhecer, identificar e reconhecer diferenças nas trajetórias, afim de compreender a pluralidade e participar de maneira mais consciente da diversidade social. Assim aprendemos com nossas próprias “histórias” e com as de outrem, a cada narrativa – relato/testemunho, imagem/fotografias, paisagem – trocas e partilhas num exercício de autoestima, autoconsciência e empatia.

Deste modo visamos contribuir para o cumprimento da Lei no 10.639, de 2003 que versa sobre obrigatoriedade do ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, que veio a se desdobrar em 2008 Lei no 11.645, que tornou obrigatório o ensino da “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”; nesse sentido, também tem por finalidade ajudar no desenvolvimento de competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – Ensino Médio – presentes na BNCC de 2017.

Vamos começar!



POR QUE DESENVOLVER ESSAS ATIVIDADES?

Os três conjuntos de atividades presentes nesta cartilha são passíveis de execução, tanto no modo presencial, quanto remoto (com auxílio do Classroom, Google Meet, entre outras ferramentas).

3



Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas a serem desenvolvidas

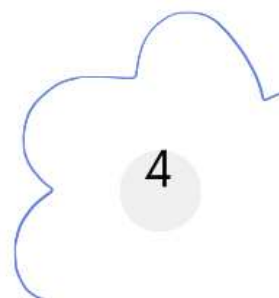
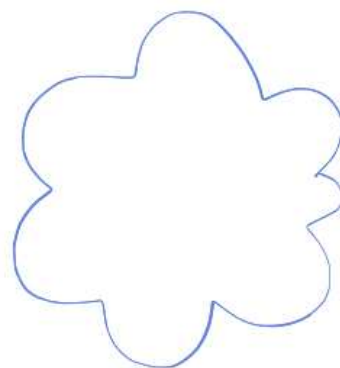
“1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles. (...)

3. Contextualizar, analisar e avaliar criticamente as relações das sociedades com a natureza e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de soluções que respeitem e promovam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global. (...)

5. Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

6. Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.”

(BNCC, 2017, P. 558).



A) MEMÓRIAS SOBRE O MEU, O, SEU, O NOSSO MUNICÍPIO



Esse conjunto de atividades com objetivo identificar a narrativa dominante sobre a nosso município por meio de pesquisas e discussões dirigidas com o intuito de levantar ambiguidades, contradições, objetivando exercitar e melhorar o pensamento crítico, à argumentação, o exercício da cidadania e desenvolver consciência social.

As atividade foram divididas em 12 passos ou ações, que colaboram com as relações étnico-raciais por tratar da positividade presente na diversidade, compreendendo-a como fator interminável de soma.

1 - Momento inicial: labore um cronograma para atividades.

Sugestões: Disponibilizar de 10 a 20 minutos semanais para orientações preliminares e para sanar dúvidas que possam surgir durante todo período de desenvolvimento das ações. Em média serão necessárias de uma a duas aulas para cada roda de conversa, um aula para realização de dinâmica e uma para feedback.



DICA:

Divida o conjunto de atividades durante um bimestre e não execute mais de uma ação por semana, porque isso ajudará na produção de resultados mais eficientes.



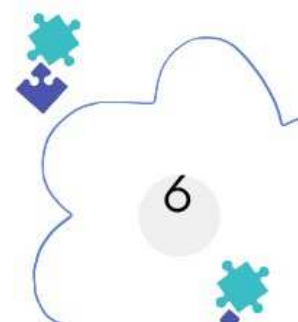
“

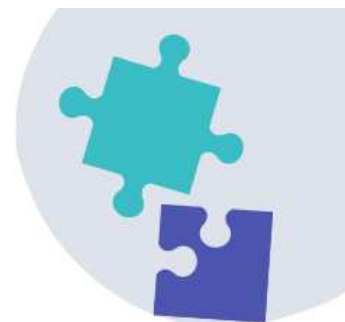
Habilidades a serem alcançadas segundo competências apresentadas

"(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais (...)"

"(EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos econômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta.".

(BNCC, 2017, P. 560 - 562).





02 - RODA DE CONVERSA I: A cidade numa memória dominante.

Pesquisa I - o educando deve buscar informações sobre a "história" da cidade em que vive, em uma pesquisa que anteceda o dia das discussões, levando o resultado dessa busca para o dia da roda.

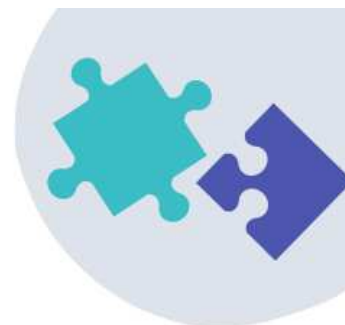
Sugestões de fontes para o município de Viçosa:

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vicosa/historico> > acesso em 20/07/2021.

- RANGEL, José M. O passado compassado de Viçosa. Disponível em: < <http://opassadocompassadodevicosa.blogspot.com/2010/11/o-passado-compassado-de-vicosa.html> > acesso em 19/07/2021.

3 - Para o dia da roda:

Organize o espaço no formato de círculo para que todos possam ver e ouvir uns aos outros. Comece o diálogo lendo o título da atividade e perguntado sobre a pesquisa dos alunos. O que chamou atenção? (se necessário, mantenha o debate com indagações para evitar silêncio prolongado e perda do foco). No Google Meet ou Classroom, deve-se pedir para os alunos deixarem a câmera ligada e o microfone deve ser acionado somente quando for exercer o direito de fala.

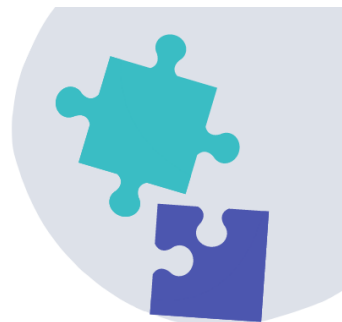


4 - Espera-se que o educador:

Ouçá e garanta o espaço de fala com igualdade, mediando as conversas. Algumas indagações devem ser feitas, quando não surjam naturalmente durante discussão. (no Google Meet, ou Classroom é possível clicar  na mãozinha para pedir a fala).

- Sentiram identificação com a narrativa? Sim, em quais aspectos? Não, por quê?
- Quais grupos podem estar sendo representados por memória? Quais lugares estão sendo privilegiados?
- Há silenciados ou subalternizados? Quem, por que e por quem?

Narrativas fazem parte da organização de uma memória. Elas são muito bem amarradas, de maneira a dar sentido a questões daquele presente em que são escritas e colaboram para a junção, legitimidade e identificação de um grupo. São tipos de narrativas: a dança, um documento, um monumento, um testemunho, ou a sua timeline (linha do tempo no Facebook, Instagram ou Twitter). Por fim, os alunos devem entender que essa memória sobre a história da cidade não é a única, que existem outras memórias (ADICHIE, 2009), sendo essa pluralidade que forna a riqueza cultural do município.



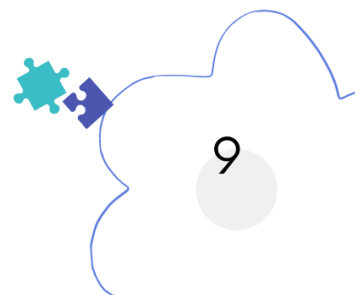
5 - RODA DE CONVERSA II: Povos originários e afrodescendente na construção do nosso município.

Podemos observar que a memória dominante tende a silenciar e subalternizar as memórias de grupos minoritários. Todavia, mesmo diante as violência físicas e simbólicas, elas resistiram na condição que podemos chamar de subterrânea (POLLAK, 1992).

Pesquisa II – Os educandos devem realizar uma pesquisa sobre " A versão da 'historia' dos indígenas pelos indígenas" e a resistência negra no município (arte, festas, música, entre outros). Sugestão de fontes para Viçosa/MG:

- Cultura: histórias e memórias. Congado. 2016. < <https://www.youtube.com/watch?v=PPCKNOdv7ug> > acesso em 21/07/2021.

- Prefeitura de Viçosa. Mãe Du – raizeiros. 2020. < <https://www.youtube.com/watch?v=IGU8ro3QwIs&list=PLaNOh8wJSg4c5-NibF0GWE7IOaws6C66D&index=10> > acesso em 16/08/2021.





Itaú Cultural. Aílton Krenak – Culturas indígenas. 2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LEw7n-v6gZA> > acesso em 21/07/2021.



Universidade Federal de Ouro Preto. Culturas Indígenas do Brasil lança a série Vozes dos Povos Originários do Brasil. 2008. https://open.spotify.com/episode/09efoevYZCy75v kJPwzohQ?si=VAfk_2NbRSSlyM2nYa2-9g&nd=1 > e < <https://open.spotify.com/episode/3SW7hWeM80mHxqQ4VpnoXd?si=DCS7zi0ITQ6H5QxEWQDtMw&nd=1> > acesso em 15/08/2021.



6 - Para começar:

Novamente, organize o espaço no formato de círculo para que todos possam ver e ouvir uns aos outros. (se necessário mantenha o debate com indagações para evitar silêncio prolongado e perda do foco). No Google Meet ou Classroom, deve-se pedir para deixarem a câmera ligada e o microfone deve ser acionado somente quando for exercer o direito de fala.

7 - Espera-se que o educador:

Reitera-se que o educador deve **ouvir e garantir o espaço de fala com igualdade**, mediando as conversas. Alguns indagações devem ser feitas, quando não surgirem naturalmente durante discussão (no Google Meet ou Classroom é possível clicar na mãozinha para pedir a fala).



10





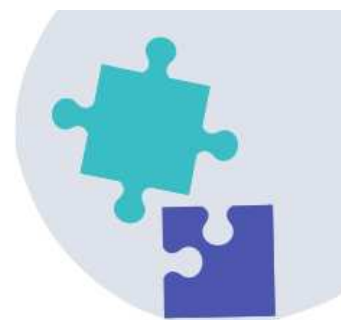
-
- A oralidade de povos originário e afrodescendentes pode se considerada uma forma de resistência? Por quê?
 - Elencar os tipos de narrativas apresentados nas conversas anteriores e atuais e suas particularidades.
 - Quais as formas de preconceito que podemos apontar a partir das narrativas pesquisadas?
 - Sustentabilidade: o que os povos originários podem nos ensinar a esse respeito?
 - Indígenas são apenas aqueles que vivem aldeados? Com certeza não! Esse pensamento é uma forma de reducionismo sobre essas populações! Pensar dessa forma contribui para invisibilidade dessas pessoas? Por quê?



A utilização de formas distintas de narrar devem ser compreendidas, sempre, como algo processual, histórico e de forte inclinação e apelo cultural. No caso dos povos originários a narrativa oral deve ser compreendida como uma forma de resistência, pois o colonizador iniciava o processo de colonização alfabetizando os indígenas; e, não ler e não escrever, foi um meio de resistir. Todavia, para os negros, durante muito tempo não houve um plano para ensino dessas populações, o que ressalta uma forma de exclusão social. Contudo, convém problematizar: a tendência às narrativas orais por parte dos afrodescendentes, também deve ser encarada como resistência, por fazer parte de herança cultural africana, da valorização da palavra falada em detrimento a escrita (BÂ, 2010).



8 – DINÂMICA: BRINCADEIRAS DA MINHA INFÂNCIA



9 - Promovendo o diálogo (questione)

- Qual era sua brincadeira favorita na infância? Dê detalhes.
- Quem você era na brincadeira – personagem/perfil – durante a sua participação? Em que lugar ela acontecia?
Qual sentimento positivo você tem por essas lembranças? E negativos?



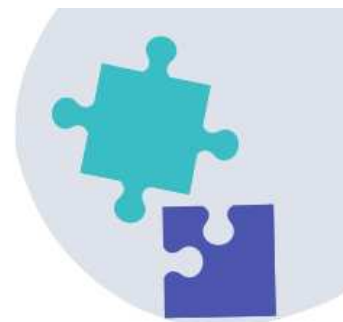
10 - Detalhando emoções

Cada aluno deve escrever um sentimento negativo e um positivo em papel oferecido pelo professor (nas atividades remotas o educador deve passar as dimensões da tira de papel com antecedência para que o educando se conecte com elas em mãos).

11 - Colocando em prática

O educador deve pedir para que os educandos coloquem o papel com seu sentimento positivo no chão, no centro da sala. Todos devem observar enquanto o professor faz a leitura com ênfase positiva (expor e fazer a leitura). Peça para que cada participante retire uma tira com o sentimento positivo que desejar ter ou melhorar, um de cada vez, apenas retirando-a e guardando-a consigo.

Nas Atividades executadas on-line, o aluno deve anotar na tira de papel, ao lado do sentimento que possui e externar sua escolha no chat. Repita o processo com os sentimentos negativos, dos quais eles devem retirar apenas um sentimento que não gostariam de sentir mais (não expor no chat, apenas anotar na tira).



12 - Resignificando sentimentos

O papel com sentimento negativo deve ser transformado em uma dobradura de papel e colado no caderno junto com o sentimento positivo. Veja como fazer um origami simples:

ORIGAMI +. Coração em 4 dobras de origami. Disponível em:

< <https://pt.origami.plus/coracao-em-4-dobras-de-origami>

> acesso em 23/07/2021. (No Classroom o professor deve exibir o vídeo)

O objetivo da dinâmica é refletir sobre o próprio passado para transformar o futuro. Buscando compreender que mesmo nossas melhores lembranças, como as das brincadeiras da infância, podem gerar em nós sentimentos negativos. Ao exercitarmos o olhar para trás, temos oportunidade de reconhecer, aceitar e transformar o negativo em positivo com atitudes simples, a exemplo de uma dobradura de origami.

B) REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIAS PESSOAIS: PROTAGONISMO E VALORIZAÇÃO DOS SUJEITOS



Atividades com relatos de vida contribuem para o desenvolvimento do autoconhecimento, da autoestima e da consciência social, auxiliando também na melhora das redações dos alunos, na identificação de protagonistas e em gatilhos de baixa autoestima como o racismo.

São 9 passos a serem seguidos para execução deste trabalho que tem como finalidade promover as relações étnico-raciais e as habilidades da BNCC.

1 – Elabore um cronograma para atividades. Sugestão: Em média será necessário um mês para orientações e produção textual, com mais um mês para organização e publicação da produção. Os textos devem ser escritos fora o horário das aulas, porém será necessário dedicar de 10 a 20 minutos por semana para conversar e sanar dúvidas de forma coletiva.

2 – Explique o que é um relato de vida. Ele será redigido na forma de uma redação, na qual o aluno deve escrever com sinceridade sobre a própria existência. Apresente o cronograma!

3 – Ofereça um roteiro que possa orientar produção textual. Não é necessário segui-lo à risca, mas o aluno deve buscar refletir sobre as questões do mesmo e tentar tocar nas questões durante a escrita da redação.



DICA:

Ouçá com empatia, sem fazer comparações entre as vidas de outros alunos ou a sua.

“

Habilidades a serem alcançadas segundo competências apresentadas

“1. (EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. P. 560

(EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. P. 560.

(EM13CHS601) Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual. P. 365.

(BNCC.2017. P. 560-565).





ROTEIRO

- Qual a sua idade e de onde você é?
- Não é nascido em Viçosa, então, onde nasceu?
- Com quantos anos se mudou para cá?
- Quais os motivos da mudança? Se não sabe converse com seus cuidadores a respeito?
- Você gosta de Viçosa, por quê?
- Fale da sua infância, de momentos marcantes, tanto bons quanto ruins.
- Fale da sua vida escolar.
- Você trabalha? Fale sobre o que faz e como aprendeu?
- Se não trabalha, fale sobre o que deseja aprender para ter a profissão que sonha exercer um dia.
- Já sofreu algum preconceito? Qual? Relate a situação? (Essa resposta não irá constar nas publicações).
- O que sentiu? (Essa resposta não irá constar nas publicações).
- O que a escola e a sociedade poderiam fazer para que outras pessoas não venham sofrer o mesmo que você?
- Você conseguiu superar esse sofrimento? Como? (Essa resposta não irá constar nas publicações).
- Se não pode explicar o porquê, faça uma reflexão: escrever sobre pode ajudar no alívio das dores provocados pelo preconceito sofrido. (Essa resposta não irá constar nas publicações).
- Fale sobre seus sonhos e os caminhos que pretende trilhar para alcançá-los.
- Atenção: Em respeito a intimidade dos alunos, respostas polemicas não serão publicadas, bem como as que dizem respeito a preconceitos.



DICA:

Esta é apenas uma sugestão de roteiro e você pode alterá-la de acordo com a necessidades de cada turma.



4 – Deixe claro, de maneira gentil: não há histórias ruins ou boas, feias ou bonitas, existem histórias singulares e devemos nos orgulhar da nossa! Cada sujeito carrega consigo muitas histórias, que, juntas compõem o que chamamos de existência.

5 – Um vez efetuada a entrega das redações, inicia-se a parte de seleção e transcrição dos textos.



6 – O professor deve ler o material e transcrever as partes mais relevantes em documento do tipo Word. Durante as transcrições não devemos corrigir os textos para não retirar a essência do testemunho. Pense: num relato de vida, a pessoa deve ter liberdade para escrever como fala. Quando necessário, é possível fazer algum ajuste discreto, caso haja algo que comprometa bruscamente o texto, mas só em último caso. Selecione fragmentos motivadores e positivos para publicação. Faça apenas um post para cada aluno.



7 – Os fragmentos devem ser publicados em posts de redes sociais da escola (Facebook, Instagram) para que toda comunidade escolar possa prestigiá-los. Nesse sentido o professor pode buscar auxílio do restante do corpo docente para a confecção do material. Sugestões: existem aplicativos gratuitos e simples para uso de iniciantes como o Canva, < <https://www.canva.com/> > acesso em: 23/07/2021. Com ele, você poderá fazer posts criativos facilmente.





8 – Converse com a direção da escola sobre o projeto e peça ajuda ao restante do corpo docente para divulgação e publicação do material – importante que as postagens sejam curtidas e, nesse momento, toda comunidade escolar pode ajudar.



9 – Se a turma for grande, publique um post por dia. Quando não, faça as publicações de duas a três vezes por semana, preferencialmente a noite, depois da 20h, horários que a "garotada" está conectada. Como primeira publicação sugerimos um post com apresentação sucinta do projeto. Cada postagem deve contar com uma breve legenda que acompanhará e dará sentido aos fragmentos do post. Dica: com boa conversa, podemos encontrar professores da escola dispostos a dar suporte nesta atividade.



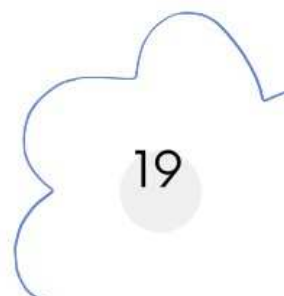
Busque iniciar e encerrar a série de publicações com um relato inspirador. Para motivar, selecione o melhor relato e conclua a série de publicações com ele. Fale sobre isso com os educandos.

- Os posts podem se tornar um varal de histórias a ser exposto em algum evento da escola.
- Ao final dessa atividade, o professor disporá de ferramentas para identificar pontos positivos e negativos da turma e para realizar um feedback, facilitando o desenho de soluções a problemas encontrados.

Para encerrar, reúna os alunos e pergunte sobre o que acharam da experiência.



Convém ressaltar que um bom relato não é aquele que apresenta um "herói": um educando que enfrenta obstáculos intransponíveis a todos, não! Certamente, esse tipo de relato tem valor, mas o foco dessa atividade deve ser em pessoas comuns, com dificuldades que podem parecer simples, mas não são. Reflita sobre as subjetividades e o lugar de fala dos alunos, por que, as dificuldades depende de pessoa para pessoa que fazem do simples, algo complexo. A baixa estima é um obstáculo para sonhos, a pandemia castrou expectativas e desfez planos, portanto, se a maioria deles ousar sonhar já será um grande ganho para todos.



C) LUGARES DE MEMÓRIA: COMPARTILHANDO VIVÊNCIAS



Os lugares de memória absolvem resíduos de memórias. Essas estruturas sólidas são utilizadas a partir dos sentidos que damos a elas e nelas investimos imaginação e simbologias. Um lugar de memória deve agregar três características simultâneas: material, simbólico e funcional (mais de uma funcionalidade). Esse conjunto de funções, sentidos e valores podem ser encontrados na relações que se estabelecem com arquivos, museus, cartas, documentos, monumentos, praças, paisagens entre outros. É importante ressaltar que o processo que torna algo em lugar de memória envolver temporalidade e subjetividades (NORA, 1993). Dito de outra forma, ele, precisa passar pelo crivo do tempo e, necessariamente, não precisa ser para o outro o mesmo que é para você. A experiência com eles podem ser tanto coletiva como individual e sua complexidade pode ser revestida de muita simplicidade.

Esse conjunto de atividades está previsto em 10 passos, que tem por finalidade promover as relações étnico-raciais e habilidades previstas na BNCC de 2017.



DICA:

Essas atividades devem ser desenvolvidas em parte na escola ou Classroom e parte em casa (pesquisas, produção textual e imagens), não devendo portanto substituir aulas, exceto nos espaços destinados a diálogos. Experimente explorar outros espaços da escola para o bate papo com os alunos (quadra de esportes, refeitório, jardins).

20



Habilidades a serem alcançadas segundo competências apresentadas

1 - "(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. P. 560.

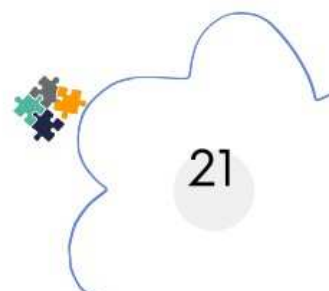


2 - (EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. P. 560.



3 - (EM13CHS601) Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual." P 365.

(BNCC.2017. P. 560-565).





1 – Explique aos educandos o que é um lugar de memória e apresente o cronograma das atividades. Sugestão: uma aula para apresentação das atividades, uma aula para apresentar o material produzido e de 10 a 20 minutos semanais para dúvidas e orientações. Em média, quinze dias para as reflexões, fazer as fotos e selecionar material para exposição, com mais quinze dias para organização dos posts e um mês para que a exposição das fotos na rede.



2 – Peça para que façam uma reflexão e que identifiquem um ou mais lugares de memória em seu município.

3 – Após a identificação, eles deverão busca um bom ângulo deste(s) e fotografá-lo(s) afim de construírem juntos uma exposição fotográfica para ser apreciada pela comunidade escolar nas redes sociais da escola.

4 – Ao final do primeiro mês, deve-se dedicar uma aula para que os alunos apresentem o material produzido, relatem como foram os trabalhos e selecionem uma foto para exposição. Com a imagem selecionada, o aluno deve entregar um pequeno texto explicando como e por que se identifica com o "lugar de memória" escolhido.



5 - O educador pode usar, novamente, um aplicativo do tipo Canva para organização e vinculação das fotos em redes sociais (quinze dias para essa parte dos trabalho). A cada semana, se publica-se uma série, sem se esquecer da legenda, explicando o projeto e que também referencie os autores das fotos daquela semana.



6 – Antes da primeira publicação, divulgar nas redes um pequeno texto informativo descrevendo o projeto, as séries de fotos e as datas nas quais a exposição estará disponível na rede.

7 – Enquanto o material é publicado, os alunos devem ser orientados a colaborar, curtindo, compartilhando e comentando o material, como parte das responsabilidades na promoção das atividades.



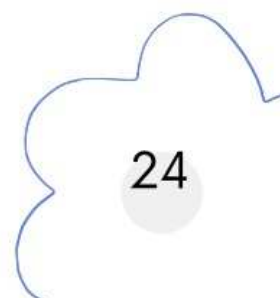
8 – O professor deve buscar ajuda do corpo docente e direção, para divulgação a toda comunidade escolar, pedindo para que ajudem curtindo, compartilhando e comentando, quando tiverem memórias e, sentimentos em relação a esses lugares, para que a partilha aconteça pelo maior número de pessoas.

9 – Para encerrar as ações selecione as fotos mais curtidas, comentadas e compartilhadas e faça uma publicação agradecendo a todos que participaram e colaboraram de alguma forma, publicando as “queridinhas” da exposição.

10 – Como nas escolas públicas contamos com muitos alunos por turmas, sugere-se agrupar as fotos em 4 séries, de acordo com as similitudes entre o material. Por fim não esqueça de retirar alguns minutos de aula para questionar os alunos sobre a experiência.



É importante frisar que esse conjunto de ações requer dos educandos reflexão e observação pormenorizada de seu entorno, com o intuito de identificar no bairro, na sua rua e nos lugares públicos, espaços que remetam a memória afetiva. O exercício é para que o coletivo experimente, partilhe, perceba e valorize o seu município.



BIBLIOGRAFIA



ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma única história. Tradução de Eri a Barbosa. Original disponível em: < http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html. s/d. Tradução disponível em: <http://www.google.pt/url> > acesso em: 22 de janeiro de 2020.



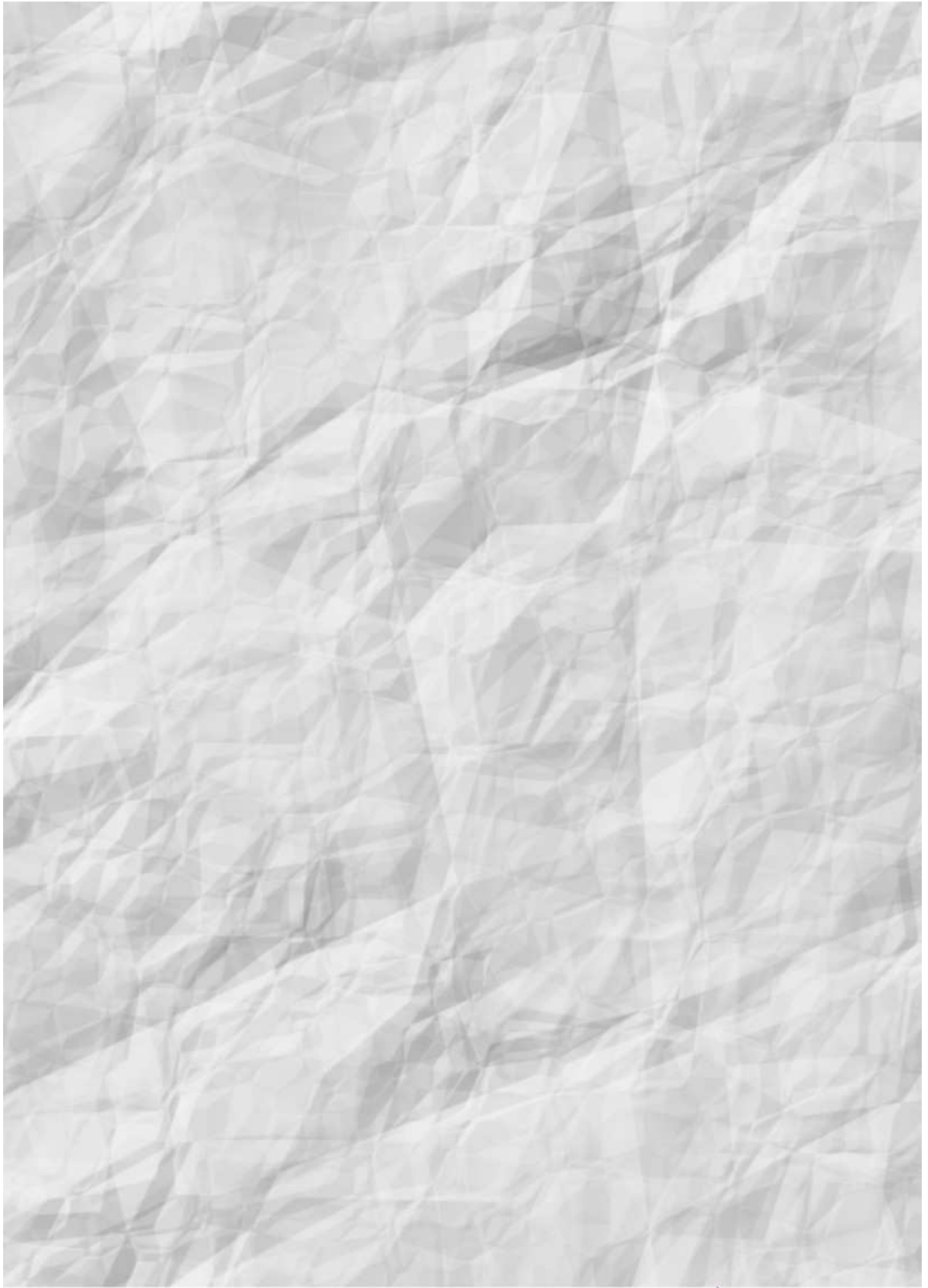
ASSMANN, Aleida. Memória funcional e memória cumulativa: Dois modos da recordação. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BÂ, Amadou Hampate. A tradição viva. In: Ki-Zerbo, Joseph (Org.). História geral da África. Vol. 1, Brasília: UNESCO, 2010. p.211.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília, DF: MEC, 2015.

HALBWACHS, Maurice. A memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

NORA, Pierre. Entre memória e História. A problemática dos lugares. In: Projeto História, no 10, p.7 -28. São Paulo: PUC/SP, dez. 1993.



FONTES

- Principais produções bibliográficas sobre o município de Viçosa:

ALENCAR, Alexandre. **Fatos e Vultos de Viçosa: da primeira bandeira ao ano de 1892**. Belo Horizonte: Estabelecimentos Gráficos Santa Maria S.A., 1959.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa: mudanças Socioculturais. Evolução Histórica e tendências**. Viçosa: Editora UFV, 1990.

RIBEIRO FILHO, Geraldo Browne. **A formação do espaço construído: cidade e legislação urbanística em Viçosa, MG**. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 1997. 244 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

- Documentário produzido sobre o congado de São José do Triunfo:

Cultura: histórias e memórias. **Congado**. 2016. < <https://www.youtube.com/watch?v=PPCKNOdv7ug> > acesso em 21/07/2021.

- Periódico de circulação local:

Jornal Folha da mata

BIBLIOGRAFIA

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma única história**. Tradução de Eri a Barbosa. Original disponível em: http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html. s/d. Tradução disponível em: <http://www.google.pt/url>, 2009.

ALENCAR, Alexandre. Fatos e Vultos de Viçosa: da primeira bandeira ao ano de 1892. Belo Horizonte: Estabelecimentos Gráficos Santa Maria S.A., 1959.

ALVES, Romilda Oliveira. **A conquista e a expansão da fronteira: Zona da Mata (1808-50)**. In: SOUSA, Jorge P; ANDRADE, Rômulo G. (Org.). Zona da Mata: fronteira, escravidão e riqueza. Rio de Janeiro: apicuri, 2014, p. 13-50.

ALMEIDA, Carla Maria Carvalho. **Ricos e Pobres em Minas Gerais: produção e hierarquização social no mundo colonial, 1750 – 1822**. Belo Horizonte: Arqymentvm, 2010.p. 29-30

ASSMANN, Aleida. Memória funcional e memória cumulativa: Dois modos da recordação. **Espaços da recordação:formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

CAMARGO, Cláudio. O meio é a mensagem: a globalização da mídia. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 269-284, 2012.

CARRARA, Ângelo Alves. **Minas e Currais: produção rural e mercado interno de Minas Gerais, 1674 – 1807**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.

CARRARA., Ângelo Alves. A pecuária: rebanhos e distribuição geográfica. In REZENDE, Maria Efigênia Lage de Resende e VILLATA, Luiz Carlo (orgs). **História de Minas Gerais – A Província de Minas**. Volume 1.

BARBOSA, Marialva. **Introdução**. In: **História Social da Imprensa – Brasil (1900 – 2000)**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r0085-3>.

BÂ, Amadou Hampate. A tradição viva. In: Ki-Zerbo, Joseph (Org.). **História geral da África**. Vol. 1, Brasília: UNESCO, 2010. p.211.

BURK, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria L. Coelho. **O bravo matutino – imprensa ideologia: o jornal Estado de São Paulo**.

- CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/Editora UNESP, 2001.
- CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os Arquitetos da Memória**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO; Maria do Rosário da Cunha. **Na Oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa**. Projeto História, São Paulo, n. 35. dez. 2007. (p253 – 270) Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/issue/view/171/showToc> .
- COSTA, Fernando Antônio Alves da. **Em distantes paragens: demografia, riqueza, escravidão e mercado em Santa Rita do Turvo na segunda metade do Oitocentos**. 2014. 371f.. Tese (Doutorado em História Econômica) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
- CRUZ, Tancredo A. et al. **Retrato Social de Viçosa III**. Viçosa, MG: CENSUS, 2007.
- DOSSE, François. A História em Migalhas. **Dos Annales à Nova História**. Trad. Dulce A. Silva Ramos. São Paulo: Ensaio/Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1992.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **A imprensa a serviço do progresso**. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia regina de (org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p.83 - 102.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em Processo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc/IPHAN, 2005.
- GONDAR, Jô; DODEBEL, Vera. **O que é memória social**. 1. ed. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARTOG, François. **Tempo e história: “como escrever a história da França hoje”?** História Social. Campinas (SP), no 3. 1996. p. 127 – 154.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.
- LIBBY, Douglas Cole. O grande plantel mineiro do século XIX: origens e posses. In: RESENDE, Maria Efigênia de Resende; VILLATA, Luiz Carlos (orgs.). **História de Minas Gerais: a província de Minas**. Volume 1. Belo Horizonte: Autêntica |Editora; Companhia di Tempo, 2013. p. 171 -198.

- MARTINS, Walkiria M. F. **A pena e o compasso: políticas públicas patrimoniais e a produção da paisagem urbana**. 275 f. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Federal de Viçosa, Viçosa 2016.
- NORA, Pierre. **Entre memória e História. A problemática dos lugares**. In: Projeto História, no 10, p.7 -28. São Paulo: PUC/SP, dez. 1993.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, SP. 1992. p. 9 - 4,
- PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa: mudanças Socioculturais. Evolução Histórica e tendências**. Viçosa: Editora UFV, 1990.
- _____. Viçosa: **tradições e folclore**. 2a ed. Viçosa: Editora UFV, 1983.
- PAULA, Karine de Almeida. **A produção do espaço urbano vertical na Zona Central de Viçosa – MG**, no período 1980-2012. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2013.
- PAULA, Ricardo Zimbrão A. História da formação regional da Zona da Mata mineira. In: SOUSA, Jorge P; ANDRADE, Rômulo G. (Org.). **Zona da Mata: fronteira, escravismo e riqueza**. Rio de Janeiro: apicuri, 2014. História da formação regional da Zona da Mata mineira. p. 51-82.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5, n.10. 1992. p.200 - 212.
- _____. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n 3, 1989. P.3 – 15.
- RIBEIRO FILHO, Geraldo Browne. **A formação do espaço construído: cidade e legislação urbanística em Viçosa**, MG. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 1997. 244 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a História, o Esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007 [2000] (Col. “Espaços da Memória”).
- _____. **Teoria da Interpretação. O discurso e o excesso de significação**. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Edições 70.
- SILVA, Helenice Rodrigues da. **Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória**. Revista Brasileira de História, São Paulo: ANPUH, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **Abusos de la memória.** Espanha: Ariela, 1995.

ANEXO A



Figura 1: Recorte de jornal com manchete sobre a CPI da Barrinha.
Fonte: Folha da Mata.



Coluna do PANIAGO

Vereador Euter Paniago

(Esta coluna é de inteira responsabilidade do autor e tem o propósito de focalizar temas relacionados com a comunidade viçosense).

O caso dos túmulos de três ilustres viçosenses e outras coisas

Os três túmulos

Embora ainda muito jovem — ele tem apenas 17 anos —, José Mário da Silva Rangel já é presidente da Associação dos Moradores do Bairro Santo Antônio.

Neto, por adoção, do saudoso Mário Dutra dos Santos, o jovem viçosense mostra profunda preocupação com as coisas de nossa terra, especialmente as ligadas a nosso passado histórico.

Pois é esse jovem, tão novo e tão maduro para as coisas de Viçosa, que traz a meu conhecimento o fato de que, no velho cemitério do final da rua Padre Serafin, os túmulos de Antônio da Silva Bernardes, Carlos Vaz de Mello e José Theotônio Pacheco estão em más condições de conservação.

Antônio da Silva Bernardes, português, é o pai de Arthur da Silva Bernardes, o vulto maior de nossa história.

Carlos Vaz de Mello é o primeiro presidente da Câmara Municipal de Viçosa, mais tarde senador da República e sogro de Arthur Bernardes.

José Theotônio Pacheco é o quarto presidente da Câmara Municipal, vindo logo depois de Carlos Vaz de Mello, Manoel Bernardes de Souza Silvino e João Lopes de Faria Reis.

São três vultos que ilustram nosso passado e que, para preservar suas memórias, seria conveniente que estivessem sepultados em túmulos razoavelmente bem conservados.

Por pensar assim, encaminhei solicitação ao senhor prefeito municipal, argumentando que o poder público deve e precisa cuidar também da preservação da memória dos vultos proeminentes de nosso passado e que, no caso em apreço, é mais do que justificada a interferência da municipalidade, mesmo porque os reparos a serem feitos não representam despesas de monta.

Ainda aguardo pronunciamento do senhor prefeito municipal sobre minha solicitação, no sentido de mandar restaurar os túmulos de nossos ilustres antepassados. Não tenho motivos, porém, para imaginar que sua Excelência deixe de atender à solicitação, por entender que ela representa a vontade de nossa gente.

Fico aguardando, pois, que o senhor prefeito municipal, diferenças políticas à parte, dê, nesse final do governo, uma demonstração, por pequena que seja, de que também se preocupa com a preservação de nosso passado histórico.

Assim que Sua Excelência autorizar os reparos nos três túmulos — estou imaginando que ele não deixará de fazê-lo —, darei conhecimento a meus leitores, nesta mesma coluna.

O corte indevido

O professor Alberto Martins Rezende mora na rua Madre Maria das Neves, número 48, no bairro de Fátima.

Faz poucos dias, sem qualquer aviso prévio, a água de sua casa é cortada.

O professor, que é correto cumpridor de seus deveres, procura o SAAE para conhecer o motivo do corte.

"Sua água não foi paga no mês de outubro do ano passado" é a resposta que ele recebe.

Embora tenha transcorrido quase um ano do aludido "crime", o professor rebusca seus guardados e lá encontra, já meio amarelada, a velha conta devidamente quitada.

De posse dela, ele volta ao SAAE, apresenta-a e recebe um simples pedido de desculpa pelo engano cometido.

Sobre os danos provocados pelo corte indevido, pelos transtornos causados, nada se faz, nada se diz e nada se comenta.

É uma pena que não tenhamos um órgão de fiscalização.

Impeachment leva multidão



Flagrantes de passeata pela Avenida P.H. Rolfs

A passeata pró-impeachment contra o Presidente Collor, organizada por entidades representativas dos estudantes, funcionários e professores da UFV, realizada na última terça-feira, 22, levou centenas de pessoas ao ato público na Praça Silviano Brandão.

Iniciada após concentração em frente ao Coopasul Bar (DCE-Piscina), a passeata seguiu pela Avenida P.H. Rolfs, passando pelo Calçadão Arthur Bernardes em direção à Praça. Durante todo o trajeto os manifestantes gritavam palavras de ordem e eram aplaudidos por transeuntes e demais pessoas que preferiram assistir ao movimento das janelas de suas residências em vez de somar esforços em prol da causa. Sem nenhum incidente durante o percurso, a multidão chegou à praça onde se iniciou o ato público. A partir daí as vaia foram uma constante, durante o pronunciamento dos convidados. As faixas, cartazes e bandeiras eram erguidos ao som de ruidosos apupos. Vale frisar que, numa observação mais minuciosa, as vaia eram mais um sinal de protesto atual contra o atual governo Collor.



O ato público na Praça Silviano Brandão



Valorize seu voto

Ajude a reeleger o

Prof. PANIAGO

A voz corajosa e independente em defesa dos interesses de Viçosa

Para Vereador, escreva na cédula:

— Paniago — Prof. Paniago — Euter Paniago ou 25.655

Prefeito: Prof. José Américo Garcia **PFL** Vice-Prefeito: Dr. Carlos Raimundo Torres

Figura 2: Recorte de jornal contendo propaganda eleitoral do vereador Euter Paniago ao lado de sua coluna semanal.

Fonte: Folha da Mata.

E a turma... de Flores, do - que saudade! - Geraldo Vandré: "Vem, vem, vem, embora, que esperar não é saber! Quem sabe faz a hora, não espera acontecer."

Desejo interpretar a atitude dos jovens. Mas antes desejo interpretar a situação deste pobre rico país. Outrora o Governo nem precisava estar tão fundo no povo, e o Exército já estava de prontidão. Hoje, de prontidão mesmo só o povo. O que, por um lado, é bom. Bom, quando prontidão significa diligência, alerta, pronto para agir. Mas o que, por outro lado, é mau. Mau, quando prontidão significa pândia, quebraadeira, bolso vazio. Daí falta de alimento, de

mandato para casa - ou para a cadeia - os ladrões, os corruptos, os incapazes e elegerão uma Câmara e um Prefeito dignos de uma Vicososa sede de uma das maiores universidades do continente.

Ah! E não entendendo o sinal dos jovens - ou entendendo? - alguns políticos frustrados com os acontecimentos da Silvano Brandão confessaram a seus botões, fazendo-me lembrar do cara de Jutz de Fora.

Vou parar por aqui. Acho que alguma coisa está murchando...

Nos países mais avançados e nos países subdesenvolvidos, o regime democrático apresenta dois importantes aspectos que precisam ser cuidadosamente estudados: um que *une* e outro que *separa*, como havemos de mostrar, nas linhas que se seguem. É um regime que *une* os *pequenos* e que *separa* os *grandes*. O regime democrático dá oportunidade a todas as pessoas de escolher os representantes que consideram capazes de dirigir os destinos da "coisa pública", através das unidades partidárias. E está é a sua grande vantagem. Neste sentido é mais justo do que qualquer outro regime, como é o caso do regime monárquico, no qual todas as decisões ficam ao arbóio de uma única pessoa, isto é, o rei ou o monarca. O mesmo quase que acontece, em idêntica situação, no regime oligárquico, em que apenas um pequeno grupo tem o privilégio de tomar todas as decisões. Nesse sentido, o regime democrático nos parece mais justo, porque dá oportunidade de escolha dos dirigentes a toda a população, organizada em termos partidários. Mas, não obstante isso, toda a força política do país fica dividida, entre *grandes* e *pequenos*, como havemos de mostrar mais adiante.

Nos países de civilização mais avançada, ou de mais *cultura*, os líderes têm tentado evitar esse inconveniente do enfraquecimento das forças políticas, instituindo o chamado *bipartidarismo*, o que não acontece nos países subdesenvolvidos, nos quais predomina, via de regra, o *pluripartidarismo*, e isso leva esses países a um clima constante de luta pelo controle do poder político. Em nossos dias, em que os eleitores da penitência, menos esclarecidos, exercem poder

O regime democrático

Edgard de Vasconcelos

rosa influência nos resultados eleitorais, nem sempre os eleitos são os mais capazes, mas aqueles que podem oferecer mais segurança e mais bem-estar àqueles que vivem em permanente estado de pobreza, ou mesmo de penúria. Daí a sua preferência àqueles que lhes podem oferecer mais recursos para minorar a situação em que vivem. Nesse sentido, os partidos que podem "oferecer mais" unem os pequenos e conseguem, com isso, obter, não raro, estrondosos resultados eleitorais.

Quanto aos *grandes*, isto é, aos mais esclarecidos, o que sucede, com frequência, é seguinte: todos se julgam com direito à conquista do poder e, por isso, entram num clima permanente de luta, ou de hostilidades e, com isso, esse importante segmento da população que poderia dar uma excelente contribuição ao desenvolvimento nacional, fica seriamente enfraquecido. Este é, no nosso modo de entender, o grande problema que a Democracia encontra, nos países subdesenvolvidos, para acelerar o seu desenvolvimento. Se os *grandes* se unissem para a escolha do mais capaz, em pouco tempo os países subdesenvolvidos superariam os grandes problemas que se abormentam em toda parte. Mais, por que motivo isso não acontece? Sim-

plemente por duas razões fáceis de se explicar: primeira porque todos se julgam com direito ao exercício do poder; segunda porque, em se tratando do "processo político", todos agem emocionalmente, preferindo a luta aberta em detrimento da "coisa pública", à união pacífica em favor da eficiência política e administrativa do município, do Estado ou do País.

Isso significa que, no regime pluripartidário, nem sempre é o melhor aquele que se elege, mas o que pode distribuir maior volume de favores ou de benesses aos necessitados.

Tudo o que temos dito até aqui não é fruto apenas de observação ou de estudo, mas de "vivência do problema político" em nosso município, em nosso Estado e em nosso país. Pois, bastou que nos dispuséssemos à conquista de um mandato legislativo, em nossa região, para que, de pronto, "grandes amigos" se afastassem de nós, rompendo velhas amizades de família, construídas e acalentadas durante algumas dezenas de anos. E infelizmente, ainda hoje, muitos desses "velhos amigos" nos "olham com desconfiança", com mágoa ou ressentimento, apesar de se tratar, às vezes, de pessoas que nos pareceram lúcidas e capazes de compreender que o nosso grande propósito era servir um pouco mais à terra de nossos filhos, procurando caminhar para o nosso meio uma série de benefícios, que não nos deixaram trazer por simples "espírito de emulação pessoal". Por isso, não será de admirar que a "união dos pequenos" acabe derrotando, mais uma vez, a "união dos grandes", no próximo pleito eleitoral. Pois, é assim que "funciona" a Democracia, nos países subdesenvolvidos, através do pluripartidarismo.

Para Vereador

PÉLMIO
Simões
de
Carvalho
15604
PMDB

GARANTA 4 ANOS DA MAIOR OBSERVÂNCIA DAS LEIS EM VIÇOSA

São 2 as funções principais de um VEREADOR:

- Fazer as leis municipais e
- Fiscalizar o poder executivo no cumprimento das leis que estão em vigor.

O candidato PÉLMIO SIMÕES DE CARVALHO, proprietário e diretor do jornal FOLHA DA MATA, tem capacidade para legislar e tem nas mãos a mais poderosa arma da democracia: um jornal com grande circulação e credibilidade.

Votando em PÉLMIO SIMÕES DE CARVALHO, - caro eleitor, - você terá um VEREADOR na Câmara e... a FOLHA DA MATA dentro da Prefeitura.

Ponha os dois na Câmara a seu serviço... em seu voto.

FOLHA DA MATA - 26/09/92

Figura 3: Recorde de jornal contendo propaganda da candidatura de Pélmio S. Carvalho para vereador.

Fonte: Folha da Mata.